DIVAN eBooks

Além do Frio Noturno

Divan Braga

Além do Frio Noturno

Além do Frio Noturno

Divan Braga

PARTE I

PRÓLOGO

ALICE RECEBEU A CHAMADA exatamente à meia-noite.

Seus pés descalços apalpavam o chão enquanto ela, com os olhos cansados de tanto chorar, nada expressava, na escuridão do quarto. Sentada na cama, olhava para sua própria silhueta refletida no espelho à frente, causada pela luz da lua a entrar pela janela. O cabelo cortado rigidamente na altura do pescoço. O rosto silencioso. Pequenas olheiras embaixo dos olhos.

Triste, porém inexpressiva. Apenas ouvindo o som abafado da chuva pesada cair sobre a cidade às 23:59.

Olhou para o chão. Para as mechas de seu cabelo negro cortadas, incompletas, jazendo sobre o cascalho frio que ela podia sentir com a planta dos pés. Olhou para a tesoura em sua mão. Largou-a, ouvindo em seguida o tilintar do metal batendo contra a laje obscura de onde se desenhavam figuras geométricas tão melancólicas quanto a própria escuridão.

Jogou-se de costas, sem olhar ou se importar onde cairia, e sentiu a maciez da colcha sob suas costas. Os pés deixaram de tocar o chão.

Ela já sabia. Sabia o que estava a ponto de acontecer. Mas não tinha medo de simplesmente deixar acontecer.

Viu um clarão que iluminou o quarto por uma fração de segundo. Ouviu um trovão. E, de maneira tão súbita que em outro momento lhe daria um breve susto, o celular vibrou. Três vezes.

Ela já sabia. Sabia quem a estava chamando. E sabia o que ele queria. E

ainda não estava com medo de deixar acontecer.

Hesitou por um instante, depois ergueu-se rapidamente até alcançar o dispositivo e o agarrou de sobre a escrivaninha.

Atendeu.

Houve um longo silêncio, com o barulho da chuva a soar baixinho no fundo.

- Alice? - A voz saía com ruído, provavelmente por causa da chuva. Ou não.

Mais uma vez, ele chamou:

- *Alice?*

Ela apenas ouvia sua voz, doce e simples. Em um tom que só podia oferecer paz e proteção, como sempre fora. Jamais ouvira aquela voz representar algo ruim, jamais.

De repente, ela viu todas as lembranças que tivera com ele passar por seus olhos, os tempos felizes onde os problemas eram enfrentados em vez de ignorados, onde seus sonhos, agora substituídos por alucinações, a lembravam de um futuro feliz. Ou normal. Ou de qualquer outro futuro que não fosse o que ela agora contemplava.

E, de repente, sentiu medo. O medo que devia estar sentindo horas trás, dias atrás. De deixar acontecer o que ela sabia que ia acontecer naquele momento.

Ela decidiu não responder, a fim de poder ouvir a voz dele uma vez mais, chamando seu nome. Mas suas esperanças não tiveram efeito. Em vez disso, ele começou a dizer o que a destroçou por dentro ainda mais, o que ela sabia que ele iria dizer, mas que agora a apavorava.

• • •

LEVANTOU-SE. CORAÇÃO acelerado.

Sim. Era exatamente isso que ela pensava que ia ouvir naquela chamada, e, por mais que já soubesse disso, agora que ele havia dito, a dor pareceu cem vezes mais forte. Tudo desabou. Podia sentir a escuridão se aproximando mais e mais, envolvendo-a com suas asas gélidas e sombrias enquanto ela só queria chorar. Tudo era muito melhor enquanto ainda estava na hipótese. Alguém enfiara uma adaga em seu coração com toda a força e o mais profundo que podia, só para vê-la sangrar. E esse alguém era ele.

Sentiu as lágrimas ardentes lutarem para se libertar, mas espremeu os olhos por um segundo e as conteve.

Tristeza.

- ...Alice?

Ela finalizou a chamada, olhando fixamente para o vazio - se é que isso é possível. O vazio que acabara de surgir dentro dela.

Tinha que pensar mais rápido do que podia, então se contentou em precipitar-se sobre a primeira coisa que lhe veio à mente. Em uma velocidade que nem ela mesma podia imaginar, ajoelhou-se para pegar o casaco que jazia no chão ao lado de um par de sapatos *All Star*, vestiu o casaco, pôs os sapatos, foi até a porta, saiu do compartimento, levando o celular, atravessou o corredor sombrio de cuja parede branca à direita pendia uma cópia de *Guernica* no papel umedecido e desgastado.

Dirigiu-se à porta principal e abriu-a, sendo repentinamente atacada pela fria rajada de vento e gotículas de chuva com seu ruído depressivo. Seus cabelos – agora curtos - voando ao vento frio. Fechou os olhos e ergueu a mão aberta em uma tentativa fracassada de proteger-se do vento.

Subiu o capuz. Correu até o carro, atravessando o clarão de uma lâmpada focal amarelada de um poste sob a chuva, sentindo as gotas volumosas molharem o casaco às suas costas e o frio de congelar os dedos.

Entrou no carro, e só então sentiu a vibração do celular.

Atendeu.

• • •

MAS... DO QUE você tá falando? *Não!* Você... você *não pode* fazer isso! Nunca!

Estacionou lentamente, sentindo pouca força que sobrara esvair-se dela.

O nervosismo a engolia enquanto abria a porta rapidamente, desejando que seus pés ficassem logo de fora para poder correr livremente até chegar onde queria.

Pequenos fragmentos de lágrimas já se acumulavam no canto dos olhos, misturados às gotas de chuva, tornando-se maiores. Um relâmpago brilhou no céu escuro, onde poucas estrelas podiam ser vistas, a maioria coberta por nuvens noturnas que impediam a visão da imensidão.

Alice saiu do carro e entrou no edifício correndo. O pouco tempo que

passara exposta à chuva fora suficiente para ficar encharcada, as roupas e o cabelo molhados. O vazio em todo o edifício permitia mais rapidez.

Chegando ao quarto, viu-o. Gotas surgindo e escorregando pelo rosto. Só agora desligou o celular, observando-o calada. Um longo silêncio surgiu, com intervalos nos soluços da jovem.

- Você não pode fazer isso... - Uma mecha se soltou e escorregou para a testa, cobrindo parte do olhar.

Correu bruscamente até alcançá-lo, no outro lado do amplo compartimento. Abraçaram-se.

Ela fechava os olhos com força, o rosto molhado, agarrada àquele corpo. Pressionava-o fortemente.

- Não pode fazer isso! - Sua voz estava abafada pelo casaco grosso de quem apertava, do jovem. - Não pode me deixar aqui! Nunca!

Um momento de silêncio antes de Alice levantar o olhar muito lentamente, para vê-lo imóvel.

- Não pode... - repetiu, apertando-lhe ainda mais.

Sentiu o toque no queixo. A mão dele, que o erguia devagar.

- Você ficará bem.

- Não! Sabe que nunca vou ficar bem! – Os braços envoltos nele davam-lhe mais vontade de apertar. – Não faça isso! Eu nunca esqueceria. – Procurou acalmar-se, embora fosse difícil.

O impossível acontecera. Ou estava prestes a acontecer. Um futuro negro parecia envolver a garota, triste, que poderia levar a dias sem sono, dias de choro, de dor, sofrimento.

- Por favor... – respirando profundamente, levantou o rosto molhado para o observar.

Ele estava imóvel, inexpressivo, vazio, sem compaixão, sem medo, sem ódio, sem amor por ela, sem demonstrar nem sequer um único ponto de qualquer sentimento existente em todo o universo. Seus olhos pretos a observar a chuva lá fora.

Pela primeira vez no grande espaço de tempo que ficaram juntos, desde que se conheceram, não podia impedi-lo. Perdera todo o seu poder sobre o jovem, e, ouvindo o ruído da chuva lá fora, sentia isso ainda mais.

Podia lembrar:

- ...Posso tentar adivinhar o que é? - ele perguntou.

- Claro - disse.

Ele esperou meio-segundo para seu primeiro palpite:

- ...Gravata?

- Gravata.

Riram. Ele a abraçou.

- Obrigado - disse, e afastou-se o suficiente para beijá-la, ainda a envolvê-la.

E agora ambos estavam ali, sozinhos. Alice chorando, ele inexpressivo.

- Já pensou em como ficarei se você fizer isso?

- Sim. Mas a alegria deve estar na maioria. Todos ficarão felizes, e apenas uma pessoa triste.

Já não se abraçavam.

- Uma pessoa que devia ter o mesmo valor de todos os outros juntos.

- Nenhum monstro deve ficar vivo. Ou perto de alguém. Eu preferia ter morrido, Alice.

- Do que está falando?

Viu aquele sorriso sem felicidade.

- Você ficará bem. – Virou-se para a janela, vendo a chuva grossa. – Mas, eu? Eu sou um monstro.

CAPÍTULO UM
(SETE MESES ANTES)

O AZUL PARECIA TER mais cor naquela manhã, como se toda a cidade estivesse coberta por uma camada de névoa pouco transparente. As estradas pareciam muito bem pavimentadas, pelo menos naquela parte da cidade. O céu estava limpo e exibia sua beleza sobre as casas em movimento. Um dia perfeito e cheio de inspiração para começar do zero.

Eram apenas 8:00 da manhã. Alice estava na estrada, podendo sentir o vento bater em seu rosto, seus longos cabelos voando enquanto ouvia o magnífico som de *Frank O'Hara* em um volume considerável. Esperava ter sorte. Sim, esperava. E iria ter. Na melhor das hipóteses.

Cantarolou um trecho da música, vendo em seguida a cidade ao longe do tamanho de um ponto. Ponto final? Não nesse caso.

O celular tocou quando ela se aproximava do primeiro semáforo.

- Calma... - sussurrou para quem quer que estivesse ligando, enquanto diminuía a velocidade.

Atendeu.

- Alice falando.

- Oi, como você está? - A voz parecia meio cansativa. Talvez até um tanto desafinada.

- ...Boris?

- O próprio.

Droga. Qualquer um, menos Boris.

- ...Nossa, me desculpe! Eu não tinha reconhecido a voz, aqui tem muito

barulho.
- Sem problema...
Ela se inclinou um pouco para ver o sinal. Ainda vermelho.
- Hã... Eu... estou bem. E você?
- Estou ótimo!
- ...Que bom! - Tentou fingir interesse, mas nisso ela não era boa.
A coincidência seria extraordinariamente grande se Boris estivesse ligando só por ligar. Ele iria mencionar. Com certeza iria. E, exatamente quando ela pensou isso, como um passe de mágica, ele mencionou, com sua voz desafinada:
- Então... Harry me contou que você virá pra Nova Iorque.
Ela fechou os olhos em desaprovação. Odiando-se por não saber mentir - o que, em seu caso, era uma ironia gigantesca.
- Sim. Na verdade...
Alguém buzinou atrás dela. Um homem calvo e bigodudo, de acordo com o espelho retrovisor.
Ela checou. Sinal verde.
- Boris, eu tenho que ir. Eu te...
- O que você ia dizer?
- ...ligo depois. Talvez ainda hoje, porque eu...
- Espera!
- ...vou me ocupar um pouco.
- Mas o que você que ia dizer?
Ela hesitou. O senhorzinho bigodudo buzinou cinco vezes, impaciente.
- Eu já estou em Nova Iorque. - E desligou.
Pensou em dar marcha à ré e estragar o capô do senhorzinho irritado atrás dela. Em vez disso, engoliu a impaciência e seguiu seu caminho até a Avenida Arthur.

• • •

BORIS COM CERTEZA iria entrar em contato mais tarde, o que seria uma tragédia, pelo menos para ela. Certamente não devia ter contado que já havia chegado. Devia ter mentido. Sim, devia ter dito que ainda estava em Baltimore e que só iria chegar no fim da semana. Se bem que ele não perguntou nada a respeito. Mas o estrago já estava feito, então...

A casa era grande o suficiente para atender seus requerimentos, e nada além disso. Uma sala de estar pequena com uma ampla janela, dois quartos de tamanhos consideráveis e uma cozinha suficientemente vasta.

Alice chegou no crepúsculo, exausta, e não se deu ao trabalho de desempacotar suas coisas ou de pensar muito em nada. Tomou um banho, teve batatas no jantar e foi dormir.

CAPÍTULO DOIS

HAVIA UMA CAIXA FALTANDO, mas ela deixou pra ir buscá-la somente na Quarta-feira da outra semana. E decidiu ir a pés. Afinal, teria que caminhar apenas algumas quadras.

Percebeu que os vizinhos eram muito gélidos. Não imaginou, e nem gostaria, que fossem como os de sua antiga cidade, mas estes já eram silenciosos até demais.

Ela saiu cedo, pela manhã, usando uma boina francesa azul e um casaco cinza ardósia. Viu o filho do Sr. Peterson gritar com outro garoto cujo nome ela não sabia (mas que parecia bem mais jovem), enquanto brincavam.

Percorreu todo o caminho ouvindo *You Don't Owe Me* em fones de ouvido. Ao chegar, foi incumbida a preencher um formulário e então redirecionada a outra sala, onde pediram que assinasse nome e rubrica. E, como se não bastasse, ainda poderia ter que voltar mais tarde porque o sócio proprietário, que por acaso era também gerente, não estava presente. Mas, por sorte, um dos funcionários se ofereceu para ajudar e pediu que ela o acompanhasse.

- A culpa foi minha por você não ter recebido seu pacote. - Ele disse, enquanto a guiava por um corredor de paredes brancas com listras vermelhas.

- Caixa. - Ela corrigiu.

Ele usava uma espécie de fardamento: camisa branca com mangas vermelhas, mas, diferente dos outros funcionários, não tinha boné.

Caminhando com a prancheta na mão, mostrava-lhe um sorriso

surpreendentemente bonito sempre que se dirigia a ela, como quando leu sua assinatura em voz alta, por pura diversão:

- Alice Hannigan... Bela caligrafia!

- Obrigada.

Caminhava na frente para poder guia-la aonde quer que estivessem indo, e isso a incomodava.

- Venha. Por aqui. - Ele abriu uma porta vermelha, que os levou ao lado de fora, onde haviam cinco depósitos de onde alguns homens retiravam caixas para carregar um caminhão de mudanças. E ao redor havia árvores.

Um ambiente um tanto agradável até para trabalhar. Ou fazer qualquer outra coisa.

- Seu pacote está no setor B - disse. - Naquele ali. - Apontou, como se quisesse mostrar gentileza para fazê-la sentir-se mais à vontade. Típico dos homens.

Mas, já que ele queria...

- Como - ela uniu as mãos à frente - alguém pode esquecer de entregar uma caixa, se não esqueceu das outras?

- Foi culpa minha, senhorita.

Senhorita...

- Como exatamente? - ela perguntou, observando o depósito que agora era uma enorme entrada com a inscrição ÁREA 4. Dentro havia outras divisões, os setores. De A a F, até onde ela podia ver. Mas podia supor o resto.

- Bom, isso não importa agora.

Ele retirou a caixa, que parecia bastante pesada para um homem só.

- Quer ajuda? - Ela ofereceu.

Mas ele apenas riu, enquanto terminava de pôr a caixa na parte traseira de um carro vermelho. Era surpreendente como aquela empresa insistia colocar suas cores em todos os objetos. - Não, obrigado. Acho que você não conseguiria. - E riu mais.

- Por que não?

Ele a olhou.

- Você veio de carro?

- ...Por que a pergunta?

- Já que eu vou ter que levar isso até sua casa, você poderia vir também. Se quiser.

- Não - ela riu ironicamente. - Obrigada, mas não. - Olhou ao redor.

Ele foi até a parte frontal do carro, abriu a porta, mas antes de entrar, voltou-se para ela outra vez:

- ...Tem certeza?

Ela o olhou.

• • •

VOCÊ É NOVA na cidade ou está só de mudanças?

Alice levantou a cabeça, vendo as árvores em movimento e, por um momento - quando casualmente desfocava sua visão das árvores no lado de fora -, seu próprio reflexo no vidro polido da janela do carro. Depois virou-se para ele.

- Cheguei há alguns dias. - Percebeu a inscrição na camisa dele. "BILL", em vermelho.

Passaram sobre um redutor.

- Poderia ligar o ar, Bill?

Ele sorriu.

- Billy. Billy Wallace. E, sim, claro que posso. - E o fez.

Após um instante, perguntou:

- Mas você conhece a cidade?

- Um pouco. ...Eu diria que sim, o suficiente.

Ele semicerrou os olhos e se debruçou sobre o volante por um momento, provavelmente para ver algo na estrada. Tinha olhos verdes.

- Poderia dobrar aqui? - Ela perguntou.

- A estrada está fechada. É melhor ir pela principal.

- ...Não, não está. Foi por ali que eu vim.

- Não está? Eu poderia jurar que sim. - Olhou-a. - Parece que eu me enganei. - Girou o volante, fazendo uma curva perfeita que os direcionou à Victory Boulevard.

Poucos minutos depois, entraram na divisão das árvores de folhas alaranjadas da Avenida Arthur.

• • •

BILLY MANEJOU COLOCAR a caixa dentro. Ela insistiu que ele não precisava fazer isso, mas ele insistiu mais. Embora "será meu prazer,

senhorita" não parecia suficientemente convincente. Não para Alice.

- Uff! - ele fez, balançando as mãos roseadas após ter terminado o trabalho. E sorriu para ela, que observava as crianças brincando em frente à casa ao lado.

- Bom, tudo feito aqui.

Ela virou-se. Sorriu e ergueu as sobrancelhas.

- Certo... - e começou a andar lentamente na direção da porta, enquanto ele se dirigia ao carro.

Esperava que isso fosse tudo, que ele não diria mais nada, nem contasse mais uma piadinha sem graça - como fizera várias vezes durante o percurso. Afinal, ela não saberia fingir um sorriso direito.

- Alice, espere um pouco!

Ela franziu o cenho, enquanto voltava-se para ele.

- Quase ia esquecendo. - Tirou uma caneta de plástico do bolsinho da camisa, descobrindo a letra Y na inscrição que até então fora "BILL". E agora era "BILLY".

Ele a estendeu a caneta e uma prancheta um pouco menor que a anterior.

- Assine aqui. - E, enquanto ela assinava, limpou a garganta e continuou: - Posso te perguntar uma coisa?

Alice parou de escrever e o entreolhou por um segundo, sem mover a cabeça. Não respondeu.

- Você tem namorado?

O inteligente entendeu o silêncio como um sim. Ótimo.

- Não. - Ela terminou de assinar, mas virou o papel do outro lado e começou a escrever seu número de telefone.

- Bom... qualquer dia desses, se você quiser, eu posso... te ajudar a conhecer a cidade.

Ela devolveu a prancheta e a caneta. Sabia que não ia conseguir mentir, mas decidiu tentar:

- Obrigada pelo convite, mas... Eu não sei se é uma boa ideia. No momento, eu não estou à procura de...

- Bom - interrompeu-a -, nem um só passeiozinho?

Pelo visto, não iria ceder.

- ...Tudo bem, um passeio. - Começou a se distanciar, sorrindo - Depois você me liga e a gente conversa mais sobre isso.

Bastou uma entreolhada na prancheta para ele perceber que ela havia lhe

dado seu número. E sorriu orgulhosamente, observando-a enquanto ela entrava.

Ela viu-o ligar o carro e sair sorridente, provavelmente tentando manter o perfil galanteador. Depois fechou a porta, subiu as escadas e limitou-se a questionar-se quanto tempo seria necessário até Billy perceber que ela havia inventado os três últimos dígitos.

• • •

ALICE ABRIU A agenda e marcou um X na primeira tarefa.

(X) Desempacotar
( ) Organizar escrivaninha
( ) Visitar Central Park

Pensou por um momento, então adicionou mais uma no final.

( ) Falar com Boris.

Isto é, se ele não falasse com ela primeiro, o que era muito provável. Provável até demais.

CAPÍTULO TRÊS

BILLY TOMOU O ÚLTIMO gole de vinho do copo de vidro que reluzia quando erguido paralelamente à luz da televisão pendurada no canto da lanchonete.

Era meio-dia, sexta-feira. Os raios de sol entravam pela vidraça, desenhando belos traços no teto, os quais se moviam quando pedestres caminhavam pela frente da lanchonete, interrompendo o caminho dos raios que entravam. O jornalista na tevê falava sobre desaparecidos, tentando aumentar o suspense de determinada situação para capturar a atenção dos espectadores. Balela.

Billy pagou o bartender e saiu, ouvindo o tilintar de sininhos quando a porta abriu e fechou.

Ainda não era hora de voltar à empresa. E ele não tinha planos para o fim de semana. Na verdade tinha, só não eram suficientemente interessantes nem para ser remotamente considerados.

Quem sabe poderia marcar algo com a garota de cabelos longos, qual era mesmo o nome dela? Alice *Hanniston*?

Um rapaz usando um moletom amarelo parou diante de Billy enquanto este retirava o celular do bolso.

- Com licença, por favor.

Billy virou o olhar para ele rapidamente. O rapaz apontou o interior da

lanchonete com um aceno de cabeça.

- Desculpe. - Billy afastou-se para a direita, esperou o rapaz entrar e enfiou a mão no bolso, na esperança de encontrar o papel amassado ao qual passara a limpo o número de Alice.

Retirou o papel e abriu o aplicativo de contatos.

202-555-0194

Alice Hannigan

Mas o celular desligou. Bateria fraca.

- Droga - sussurrou.

Olhou ao redor. Pessoas caminhando. Virou-se para o interior da lanchonete. Cinco homens sentavam nos bancos enfileirados lado a lado, inclusive o rapaz de moletom amarelo, como pode confirmar através do vidro. Dois assentos vazios. Entrou.

- Joe - dirigiu-se ao bartender -, com licença, você tem algum carregador de celular?

- Não, desculpe...

O rapaz de moletom amarelo virou-se para ele e o fitou, parecendo hesitar em algo, segurando uma bebida na mão.

- Pode usar o meu, se quiser. - Retirou o celular do bolso interior. Parecia gentil. Tinha uma voz meio desafinada.

Billy aceitou o dispositivo.

- Eu... preciso fazer uma ligação, se não se importa.

O rapaz ergueu a mão em sinal de permissão.

- Obrigado - Billy prosseguiu.

Uma sugestão apareceu no momento que ele começou a digitar. "Alice Hannigan". ...Seria ela? Mas o que o rapaz estaria fazendo com seu contato? Ele a conhecia?

Imaginou se seria muita audácia clicar para ver a imagem. Decidiu não o fazer. Continuou a digitar.

Demorou alguns segundos e ninguém chegou a atender, então tentou mais uma vez. E deu no mesmo.

Tentaria ligar de novo mais tarde, em casa.

Cancelou a ligação e devolveu o celular ao rapaz.

- Muito obrigado. Muito obrigado mesmo. ...Qual seu nome?
O rapaz demorou um pouco enquanto terminava a bebida e guardava o celular. Ergueu a sobrancelha em um sorriso:
- Boris. Boris Watson.
- Sou Billy Wallace. - Ergueu a mão em um cumprimento.

• • •

É UM PRAZER - disse Boris, apertando a mão do homem de camisa branca com mangas vermelhas. Provavelmente o sujeito (Billy, aparentemente) trabalhava na equipe de entregas perto dali. Qual era mesmo o nome? Bom, se Boris não lembrava, isso queria dizer que a propaganda deles não ia muito bem.
Levantou-se, já que havia terminado sua bebida. Tirou o moletom amarelo, não usaria aquela coisa na estrada ao meio-dia. De novo.
Pagou o bartender Joe - sujeito legal -, ofereceu para pagar um café ao tal Billy, que negou com um sorriso triste. Parecia desanimado por alguma coisa.
E saiu da lanchonete.
No meio da multidão que caminhava pelas ruas da Maiden Lane, quando já se distanciava da lanchonete, Boris checou o histórico de ligações, direcionando-se à loja de frutas e verduras.
Não queria chegar de mãos vazias.

• • •

FEZ CARA DE triste:
- Eu não concordo. Acho isso errado.
Fez cara de zangada:
- Errado? ...Errado?! - Ergueu o punho. Franziu as sobrancelhas, tentando parecer zangada.
Inflou as bochechas para ver como ficaria e ela mesma rompeu em gargalhadas sozinha no banheiro, rindo de seu próprio reflexo no espelho.
Não, definitivamente não era boa em atuações. Lançou o roteiro na lixeira e foi ao quarto.
Havia organizado as coisas e na Quinta apresentara seu currículo ao McStorm, mas até então não obtivera resposta. Decidiu aproveitar o tempo

livre aprimorando sua atuação - se fosse possível.

Pegou *Jerusalém Libertada* e jogou-se na cama com vontade, sentindo a maciez enquanto retirava o marcador e abria o livro na página adequada. Mas, antes que finalizasse um parágrafo, escutou alguém tocar a campainha.

Ergueu-se rapidamente e pôs-se a pensar em quem seria.

Não fazia nem uma semana que ela mudara. Não tinha nenhum amigo ali, não conhecia ninguém, exceto... Oh, não. Deus, não. Billy? Ele tinha o endereço, não tinha? Será que isso era permitido lá na empresa onde ele trabalhava, adquirir informações de clientes a partir dos formulários preenchidos?

Como ela pôde ser tão burra? Era óbvio que ele tentaria ligar para ela, perceberia que o número estava errado e - ingênuo como era -pensaria que ela errara o número sem querer. Só podia ser ele.

Alice caminhou até a porta na ponta dos pés, torcendo para que estivesse errada.

Diria que havia mudado de número recentemente e que ainda não se acostumara ao novo. Isso. Que havia mudado quando mudou de cidade. Talvez ele acreditasse. Só um ingênuo para cair em uma mentira contada por Alice Hannigan.

Ela abriu a porta, olhando para o chão, fingindo estar cansada. Ou com sono, tanto faz. Ele não acreditaria mesmo.

- Surpresa!... - A voz desafinada exclamou.

Ela ergueu o olhar e viu Boris de pé com um sorriso no rosto e um pacote cheio de frutas e verduras na mão.

Sua tensão transformou-se em alívio, e novamente em tensão quando percebeu que realmente era Boris quem estava ali.

Ela não expressou nada por um segundo, depois ergueu uma sobrancelha, procurando algo para dizer, e decidiu apenas mostrar um sorriso forçado.

- Boris...

- O próprio!

Ambos permaneceram como estavam por mais cinco segundos, até ela se dar conta e mover-se rapidamente, dando-lhe passagem.

- Eu trouxe algumas verduras - ele comentou, enquanto entrava, então entregou-lhe.

Ele ficou de pé na sala de estar enquanto Alice foi até a cozinha com o pacote, podendo ficar de costas para ele e então desfazer seu sorriso em uma

expressão de questionamento que só lhe deixava uma pergunta: como diabos Boris Watson havia conseguido seu endereço?

• • •

MAS ELE NUNCA deixava a gente entrar nas brincadeiras, se eu bem me lembro - Boris levou a taça de vinho à boca e bebeu um gole suavemente.

Alice riu. De verdade dessa vez.

- Nossa! Realmente. Como você ainda pode lembrar dessas coisas? Foi há tanto tempo...

Ele exibiu um sorriso simples e ergueu uma sobrancelha. Seus dentes eram claros.

- Eu não esqueço de nada que possa ser útil no meu futuro.

- Ah, é?

- Claro!

- E como você pode saber?

Ele riu, quase engasgando, fazendo com que ela risse com mais vontade ainda.

- Tudo bem, você me pegou... - disse, olhando para a estante cheia de livros encostada no papel de parede azul-aço do quarto dela. Balançou a taça circularmente, fazendo com que o líquido se movesse em uma só onda perfeita na circunferência do objeto, devagar. - Você... tem certeza que não quer mais? - Ergueu a taça levemente, em uma demonstração do que falava.

- Tenho.

- Está ótimo.

- É, eu sei...

Ele deu outro gole:

- Você não parece estar curtindo muito. O que foi? Parou de beber?

- Sim, eu só... sou um pouco sensível a bebidas alcoólicas. Pensei que você já soubesse disso. Se tiver uma quantidade um pouco acima da adequada, eu fico...

- Bêbada?

- Bêbada.

Ele tomou outro gole e esticou o braço para pegar a garrafa e servir-se de mais um pouco.

- Todo mundo fica. Mas eu entendi o que você quis dizer. Mas então, por

que compra? - Riu.

- Porque eu... - Não concluiu. Fora uma pergunta retórica. Em vez disso, decidiu mudar de assunto, tentando parecer o mais natural possível: - Como descobriu meu endereço? - Manejou fazer uma cara que sugeria que só agora a pergunta passara por sua cabeça. E ele pareceu acreditar.

- Harry - respondeu, simplesmente.

- Ah, claro... Harry.

- Você já foi vê-lo, desde que chegou?

Alice meneou a cabeça.

- Não tive tempo - mentiu.

- ...O que você faz no seu dia?

Ela olhou nos olhos dele - nunca havia notado que eram castanhos. Abriu a boca, mas não respondeu. Apenas meneou a cabeça quase imperceptivelmente, franzindo as sobrancelhas.

- Nada demais - disse, depois de um breve silêncio. - Eu vou vê-lo na Segunda.

- Ah, já marcou a sessão?

- ...Não. - Fechou os olhos por um segundo. - Eu ia marcar hoje.

- Então como sabe que ele vai estar livre?

Pra que tantas perguntas, rapaz?

- Conversei com ele. Nós... nos encontramos na... Broadway.

- Broadway? - Ele riu. - O que fazia na Broadway?

- Eu fui... apresentar meu currículo ao McStorm. - Finalmente pôde conciliar as mentiras com uma verdade, finalizando o ciclo. Mas ele não parou com as perguntas:

- Por que não marcou sessão ainda?

- Porque... eu... perdi o número dele.

- Perdeu? Como?

- Apaguei sem querer...

- Por que não me disse antes? Eu tenho o número dele, posso passar para você. - Ele se apressou em deixar a taça quase vazia sobre a escrivaninha para esvaziar a mão e tirar o celular do bolso enquanto ela tentava impedi-lo com uns simples "não precisa", "eu peço pra ele depois" e outras tentativas ignoradas.

Em seguida, entregou o celular a ela, voltou-se para pegar a taça outra vez, mas deteve-se por um instante:

- Eu posso usar o banheiro?

- Sim, claro. - Pensou em dizer "assim eu posso fingir que anotei o número do Harry enquanto você estava no banheiro", mas preferiu ficar calada. - Fica no final do corredor.

- Obrigado. - Ele se levantou e saiu do quarto.

Alice suspirou.

Já que tinha dito que marcaria uma sessão, agora tinha que fazê-lo. Procurou HARRY GANT na lista de contatos. Encontrou - era o primeiro da letra H - e clicou em CHAMAR.

Não demorou muito para que atendesse.

- Alô, Boris. Eu não esperava sua ligação até sexta.

- Não, Sr. Gant. Não sou Boris. Quem fala é Alice.

- Alice? Alice *Hanniston*?

- Hannigan.

- Isso. Hannigan. Como vai, Alice? Faz mais de dois meses desde nosso último encontro. Ainda está em Baltimore?

Ela ficou de pé. Caminhou até a janela.

- Não, Sr. Gant. Estou em Nova Iorque há uma semana.

- Pensei que viria me ver assim que chegasse.

- Eu... estive muito ocupada.

- Isso é bom, não é?

- Receio que sim. - Debruçou-se na janela, sentindo o vento suave passar, causando leves movimentos em seus longos cabelos. - O senhor estará livre segunda-feira?

- Eu vou ter que dar uma olhada na agenda. Espere um pouco.

Ela ouviu barulhos de papéis sendo amassados, alguns ruídos que não pôde identificar e então a voz de Harry outra vez:

- Podemos marcar um encontro às... nove e meia. Da manhã. Está bem para você?

- Hm... - Fingiu que estava checando sua agenda, quando na verdade estava olhando para o jardim da casa à frente. - Deixe-me ver... Sim, pode ser.

- Ótimo! - Ele fez um pequeno silêncio. - Da última você ligou dizendo que ia mudar para a Avenida Arthur quando chegasse em Nova Iorque. É lá onde você está morando? É pra lá que eu devo ir?

- Sim. Não! Quer dizer... Sim, eu estou na Arthur, mas não, o senhor não precisa vir. Prefiro que o encontro seja na sua casa.

- ...Como quiser. Então está marcado. Nos vemos segunda.

- Certo! - Desligou.

Fechou os olhos, segurando o celular com as duas mãos em frente a seu peito, em seguida pousando-o lentamente sobre a escrivaninha enquanto observava o ambiente do lado de fora da janela.

Pelo menos Harry não perguntara o que ela fazia com o celular de Boris. Depois de tudo, era de se imaginar que um psiquiatra fosse inteligente o suficiente para supor que ela estava com o celular de Boris porque este fora visitá-la. Afinal, o próprio Harry havia dado seu endereço a Boris. Ele podia fazer isso? Se bem que ela dissera que esta não era uma informação confidencial. Mas ele também deveria ter suposto que ela só dissera isso porque seria bem estranho se houvesse dito "não dê meu endereço a ninguém, nem mesmo a meu amigo de infância Boris", isto é, se houvesse dito o que realmente queria dizer. Embora não considerasse Boris seu amigo - por mais que ele fosse, como ela percebera naquela tarde, de fato um cara legal.

Boris foi quem recomendou que ela fosse ao psiquiatra - a Harry, especificamente -, porque ele próprio costumava consulta-lo. E pelo visto, ainda o fazia.

Não se incomodou em pensar sobre que tipo de problemas Boris poderia ter - um sujeito como ele deveria ter seus problemas -, mas Harry certamente não lhe informaria o endereço dela sem que ele pedisse. O que significava que eles... conversavam sobre ela?

Era óbvio que Harry fazia algumas perguntas de vez em quando, algo do tipo: "Como vai Alice?", mas nada acima disso. Ela supunha.

De qualquer forma, isso não importava. Não muito.

Ela estivera tão absorta em seus pensamentos que se assustou quando o celular de Boris começou a tocar, vibrando o rock sobre a escrivaninha. Pegou-o.

- Boris! - chamou.

Ela percebeu que o número não estava na lista de contatos, mas parecia muito com o dela. Apenas os três últimos dígitos eram diferentes.

Boris não respondeu, provavelmente nem a escutara.

- Você tem uma ligação! - Alice pensou em sair do quarto, mas, considerando que já passara um significativo espaço de tempo desde que a chamada iniciara, atendeu.

- Alô. Celular de Boris.

- Olá. - A voz masculina do outro lado da linha era firme e consideravelmente grave, porém confortável.

Quando percebeu que ele, quem quer que fosse, não ia continuar, Alice perguntou:

- Como posso ajudar?

- Oi. Eu liguei para saber o que você queria.

Como se isso fizesse algum sentido para ela.

- Desculpe, eu... não entendo. Olhe, Boris não está aqui. Acho que é com ele que você quer falar.

- Você me ligou algumas horas atrás, mas eu não pude atender. Sobre o que se tratava?

- Senhor, você não está falando com Boris. Meu nome é Alice Hannigan.

Boris entrou no quarto. Finalmente. Ela passou-lhe o dispositivo e ele manejou a situação. Aparentemente, pelo que ele explicou, um rapaz usara seu celular para fazer uma ligação para aquele número. Portanto, a pessoa com quem ele (o homem na outra linha) queria falar era quem fizera a ligação através do celular de Boris, e, quem quer que fosse, estava bem longe no momento.

- Bom, se eu soubesse dessa história, teria conseguido explicar as coisas direitinho – disse Alice, quando Boris finalizou a ligação, e sorriu amigavelmente.

Ele deu um sorriso curto, e só então ela percebeu as folhas de papel na mão dele. Não tirara aquilo da lixeira, tirara?

- Eu... encontrei isso na lixeira.

Sim, tirara.

- Devo me preocupar por algo? - ele continuou.

Alice não disse nada, esperando que ele explicasse melhor o que queria dizer.

- Sobre sua carreira.

Ela foi até a cama e sentou-se:

- Eu... percebi que atuar não é um dom que eu possua. Decidi tentar outra coisa.

- Do que você está falando? Você é ótima!

- Não, Boris. Eu sou péssima.

Ele puxou a cadeira de perto da escrivaninha, virou-a e sentou-se, de frente para Alice:

- Eu já vi você atuar. - Deu um sorriso. - Em nossas brincadeiras você sempre era a melhor.

- Éramos crianças. - Ela riu ironicamente.

- Aposto que melhorou muito. Foi pra isso que veio a Nova Iorque, não foi? Pra mostrar seu talento ao mundo? Então!

- Na verdade não. Bom, era um plano secundário, mas não um dos melhores.

- Vamos lá, tente outra vez. - Ergueu o papel na direção dela.

- Boris, admita. Eu sou ridícula.

- Vamos lá.

Ela ficou parada com uma expressão irônica no rosto. Ele apontou o roteiro em sua mão estendida com um aceno firme. Ela pegou metade das folhas, separadas da outra metade por um clipe.

- Não acredito que ainda estou te ouvindo.

Ele gargalhou.

- Bom, eu acredito. - E, depois de um segundo: - Então... - folheou sua parte, depois voltou ao início. - Vamos do começo. Só tem dois personagens, viu só? Frank e Helena... Hm... Suponho que não precisaremos discutir pra ver quem vai ser quem.

Foi a vez de ela gargalhar.

- Vamos fazer invertido, que tal? Eu serei Frank.

- Hã... Ok. Se você quer...

- Eu começo. - Localizou o início das falas com o dedo e começou: - "Eu não concordo. Acho isso errado".

- "Errado? Errado?!" - ele ergueu o punho e franziu as sobrancelhas em uma expressão raivosa.

• • •

JÁ ERA NOITE quando Boris foi embora. Despediram-se com um tchau simples e ela fechou a porta enquanto ele caminhava à distância. Tudo bem, talvez Boris não fosse tão chato quanto ela lembrava. A tarde fora divertida e produtiva. Certamente mais divertida para ele do que para ela.

Antes de dormir, fez atualizações na agenda.

(   ) Harry Segunda 9 a.m.

CAPÍTULO QUATRO

ALICE VIU UM GAROTINHO de cabelos lisos tentando se equilibrar sobre a faixa de tijolos que determinava a divisa entre a praça e a estrada, enquanto passava da *West 97th Street* para a *97th Street Transverse Road*, entrando no Central Park. Fitava os pedestres em grupos bagunçados com sacolas e pacotes nas mãos, mulheres fazendo caminhadas no reflexo ondulado invertido da água corrente sob a ponte.

Inspirou o ar da manhã de sábado, e sentiu-se bem por um instante - não tão breve quanto ela pensava que seria, mas não suficientemente longo para fazê-la sentir-se melhor ainda -, bem consigo mesma, como se não tivesse que se preocupar com o fato de que as economias estavam acabando e ela ainda não fora empregada.

Voltou a caminhar sobre o cascalho neutro da estrada escura, fixando sua atenção à frente, à uma figura feminina que vinha ao longe, tão longe que mal podia vê-la, depois às árvores que rodeavam o caminho, dando-lhe uma sensação mais viva de contentamento e nostalgia, que a fazia lembrar de Baltimore, de quando acordava cedo ouvindo o cantar dos pássaros e partia para brincar com Boris. Antes que ele lhe desse a notícia de que sua família iria para Nova Iorque, que sentiria a falta dela. Claro que a despedida não fora difícil para Alice, pois começara a desprezar sua companhia e perceber que ele se interessava por ela em outros sentidos, o que não era uma boa ideia. Não na mente dela. Não naquela época. E nem agora, certo?

Ela olhou para a direita. Quem sabe...

Viu os pedestres ficando mais distantes enquanto ela se afastava. Agora o caminho tornava-se vazio, apenas a mesma figura feminina se aproximando à frente, agora grande o suficiente para ela notar que usava uma camisa branca e um short jeans. Ruiva.

Alice voltou sua atenção a seu próprio caminhar. Olhou para o chão, para seus sapatos, preto e branco separados por uma listra vermelha e, no calcanhar, uma estrela. Notou que a quantidade de folhas secas caídas no chão aumentava enquanto ela caminhava, mas que a quantidade de árvores diminuía, o que não fazia muito sentido. Sem dúvida o vento trouxera as folhas por todo o caminho, como estava prestes a acontecer em seguida.

Um vento forte esvoaçou seus cabelos, e ela fechou os olhos e ergueu a mão para se proteger, mas deteve-se quando percebeu que a rajada vinha do oeste, às suas costas. Reabriu os olhos, podendo ver um vulto ruivo desfocado antes de sentir o impacto e ser lançada contra o chão duro que machucou suas costas. Ou pelo menos foi o que ela pensou, ao sentir a pontada de dor 2 segundos depois.

- Oh! Eu sinto muitíssimo! Por favor, me desculpe! Você está bem?

Ela tardou um instante para se acostumar ao ângulo pelo qual via a jovem se agachar ao lado dela. Ruiva.

- Estou bem.

- Desculpe! Eu juro que não vi você. Fechei os olhos por causa do vento e...

- Estou bem.

- ...acabei esbarrando em você.

Era uma garota bonita. Os cabelos lisos e ruivos estavam amarrados em um penteado rabo de cavalo, e ela parecia ter uma tatuagem no pescoço que percorria seu caminho até esconder-se sob a camisa branca que mostrava a clavícula, os ombros e parte do peitoral da garota, e na qual havia a inscrição INDIE-PENDENT WOMAN, um trocadilho até divertido.

- Está bem?

- Sim. - Sorriu, para mostrar que realmente sentia-se normal, pois a garota parecia estranhamente preocupada. E, para complementar: - Essas coisas acontecem.

- Mesmo?

- Sim, estou bem. - Levantou-se rapidamente, a garota tentando ajudá-la sem necessidade. Uma vez de pé, repetiu com um sorriso: - Essas coisas

acontecem, não foi culpa sua.

- Como eu sou desastrada!

Realmente era.

- Que nada! Foi culpa minha, eu... - Alice simplesmente calou-se ergueu a mão em um cumprimento para acabar com a situação de uma vez.

A garota olhou para a mão por um segundo, depois se deu conta e cumprimentou-a ligeiro, sorrindo embaraçosamente:

- Sou Sara Curl.

Ah, iam trocar nomes?

- Alice Hannigan.

- Alice, eu sinto *muito* - balançou a cabeça quase imperceptivelmente para enfatizar no "muito".

- Sem problemas.

Sara olhou para trás de si - o que seria a frente para Alice - e questionou:

- Vai pra *East 97th*?

Não era óbvio?

- Sim.

- Eu estava indo até o fim e depois iria voltar pra *East 97th*, só pra liberar o estresse. - Retirou fones de ouvido sem fio que Alice nem havia notado que ela estivera usando, e prosseguiu: - Podemos ir juntas. Se você não se incomodar. - E ficou parada, esperando uma resposta, os olhos verdes firmemente voltados para os de Alice, que olhou fixamente para o fim do caminho, se é que podia ser visto.

Se se incomodava? Talvez um pouco, mas não havia problema.

- Claro que não.

Sara deu um sorriso.

• • •

UMA ATRIZ, HEIN? Interessante!

- Uma amadora - corrigiu ironicamente.

- Mas é atriz mesmo assim, não é? Então.

Alice riu, e observou-a por um instante.

Sara usava botas cano curto pretas, short jeans azul, camisa branca, pulseira preta e uma mochila que a lembrava uma exploradora de algum show ao qual assistira. Tinha cabelo ruivo, olhos verdes e pele clara. E não

parava de sorrir.

Conversaram um pouco, assuntos entrecortados por *blablablas* e *hahahas* que Sara emitia enquanto atravessavam o Central Park, até chegarem ao ponto onde trocaram números e se separaram.

Sara... Garota legal. Uma pessoa a mais para importuná-la. A notícia boa era que esta não tinha segundas intenções. Ou pelo menos ela esperava que não tivesse.

• • •

RECEBEU O EMAIL à noite, quando já preparava a cama para dormir. Era de McStorm. O currículo fora aprovado e a audição, marcada para a manhã de segunda-feira.

Talvez Boris não estivesse tão errado assim, apesar de tudo.

Fechou o e-mail e foi para a cama.

CAPÍTULO CINCO

NO DOMINGO, BILLY DECIDIU fazer outra ligação para o número dela. Não tinha planos para o resto do dia, o que era um tanto absurdo, considerando que eram apenas 8:30 da manhã. Supôs que - quem sabe - pudesse convidá-la para ver um clássico ou qualquer outra coisa que a interessasse. Um passeio por *Devoe Park*?

Digitou o número.

Apenas esperava que não fosse como da última vez que tentara chamá-la, que desta vez ela atendesse. Do contrário, imaginaria que ela estivesse evitando suas ligações, mas obviamente, se não quisesse que ele a ligasse, nem teria lhe dado seu número, não é mesmo?

Clicou em CHAMAR e aguardou.

Não é mesmo...?

• • •

O CELULAR TOCOU *Meet Me On The Equinox*. Tinha uma nova ligação. Eram 8:35 da manhã. Quem poderia ser?

De frente ao espelho, ele estava de cabeça erguida enquanto amarrava a gravata, traçando movimentos perfeitos em torno do pescoço.

Puxou a parte inferior para baixo em um último movimento que a ajustou, completando o nó.

Dobrou o colarinho da camisa azul-da-Prússia por cima da gravata.

Esticou as largas mangas e dobrou-as na altura do pulso.

Abotoou os botões de plástico semitransparente da ponta das mangas.

Caminhou até o armário. Abriu-o.

Pegou o blazer escuro de entre o smoking e a camisa quadriculada.

Vestiu-o, movimentando os ombros uma vez para que encaixasse com mais facilidade ao formato de seu corpo.

Sentiu o tecido macio.

Virou do espelho para a cama, afim de pegar o celular, mas a ligação cessou. Tardara demais.

Voltou ao espelho. Certamente chamariam outra vez. Andava perdendo muitas chamadas ultimamente.

Observou o próprio reflexo. Os sapatos, a calça, o cinto, a camisa, a gravata, o blazer, o rosto. Os olhos.

As pupilas pretas encarando a si próprias no espelho.

• • •

A chamada cessara e ela não atendera. Billy fechou os olhos por dois segundos.

Tentaria ligar outra vez. Uma vez mais. Se ninguém atendesse, ele entenderia que ela estava tentando evitá-lo. Se bem que seria muito mais simples - e um comportamento mais adulto - para ela atender e dizer que não estava interessada. Ou poderia não haver lhe dado tal informação de contato.

Redigitou o número - queria ter certeza de que estavam corretos - e clicou em CHAMAR outra vez.

• • •

O CELULAR TOCOU de novo.

Ele saiu da frente do espelho. Pegou-o.

Era um número desconhecido. O segundo número desconhecido que ligava para ele nos últimos três dias.

Atendeu.

• • •

ALGUÉM ATENDEU A chamada, mas não disse nada. Billy limitou-se a esperar o silêncio da linha ser interrompido, mas após um breve espaço de tempo percebeu que ela não iria falar nada e arriscou:

- Oi!

Ouviu barulhinhos baixos e leves movimentos do outro lado da linha, e o que se assemelhava ao som do trânsito ao longe, mais baixo ainda, como algo distante que ele mal podia ouvir. E, enfim, a resposta:

- Quem fala?

Não era a voz de Alice. Não era nem uma voz feminina.

Billy ficou sem palavras. Seria o namorado dela? Era por isso que ela não atendia suas ligações, porque estava saindo com outro cara? Bem, ela poderia ao menos ter lhe informado que já estava vendo outra pessoa, o que teria sido menos vergonhoso para ele. E para ela também, certo?

Ou talvez a imaginação de Billy estava simplesmente indo longe demais. Quem sabe o rapaz que atendera era apenas irmão ou primo ou amigo ou qualquer outra coisa que pudesse esclarecer as perguntas de Billy, desde que não estivesse em um compromisso com ela... Isso. Talvez fosse só um amigo. Um parente, na melhor das hipóteses.

Billy limpou a garganta, percebendo que se passaram vários segundos desde que devia haver respondido a pessoa, o rapaz, que - por sorte - parecia ser de poucas palavras, e perguntou:

- Alice está?

• • •

POR UM MOMENTO, achou que entendera errado. Mas não. Alice não era o nome da garota que havia ligado para ele? Aquela que, quando ele retornou a chamada, começou a falar coisas sem sentido?

Riu consigo mesmo. Bela coincidência...

Decidiu repetir a pergunta:

- Quem fala?

A voz na outra linha parecia de um jovem nervoso, ele só não entendia pelo quê.

- Meu nome é Billy Wallace - o jovem respondeu. - Eu sou um... amigo de Alison Hannigan e gostaria de falar com ela. Você poderia passar a ligação a ela, por favor?

Não poderia ser coincidência. Alice Hannigan, este era exatamente o nome dela. Da garota com quem ele falara por alguns segundos naquela ligação, dois dias atrás.

- Desculpe, aqui não há ninguém com esse nome.

Perguntou-se se o número dela ainda estaria no histórico de chamadas da sexta-feira. Provavelmente sim, por que não estaria?

- Desculpe, senhor - o tal Billy, ao telefone, continuou -, foi a Alice quem me deu esse número. Disse que eu deveria ligar para ela e...

Pobre garoto. Quem sabe ele deveria dar-lhe o número dela, dessa tal Alice. Talvez isso o fizesse calar.

- ...então eu não acho que...

- Olhe - ele interrompeu o jovem Billy, ao telefone -, eu não conheço ninguém por esse nome. Mas acho que sei de quem você está falando. Alice Hannigan?

- Sim, sim. Alice Hannigan. - O rapaz respondeu.

- Eu tenho o contato dela. Posso passar para você, se quiser.

• • •

BILLY ESTRANHOU CONSIGO mesmo.

O que o homem na outra linha queria dizer? Que Billy havia ligado para a pessoa errada? Que havia confundido o número? Mas tinha certeza que digitara todos corretamente, certificara-se disso.

Ou talvez Alice houvesse errado algum dígito acidentalmente, quando foi escrever seu número para ele. Devia ter sido isso.

Isso queria dizer que o rapaz não era namorado dela, nem mesmo a conhecia. Ou talvez a conhecesse, já que tinha o seu contato.

Neste caso, o melhor a fazer seria aceitar.

- Sim, claro. Seria muita gentileza de sua parte.

O homem ditou dígito por dígito enquanto ele anotava. Billy agradeceu. Despediu-se e interrompeu a chamada.

• • •

DESLIGOU, EMBORA NÃO fosse necessário, pois o jovem Billy já havia interrompido a chamada.

Lançou o dispositivo sobre a cama, olhando para a frente. Para a luz que emanava da enorme janela, e caminhou em direção a ela.

Alice...

Aproximou-se. Baixou o olhar para o tráfego distante onde, dez andares abaixo, centenas de pessoas, de vidas, de mundos, deslocavam-se, cada um a seu próprio destino.

Era um nome bonito, não?

Ergueu a mão direita e tocou o vidro umedecido pela temperatura da manhã de domingo, o sol saindo detrás das nuvens às 8:40.

Alice Hannigan...

Certamente que sim, era um nome muito bonito...

CAPÍTULO SEIS

A SALA QUE O Sr. Harry Gant usava para conversar com seus clientes fora tão bem projetada que Alice observava cada detalhe com atenção. Nada além do normal, apenas cuidadosamente organizada e polida. A laje sob seus pés tinha uma cor clara pigmentada por ruídos grená que a lembrava um sabor de sorvete. Estantes, comprovantes e livros exibiam sua beleza em frente à parede revestida por uma textura de madeira. Muita coisa havia mudado desde a última visita.

No centro de sua visão, sentado na poltrona a alguns metros do divã, Harry finalizou seu sermão de cinco minutos sobre algo relacionado ao estudo da psicologia e à saúde mental dela:

- ...para o próprio bem-estar de cada ser humano.

Alice ergueu as sobrancelhas e assentiu, fingindo prestar atenção.

- Não concorda? - ele perguntou.

- Sim, claro. Concordo plenamente. - Ainda assentia, devagar.

- Então devo perguntar... - Ele se moveu na poltrona. - Como você se sente?

- Bem.

- Bem?

- Ótima!

- ...Foi uma resposta muito rápida.

- Isso quer dizer que eu tenho certeza de que estou bem. - Ela cruzou as

pernas e se inclinou para ficar mais confortável. Ou pelo menos para Harry pensar que ela estava segura a respeito de seu argumento sem fundamento.

- Na minha opinião...

Ele fingia modéstia. Com certeza, o que quer que fosse dizer a seguir, era mais do que a mera opinião dele, e ambos sabiam disso.

- ...uma resposta precipitada sugere que você pode estar tentando esconder algo.

E ela estava certa, afinal. Isso não era somente a opinião dele.

Não disse nada.

- Como você realmente se sente? - Ele tentou.

Estaria certo? Ele não imaginava que, se ela não estivesse bem, saberia que não estava bem?

Não respondeu.

- Desde que chegou em Nova Iorque, você fez algum amigo?

Ela olhou para ele. Percebeu que tinha olhos castanho-escuros. Assentiu.

- Quantos? - ele perguntou.

- Três.

- Poderia me dar nomes? - Inclinou a prancheta que tinha na mão e pousou a ponta da caneta sobre a primeira folha.

- Billy.

- Billy... - ele repetiu baixinho enquanto escrevia.

Ela não via por que anotar tais nomes, mas não se importou.

- Sara. - Bem, não era exatamente uma amiga, mas ele não precisava saber disso.

- Sara... - anotou.

- Boris.

- Boris?

- Uhum.

- Vocês já se conheciam antes. Você e o Boris.

- Tudo bem, então são apenas duas pessoas.

- Certo. - Ele fez um movimento rápido com a mão, como se estivesse riscando algo. Suspirou. - Alice, nós dois sabemos quanto tempo se passou desde nosso último encontro. Não sei se você mudou, ou o quanto mudou, por isso estas perguntas.

- Entendo.

- Se você tivesse que descrever a si mesma em uma só palavra, o que

escolheria?

Ela pensou por um momento, pronta para dizer qualquer palavra que viesse à mente.

- Observadora.

- Hm... - Anotou. - Poderia citar algo que reforce essa informação? Algum acontecimento recente ou algo parecido...

- Claro! - Suspirou. - Sua prancheta.

- Minha... prancheta?

- Uhum.

Ele inclinou-se levemente.

- Poderia explicar melhor?

Ela respirou fundo e disparou de uma vez:

- O senhor é um psiquiatra profissional, e caso eu ainda tivesse alguma dúvida a respeito disso, poderia simplesmente erguer o olhar para os comprovantes acima daquela estante. Eu diria que, o senhor sendo um psiquiatra profissional, recebe muitos ou uma quantidade razoável de clientes, o que requereria estar sempre anotando informações a respeito deles na sua prancheta, mas eu percebi que o senhor está escrevendo o que eu digo na primeira folha da prancheta, como se antes de mim não tivesse vindo nenhuma outra pessoa e o senhor estivesse inaugurando a prancheta comigo - fez uma pausa curta para puxar ar -, mas também poderia ser que o senhor teve muitos clientes, o número exato de clientes e sessões para preencher toda a antiga prancheta e arranjar uma nova, a qual está utilizando neste momento, comigo. Mas qual seriam as chances de eu ser sua enésima cliente exatamente a ponto de minhas informações serem as que irão inaugurar a nova prancheta? Se bem que ainda há uma outra possibilidade: o senhor não anota nada a respeito de nenhum de seus clientes, apenas finge que o faz, por isso nunca sai da primeira folha, o que implicaria afirmar que o senhor não é um profissional, quem sabe um amador, ou na melhor das hipóteses, uma espécie de semiprofissional, do tipo que não anota as informações de seus pacientes simplesmente por ter refutado a metodologia tradicional e acha melhor não fazê-lo, o que eu não acho que exista, mas poderia estar disposta a acreditar em qualquer coisa para não suspeitar que os comprovantes naquela parede são falsos. - Começou a falar rapidamente e mais alto, não sabia por quê. - E eu sinto muito em dizer isso, mas as possibilidades são maiores na última opção, e no dia em que perdi a pessoa que eu mais amava

neste mundo, aprendi a confiar na escolha das possibilidades. Porque são *elas* que dominam o universo e nossas vidas. *As possibilidades*.

Harry ficou calado. Um pouco atônito, um pouco surpreso, um pouquinho nervoso, por algum motivo. Alice não ousou imaginar que ele estava nervoso por ela ter acertado ao deduzir sobre os comprovantes. Fora apenas um exemplo, que ele mesmo pedira. Não necessariamente verdade. Não *necessariamente*.

Ele continuou calado, apenas observando-a enquanto ela podia sentir tudo voltando, a mesma sensação perturbando-a outra vez, a constante onda de ódio e tristeza esfaqueando-a por dentro, lutando para sair, ameaçando implodir e levá-la aonde ela tanto ansiava e temia ir. Sentiu os olhos arderem, implorando, com seu silêncio, que ele dissesse uma palavra. Apenas uma palavra. Poderia ser alguma das perguntas imbecis que fizera antes, qualquer coisa. Apenas queria que ele dissesse algo.

E ele o fez:

- É por isso que você está aqui?

Não houve resposta.

- Alice.

Não houve resposta.

- Alice, olhe para mim!

Ela olhou. Em silêncio.

- Não foi culpa sua.

- Eu não quero falar sobre isso.

- Não foi culpa sua!

- Eu. Não. Quero. Falar. Sobre. Isso.

Ele parou por um instante.

- Você tem que falar, conversar, contar como se sente. - O relógio tocou sobre a robusta mesa de madeira polida no canto da sala. A sessão acabara. - Tem que conversar sobre isso, ou isso vai acabar matando-a.

Ela pegou a mochila de sobre a laje clara, levantou-se, foi até a porta e abriu-a, causando um rangido.

- Que mate.

Saiu com pressa e deixou que a porta fechasse bruscamente atrás de si.

• • •

ENTROU NO ESTACIONAMENTO com uma curva suave, contemplando mais uma vez a enorme e bem arquitetada construção que era o McStorm. Saiu do carro e direcionou-se à entrada, com a mochila às costas e o caderno de roteiros em mãos.

A audição seria sobre uma cena suficientemente simples, e, com sorte, ela não teria muito esforço. Ainda estava no clima que estivera quando deixou a sala de Harry. Claro que preferia não estar, mas isso ela não poderia controlar. Ou talvez até poderia, mas imaginava que para isso necessitaria total autocontrole. O que ela não possuía no momento.

Após caminhar por dois minutos pelos corredores, encontrou a sala onde seria feita a audição - com a ajuda de um dos funcionários, claro.

Deu um largo e profundo suspiro, ergueu a mão à maçaneta, abriu a porta e entrou.

• • •

O CELULAR DE Boris anunciou uma nova ligação. Era de um número desconhecido, de acordo com o aplicativo de contatos.

- Alô.

- Oi! Hã... Quem é você?

- Você que ligou.

- Oh, sim, desculpe... Alice está?

- ...Quem fala?

- M-meu nome é Billy Wallace. Este é o número de Alice?

- Billy Wallace? Da lanchonete? - Boris interrogou, e passou a questionar-se de que Alice ele estaria falando. - Eu sou Boris! Boris Watson!

- ...Boris da lanchonete?

- Sim! Nós nos conhecemos na sexta.

- Sim, sim, lembro de você. - A voz de Billy pareceu adquirir um tom mais interrogativo, através do celular. - Escute, Boris, você por acaso conhece uma garota chamada Alice Hannigan?

Então ela era a Alice de quem ele falava.

- Sim, somos grandes amigos! ...Por que a pergunta?

- Ahem... Bem, ela me deu o número dela, mas acabou confundindo alguns dígitos. E disseram que este era o número dela.

- Bom... Você já deve ter percebido que este número é meu, certo?

- É... Você sabe como eu posso entrar em contato com ela?

Boris hesitou. Certamente não lhe passaria o endereço. Quem sabe o número de telefone. Mas, como pôde confirmar no segundo seguinte, Billy concordava com ele, mesmo sem saber:

- Eu sei onde ela mora. Prefiro não ir lá ainda. Talvez você tenha o número dela?

Boris riu.

- Você é um cara de sorte.

CAPÍTULO SETE

ALICE ACORDOU DEVIDO AO som infernal do alarme que ela mesma ajustara para as 9:00 da manhã de Terça. Apenas não imaginava que seria tão difícil sair da cama, o sono ainda a dominava.

Ainda de olhos fechados, ergueu o braço ao celular sobre o criado-mudo afim de deter o som do alarme de uma vez, e estranhou ao ver que eram apenas 8:00 a.m., e que não era o alarme que estava tocando, mas sim a ligação. Tinha uma nova chamada.

Não era de nenhum dos números listados em seus contatos, mas as informações mostravam que não vinha do exterior. Pensou em não atender, mas então imaginou que poderia ser de McStorm, embora fosse mais provável que não. Decidiu atender mesmo assim.

- Alice falando - disse, fechando os olhos pesados de sono.

- Oi! Aqui quem fala é o Billy - a voz disse animadamente.

Ela arregalou os olhos e sentiu o sono esvair-se. Billy? Billy da empresa de entregas? O Billy a quem ela dera o número errado?

Ergueu-se na cama, ficando sentada, e afastou-se de maneira que as costas ficassem encostadas na cabeceira. Não podia ser ele, podia?

- Billy Wallace - ele tentou recordá-la, provavelmente percebendo o silêncio. Não adiantou muito. Alice não sabia o sobrenome dele.

- Billy... - fingiu entusiasmo, não muito bem.

- Eu mesmo.

Precisava fingir algo, qualquer coisa.

- Como...? - Ela ia dizer "como diabos você conseguiu meu verdadeiro número", mas supôs que não seria a melhor das opções. - Billy, me desculpe!

- Eu percebi que você confundiu alguns dígitos, então decidi ir atrás.

Ela pôs a mão no rosto com um suspiro. Ele não tentara ligar para todos os números possíveis de se escrever alternando entre as unidades dos três últimos dígitos, tentara?

Era impossível que ela confundisse "alguns dígitos" do próprio número, e ele sabia disso. Estava apenas testando-a. Devia dar outra explicação.

- Não confundi nenhum dígito, eu só... acabei anotando meu antigo número. Troquei recentemente e ainda não acostumei a escrever o novo.

- Entendi.

Ele não acreditara. Ou pelo menos não acreditaria, se percebesse que não tinha como uma pessoa mudar de número e o novo ser a cópia exata do antigo, exceto pelos três últimos dígitos.

De qualquer forma - ele acreditando ou não -, Alice acrescentou:

- Eu fui até a empresa várias vezes, mas você não estava lá.

- Deve ter sido na quinta. Eu não trabalho quinta nem sexta.

Bem, ao menos ele estava caindo.

- Mas agora eu já me livrei do antigo número, estou acostumando ao novo.

- Você deu a um amigo seu?

- Não.

- Eu liguei e um homem atendeu.

- Ah, você disse "amigo"? Eu entendi "amiga". Sim, dei o antigo número a ele.

- Ah...

Houve um silêncio.

- Como vai na nova cidade? Saindo-se bem?

- ...Eu acho que sim.

- Meu convite ainda está de pé - ele disse. - Tem compromisso para sábado que vem?

Alice suspirou.

Queria dizer que sim. Ele esperava que ela dissesse que não. E ela realmente não tinha nenhum compromisso, mas também não tinha certeza de que queria tentar algo com ele. E por um momento lembrou-se do que Harry lhe aconselhara. Então lembrou-se de Harry. Da maneira como ela saíra com raiva... Que talvez lhe devesse um pedido de desculpas...

- Alice?
- Oi?
- Ainda está aí?
- Sim.
- ...E então?

Ela hesitou.

- Não. Não tenho compromisso.
- Bem... o que acha de darmos um passeio? Conhecer a cidade um pouco mais...
- Ou poderíamos ver um filme.

Ele pareceu gostar da ideia. Tudo foi marcado e então ele desligou com um "até mais":

- Tenho que ir ao trabalho - disse.

Alice baixou a mão, pôs o dispositivo de volta ao criado-mudo e pôs-se a olhar o vazio. Billy até que parecia um cara legal...

Levantou-se e foi tomar banho.

Já estava acordada mesmo...

• • •

SENHOR GANT, EU estive pensando e... queria pedir-lhe desculpas pela maneira como reagi na segunda. Eu... fui rude, não me dei conta exatamente de que o senhor só estava tentando... ajudar. Não é preciso que o senhor retorne esta chamada, eu só queria me desculpar... pelo meu comportamento. - Finalizou a ligação e pôs-se a observar as águas.

A visão era agradável de cima da ponte. Podia ver as pessoas ao longe, árvores mais para a direita, seu reflexo em movimento nas pequenas ondas turbulentas das águas que atravessavam a ponte.

De repente, alguém tocou bruscamente em ambos os seus ombros, assustando-a por trás.

- BU! - Sara fez, depois caiu na gargalhada.

Alice sorriu embaraçosamente, esperando que a outra deixasse de rir, o que não demorou muito.

- ...Então? - Sara disse, coçando a cabeça. - Vamos lá?

• • •

E SEUS AMIGOS? - Alice perguntou.

Sara balançava os braços enquanto caminhavam pela estrada.

- Tenho vários, mas se você realmente quer saber a verdade, eu não confiaria em nenhum deles. - Respondia sem deixar de olhar para a frente, observando o fim da estrada. Suas botas faziam um som distinto a cada passo.

- Confiaria em mim?

Sara olhou para ela. Sorriu.

- Poderia ser o pior erro da minha vida, mas sim, eu confiaria.

Alice riu da ideia.

- E com certeza seria...

As duas desciam a estrada rindo uma da outra, quando Alice teve a ideia:

- O que vai fazer sábado que vem?

- Você fala como se estivesse longe.

- E está. Hoje é terça.

- Não, não está. Hoje já é *terça*.

- Enfim, o que vai fazer?

- Hm... - Sara pôs a ponta do dedo no queixo. - Passar a tarde com Fred. - E zombou de si mesma.

- Fred?

- Uhum. Um gato precisa de sua companheira.

- Ah, você... tem namorado.

- Não, é um gato mesmo. - Começou a falar com uma voz alterada: - Meu *fofucho plecisa* de *mí*. - E continuou, com a voz normal: - Por que a pergunta?

- Sobre Fred? Só pra saber...

- Sobre sábado.

- Ah! É que eu vou ao cinema com... um amigo. Queria saber se, quem sabe, você gostaria de vir.

- Adoraria! Que ami...? Quero dizer... Que filme?

Alice fez cara de estranhamento.

- Eu... não sei. Esqueci de perguntar.

- Como assim esqueceu de perguntar?

Alice respirou fundo. Sara não queria que ela explicasse toda a história de Billy, queria?

- Se isso é algo... pessoal - Sara começou -, ou uma longa história, eu

entendo se você não quiser contar...

E o fato de ela dizer isso só fez com que Alice se sentisse mais confortável para contar. E decidiu fazê-lo.

Precisava de alguns conselhos, afinal.

• • •

ÀS NOVE HORAS da noite, enquanto punha seus CDs em ordem alfabética na fileira do meio da pequena estante, Alice recebeu outro e-mail de McStorm. A audição fora um sucesso.

Informavam que ela deveria ir à reunião semanalmente afim de fazer a leitura do roteiro. Menos naquela semana, pois nela Alice deveria ir até lá para uma sessão de fotos que estariam em banners

por toda a cidade nos dias seguintes.

Por um momento ficou um pouco nervosa, mas então sentiu-se feliz por si mesma. Terminou a organização dos CDs, escovou ou dentes e dormiu mais cedo aquela noite.

Imaginava que o dia seguinte seria suficientemente cansativo.

CAPÍTULO OITO

NÃO, RICK, EU NÃO tenho nenhuma sessão esta tarde. Na verdade, agora mesmo, tenho apenas um cliente com hora marcada para esta manhã. Só estou indo para atendê-lo e depois organizar a papelada.

Os olhos pretos observavam cada movimento das pessoas a seu redor. Mal podia ver o céu por causa dos prédios impondo propagandas sobre os que por ali caminhavam. Desligou o telefone.

Ele segurava a mala com a mão direita, indo em direção a sua clínica, que ficava a apenas algumas quadras do apartamento, perto o suficiente para ir a pés e não chegar cansado.

Com a mão esquerda, endireitou a gravata sangria por sobre a camiseta branca com listras marrom verticais quase imperceptíveis.

Passou por uma banca de revistas.

Dobrou a esquina.

Passou por um homem que vendia pinturas - belos retratos, quem sabe um dia compraria.

Atravessou pela faixa de pedestres enquanto o sinal passava de verde a vermelho no início do quarteirão.

Desceu a rua.

Dobrou outra esquina.

Ergueu o olhar. E viu-a pela primeira vez.

O nome dela, impresso em vermelho, fora muito bem posicionado. ALICE HANNIGAN, fonte Helvética em um fundo branco mesclado no gradiente chamativo sobre o banner na *West 97th Street*). Mas não tão chamativo quanto a foto dela, acima da inscrição. Segurava uma rosa em chamas, usando um vestido azul-meia-noite), lábios vermelhos. Longos cabelos pretos em um majestoso coque clássico.

Era bonita...

• • •

ELE ORGANIZARA METADE dos papéis quando o cliente chegou, então descruzou as pernas e pôs os papéis de lado.

- Olá! Entre, por favor.

O rapaz entrou, fechando a porta cuidadosamente atrás de si. Parecia um tanto desastrado, o que nesse caso era algo bom.

- Sente-se, por favor - pediu, mostrando-lhe a poltrona à frente com a mão. Em seguida, pegou o envelope onde anotara as informações do rapaz.

- Espero você que me desculpe, mas eu não pude compreender seu sobrenome direito pelo telefone. - Preparou a caneta com um estalido. -West?

- Watson - corrigiu o rapaz, enquanto ele riscava a palavra "*west*" no papel. Então complementou: - Boris Watson.

• • •

ERAM 4:00 P.M. quando Alice saiu da reunião de McStorm na quinta-feira. Já estava acostumando a ir a pés aos lugares que não fossem tão longe de casa, mas dessa vez ela o fizera porque pretendia visitar Billy na empresa. Não porque começasse a criar afeição, mas porque precisava tirar uma dúvida.

E chegou na hora exata. Alguns minutos mais tarde e ela o teria perdido, pois, quando avistou a enorme empresa de entregas com suas paredes brancas e vermelhas, ele já estava fora, a ponto de ir para casa. Conversava com um amigo, provavelmente sobre algo de pouca importância para ela.

Alice se aproximou, fazendo com que ele a notasse quando estavam a uns 10 metros um do outro, e desse um sorriso tímido. Ela também sorriu, sabendo que ele pensaria que sua visita seria para lembrá-lo

inconscientemente do encontro que teriam no sábado, e tentou fazer desse sorriso o mais inocente possível.

- Alice...! - Ele exclamou enquanto ela se aproximava.

Seu amigo, que estivera de costas para ela, virou-se a fim de vê-la, e também sorriu gentilmente.

- Olá, rapazes - ela disse, erguendo a mão direita no que deveria ser um aceno.

- Oi! Tudo bem?

- É, acho que sim.

Billy foi direto às apresentações, tocando as costas dela com a mão esquerda e usando a direta como um símbolo de demonstração de um e depois do outro:

- Philip, esta é Alice. Alice, este é Phillip.

- Oi - o amigo disse, erguendo a mão para cumprimentá-la. - Pode me chamar de Phil.

- Olá, Phil - ela aceitou o cumprimento, percebendo que ele tinha olhos verdes. Em seguida, foi direto ao assunto:

- Ma...

- De onde você está vindo? - Billy a interrompeu.

- ...McStorm.

- Ah, você está naquela peça, não é? "Vozes da Calma"?

- "Vozes da Alma" - corrigiu. - Sim, estou. Como sabe disso?

Ele riu sarcasticamente:

- Além de estar em anúncios por toda a cidade?

Phil também riu, e ela os seguiu para não pensarem que se ofendera. Achou que seria um bom momento para ir direto ao ponto:

- Eu passei por aqui porque... queria te perguntar uma coisa.

- Adiante - ele inclinou a cabeça, como se estivesse dando permissão.

Ela entreolhou Phil por um segundo, continuando em seguida:

- Você se importa se eu convidar alguém mais para amanhã?

A princípio, ele pareceu confuso, um pouco decepcionado e um pouquinho compreensível.

- ...Quem?

- Uma amiga.

Agora ele parecia menos decepcionado e mais compreensível.

- Não, não me importo. Se bem que eu imaginei isso como algo mais...

para duas pessoas.

- Desculpe, eu sei o sacrifício que você está fazendo... - Ela supôs que, se o pusesse como o herói da história, ele aceitaria a ideia sem pensar duas vezes. - É que ela terminou com o namorado dela recentemente e... precisa... sair mais, sabe. - Percebeu que, por mais que fosse péssima em mentir, ela era criativa o suficiente para cobrir a mentira com vários detalhes que a fariam parecer verdadeira. - Mas não diga que eu te contei essas coisas ou ela vai ficar brava, está bem? - Imaginava que, se fingisse estar tendo segredinhos, ele pensaria que ela estava começando gostar dele, o que não era completamente necessário naquele caso, mas saber que poderia manipular uma mente masculina a deixava bem. Ou pelo menos acreditar que poderia.

- Pode deixar - ele disse.

E, para não se despedir assim sem mais nem menos, ela decidiu brincar com Phil:

- E nem você! - Apontou com o indicador, sorrindo como se dissesse "estou de olho em você".

Ele uniu o polegar e o indicador e moveu-os da esquerda à direita em frente a boca, como se a estivesse fechando como um zíper, enquanto Billy gargalhava.

Alice acenou.

- Até mais, rapazes. Billy, nos vemos no sábado!

- Certo!

- Até - disse Phil.

Ela afastou-se lentamente, de frente para eles, sorrindo, baixou a mão, virou-se devagar, caminhou mais rapidamente enquanto descia a estrada, sentindo o sorriso desfazer-se em uma cara séria, entediada, monótona e inexpressiva de quem está cansado de tanto fingir.

CAPÍTULO NOVE

NA SEXTA À TARDE ela saiu com Sara, depois foram à sua casa para uma conversa. Boris a visitou e os três se divertiram. Sara teve que ir. Alice e Boris tomaram um drinque enquanto conversavam. Ele mencionou que estava vendo um novo psiquiatra. Depois também teve que ir. Ela leu *Os Meninos do Brasil*, organizou os livros na estante, ouviu *Clair De La Lune* enquanto tomava um banho, comeu apenas algumas frutas e foi para a cama.

• • •

MCSTORM INFORMARA QUE haveria outra reunião no dia seguinte, das 18:00 às 19:30. Imaginava que sairia com tempo suficiente para se preparar para o encontro com Billy.

CAPÍTULO DEZ

DISCUTIRAM APENAS O NOVO contrato que ele recebera para trabalhar como modelo na agência afiliada. Não demorou muito, saiu bem mais cedo, às 19:00. Bateu um papinho com Yuri sobre a peça, depois dirigiu-se à saída. E, quanto mais se aproximava, mais alto podia ouvir um chiado vindo de fora, que logo revelou ser o barulho da chuva caindo sobre a cidade.

Era uma chuva fina, que - ela esperava - passaria dentro de alguns minutos. Então, usando a própria mochila para se proteger da chuva, direcionou-se ao ponto de ônibus que ficava exatamente em frente de McStorm, na calçada do mesmo, oferecendo uma porção de teto plástico azul semitransparente sob o qual ela podia proteger-se da chuva.

O crepúsculo chegava ao fim quando ela se sentou no banco e pôs a mochila sobre as pernas, lamentando o fato de que, se houvesse ido de carro, a chuva não a deteria.

A estrada estava completamente vazia e molhada, diante da luz dos postes que haviam acendido alguns minutos atrás, o que ela viu uma demonstração de que já era noite.

Olhou o relógio. 19:10.

A chuva fina agora tornava-se cada vez mais grossa e pesada. Alice se afastou para a esquerda, pois começara a sentir sua coxa molhando pelas gotas que batiam no chão perto dela e retornavam acima, atingindo-a. O frio

aumentou.

Quem sabe poderia enfrentar a chuva sem se importar, mas, além de pegar um resfriado, comprometeria os papéis que carregava.

Olhou o relógio. 19:20.

Uma rajada de vento frio veio do fim da rua e esvoaçou seus cabelos, fazendo-a sentir seu corpo gelar e arrepiar-se.

Uma silhueta surgiu na esquina. Correndo precisamente para evitar as poças de água acumuladas sobre a estrada. Um homem. Parecia estar indo em sua direção, o que a fez gelar ainda mais.

A silhueta masculina passou por sob a luz de um poste, e por um milésimo de segundo Alice pôde ver um blazer azul da Prússia e uma gravata sangria, antes de a escuridão gélida retomar conta de tudo em sua visão. Esperou que a silhueta passasse por sob o segundo poste, aproximando-se cada vez mais, e então pôde ver que por baixo do blazer o homem usava uma camisa branca com - se ela não estava enganada - listras marrons verticais quase imperceptíveis.

...Mike?

Ele parecia estar indo em sua direção, portanto ela se afastou ainda mais para a esquerda, ficando na beira do banco, e quando olhou-o novamente, ele já estava sob o teto do ponto de ônibus, a apenas alguns metros dela.

Sem dúvidas, parecia-se muito com... Mike.

Alice baixou o olhar. Retirou os papéis do envelope e fingiu estar organizando-os.

Ele respirou ofegante por alguns segundos, então tirou o blazer, que já estava um pouco molhado - o que a surpreendeu, pois imaginava que estaria completamente encharcado -, dobrou-o e o pôs sobre o banco, para o que foi preciso que ele se aproximasse um pouco mais dela.

- A chuva está forte, não é mesmo? - Ele comentou, ainda de pé, observando a estrada. Alice o entreolhou, para ter certeza de que falara com ela - por mais que isso fosse estupidamente óbvio.

Ele se virou para ela, chegando mais perto, inclinou-se um pouco enquanto erguia a mão pedindo um cumprimento disse, firmemente:

- Olá.

Ela ergueu o olhar para seu rosto. Depois para sua mão. E novamente para seu rosto. Apertou a mão dele, aproveitando o movimento para observá-lo: ele tinha o rosto jovem, de 19 a 23 anos, não parecia muito alto, mas supunha

que fosse mais alto que ela. Usava sapatos pretos, calça da mesma cor do blazer dobrado sobre o banco, camisa branca de botões brancos semitransparentes nas casas adequadas. Tinha um sorriso atraente, acolhedor, mas um aperto de mãos firme demais. E, o que em outra pessoa seria a primeira coisa que ela notaria, ele tinha olhos pretos.

PARTE II

CAPÍTULO ONZE

EU SOU BRIAN WOOD - ele disse, gentilmente.

- Alice Hannigan.

Ele pareceu impressionado de repente, como se houvesse algo errado com o nome dela, mas depois exibiu um sorriso agradável e finalizou o cumprimento, afastando-se casualmente. Ficou ereto, com o rosto virado à sua direita - que era a esquerda dela -, olhando para a chuva, para a noite, para seus próprios pensamentos.

Alice deixou de ficar olhando-o, virou o rosto para sua direita. Eram 19:30 e ela já deveria estar chegando ao cinema. Em vez disso, estava sentada em um ponto de ônibus esperando a chuva - a longa e pesada chuva - passar, com um estranho surpreendentemente bem vestido que provavelmente puxaria conversa se a chuva não passasse em dois minutos ou menos.

Brian sentou-se ao lado de Alice, tão perto - na opinião dela -, que, se ela não já estivesse na beira do banco, jurava que se afastaria, ainda que tal gesto fosse um tanto desrespeitoso.

- Como vai a peça? - ele perguntou.

Alice fitou o edifício à frente, franzindo as sobrancelhas.

- Do que você...?

Ele olhou para trás, para o prédio McStorm, a fachada em luzes neon alaranjadas brilhando a uma distância não muito longa. Deduzira que ela

trabalhava ali, ou simplesmente vira seu nome em algum anúncio.

- Bem - disse, apenas.

Brian virou o rosto para o outro lado. Houve um silêncio de cerca de um minuto.

Alice podia ouvir a própria respiração, quase inaudível em meio ao barulho da chuva batendo no teto, o ruído do vento em seus ouvidos. Sentia seus músculos tremerem levemente pelo frio.

Brian voltou-se a ela outra vez:

- Você tem um encontro hoje, não é mesmo?

Ela não se deu ao trabalho de olhar para ele, apenas pôs-se a questionar como sabia do encontro. Seria um dos amigos de Billy? Certamente não parecia do feitio de Billy, talvez fosse amigo de Sara; se bem que ele a mencionaria antes de dizer algo a respeito, especialmente porque parecia estar tentando fazer amizade com ela - a melhor maneira seria mencionando sua amiga, não? Ou será que era isso que significava trabalhar em McStorm, que todos saberiam da vida dela?

Não sendo capa de encontrar a resposta por si só, chateou-se consigo mesma e soltou de uma vez:

- Como sabe disso?

- Sou psiquiatra. - Ele sorriu. - Você parece um pouco nervosa, ansiosa por algo e, acima de tudo - pegou a mão dela, fazendo-a gelar ainda mais -, está fria. Sua expressão facial, as sobrancelhas, para ser mais específico, sugerem desaponto, decepção; mas seu olhar revela alívio. Eu diria que você nunca quis marcar este encontro, afinal é uma mulher livre e não precisa de nenhum homem, mas aceitou mesmo assim, então se importa com o que pensam *ou* está à procura de um companheiro porque a aconselharam a fazer isso. Tem amigos, então.

Psiquiatra ou o próprio Sherlock Holmes?

Ela puxou sua mão, que até então ele segurava, fingindo que não se decepcionara por encontrar alguém mais observador que ela própria.

- Não tenha medo - ele disse, provavelmente referindo-se ao fato de ela haver puxado a mão. - Eu não a farei mal.

O vento fez parte da chuva mudar de direção por um momento.

Alice o olhou com reprovação.

- Não estou com medo.

- Está tremendo.

- Pelo frio. - Não era pelo frio, mas também não era por medo, disso ela tinha certeza. Estava nervosa, por algum motivo. Cruzou as pernas e pôs-se a balançar o pé. - Por que eu estaria com medo?

Ele encolheu os ombros. Levantou-se e foi em direção à chuva, mas deteve-se antes de sair de baixo do teto. Algumas gotas alcançavam-no do joelho abaixo, molhando seus sapatos e parte de sua calça.

A Boate Sunshine começou a tocar *99 Luftballons* na esquina à direita, alguns carros molhados estacionados em frente à mesma.

- Quer um conselho profissional? - Brian perguntou, a um metro da chuva.

- Se eu disser que não, você vai falar mesmo assim?

Ele riu.

- Vou.

- Então sim, aceito seu conselho *"profissional"* - imitou aspas com os dedos.

Ele riu ainda mais. E apontou para a chuva com um aceno de cabeça.

- Vamos?

Ela tardou um pouco para entender, e quando o fez, riu, fechando os olhos e comentando:

- Você é maluco...

- Garanto que, se você me seguir, isso fará seu dia melhor. A vida é curta, Alice Hannigan.

- Vai pegar um resfriado - ela advertiu.

- Valerá a pena.

Era um sujeito esquisito, mas tinha um sofisma que a impressionava. Parecia, apenas *parecia*, diferente dos demais. Gentil, alegre e sem medo de entregar-se à diversão da vida. Meio maluco ele também, mas ao menos para o lado bom. Se possível.

O volume da música da esquina aumentou, de maneira que Alice poderia compreender a letra - se houvesse concluído o curso de idioma alemão.

Ele estava de pé, diante da escuridão noturna. Alice não sabia por que, mas realmente queria segui-lo pela chuva. Não se preocupava com o fato de que era um estranho quem a estava convidando. Se ele pretendesse fazer algo ruim, já teria feito. Na melhor das hipóteses, ela era quem estava manipulando-o, manipulando-o a tentar impressionar uma garota dizendo frases filosóficas - até bonitas.

Brian deu um passo à frente, depois virou-se enquanto se distanciava ao

meio da estrada. Abriu os braços, de olhos nela.

A música chegou a um trecho que Alice pôde compreender:

Em menos de um minuto, ele já estava encharcado, de braços abertos, com um sorriso no rosto e fitando-a.

- Seja livre, Alice Hannigan! - Precisou falar em um tom mais alto por causa da distância entre os dois.

Alice ficou de pé. Ele era engraçado, isso sim.

Deixou sua mochila sobre o banco e aproximou-se muito lentamente, sem sair de sob o pequeno teto, sorrindo estranhamente para si mesma. E para ele.

Brian se aproximou com passos suaves até estarem a menos de um metro um do outro, ele sob a chuva, ela sob o teto. Sorriu amigavelmente.

Alice estava a ponto de formular uma pergunta inteligente quando sentiu o pulso molhado e algo frio tocando-o. Baixou o olhar imediatamente, a tempo de ver que ele agarrara seu braço antes de ele puxá-la bruscamente para a chuva fria que a encharcou em instantes.

O misturador de áudio vinil começou a tocar na música da esquina.

- *Você enlouqueceu?!* - Ela exclamou, e por algum motivo estava sorrindo.

Ele agarrou os dois braços dela e falou, perto de seu rosto:

- Alice Hannigan - cismara com seu sobrenome, pelo visto -, eu não estou pedindo para protegê-la, porque sei que você é uma mulher independente e forte. Não estou pedindo para sair comigo, porque sei que você não quer um relacionamento e entendo e respeito isso. Estou pedindo que você seja livre. Que esqueça tudo e todos e seja você mesma e por uma só noite.

Ela não sabia por que - talvez a chuva? -, mas não podia parar de sorrir. Todas aquelas palavras não a comoveriam em nenhum outro momento, mas esse foi diferente. Achou a ideia uma maravilha e entregou-se à escuridão, à chuva, ao frio da noite.

O vinil adquiriu um ritmo mais rápido na música à esquina, fazendo-a sentir-se em uma balada.

- Sabe dançar, Alice Hannigan?

O sorriso dela tornou-se um sorriso tímido. Meneou a cabeça.

- Não.

E, como se estivesse esperando exatamente esta resposta, ele riu, enquanto o vinil adquiria um ritmo ainda mais rápido.

- Eu também não. - Pegou as mãos dela para guiá-la pela chuva enquanto ambos dançavam sorridentes. De fato não eram bons, mas juntos não

pareciam péssimos. Alice sentia as gotas d'água caírem sobre seu corpo, seus cabelos molhados e o frio a envolvê-la enquanto ela se movimentava. Ele mentira, certamente. Em meio a seus movimentos, podia vê-lo dançar melhor que qualquer outra pessoa que ela já vira.

Ele pegou sua mão direita, ergueu-a em movimento circular, fazendo seu corpo girar uma volta perfeita e, então, apoiar-se nos braços dele.

Ela o olhou nos olhos.

- Viu só? - disse ele. - Não foi tão ruim assim.

- Você é maluco. - Ria.

Tinha olhos pretos, como Alice já notara. O rosto molhado pela chuva. Os lábios grossos agora mais sedutores que nunca.

Ela o beijou, mas afastou-se em menos de um segundo. Não se entregaria a uma paixão. Não assim, não agora. Mas ele a puxou de volta e beijou-a, ambos sentindo a pesada chuva cair sobre seus corpos, gélida e fria, vinda da imensidão noturna e obscura sobre mais uma das ruas da cidade de Nova Iorque.

• • •

DESCULPE, EU NÃO posso fazer isso! - Ela recuou.

- Alice...

- Desculpe! - Ela foi até o banco sob o teto do ponto de ônibus e pegou sua mochila. Ele a seguiu, um pouco mais devagar.

Algo acontecera com ela, em seu passado, para que agisse assim, para que evitasse tanto qualquer possibilidade de se apaixonar.

- Não tem que fazer isso, não precisa ser assim! - Tentou fazê-la mudar de opinião a respeito de algo que ele nem sabia o que era, apenas suspeitava. Poderia ser outra coisa, algo mais simples? - Você tem namorado?

- *Não!* - Respondeu em tom de reprovação, provavelmente querendo dizer que, se tivesse namorado, jamais o teria beijado naquela noite. - Desculpe, Brian... Mesmo! Eu só... não posso.

Não disse mais nada. Nem ele, nem ela.

Apenas viu-a pôr alguns envelopes na mochila e sair, ainda sob a chuva - agora mais fraca -, tentando protegê-los com os braços, e distanciar-se até tornar-se um pequeno ponto no fim da rua.

CAPÍTULO DOZE

NÃO HAVIA MUITAS RAZÕES possíveis para explicar a maneira como ela fugira na noite anterior, o que facilitava a linha de pensamento de Brian.

Obviamente, Alice não apenas evitava relacionamentos, como também temia qualquer possibilidade de entrar em um, e tentava impedir isso com toda sua força. Pelo que ele notara.

A explicação mais plausível que encontrara era que ela provavelmente se entregara ao amor de um rapaz, em algum momento de seu passado - não tão recente, mas não tão distante. Amor que acabou em feridas, causando uma dor que, sim, ela superara, mas apenas superficialmente. Do contrário, estaria pronta para tentar outra vez. Conclusão: o amor de sua vida deixara de amá-la.

Sim, era completamente comum que ela exaltasse os valores femininos, e com razão. Mas parecera escapar de algo que ela mesma queria para si. Queria e podia ter, mas dizia-se que não para manter acesa a lembrança de algo, de *alguém*.

Se o amor de sua vida houvesse rompido a relação, ela seria forte o suficiente para seguir em frente, obviamente. Pelo que Brian notara, Alice tinha mais força de vontade do que *ele* mesmo. Certamente seria capaz de superar um término, em vez de cuidar para manter a lembrança viva - que era o que Brian percebera que ela estava fazendo. Então o que acontecera?

Se ela não queria esquecê-lo, ainda o amava. Se ainda o amava, ele não a machucara nem ferira seus sentimentos. Mas Brian sabia que ela não tinha mais namorado, então o que havia acontecido com ele?

Não poderia ter falecido... Poderia?

A verdade era que sim. E provavelmente fora exatamente isso o que acontecera.

• • •

À NOITE, ALICE tentava imaginar como o encontro se passara, já que não comparecera. A fim de não se culpar por isso, só podia esperar que Billy e Sara tivessem se divertido o bastante. Talvez Alice até se livrasse dele.

Conversaria com Sara a respeito disso assim que possível, quem sabe no dia seguinte. Aproveitaria para explicar por que não fora ao encontro, toda a história da chuva que a obrigara a recuar ao ponto de ônibus onde permanecera por horas, até que...

Por um momento o rosto dele veio à mente de Alice. Calmo e simples. Ela lembrou de seu jeito, um tanto audacioso, mas bem divertido. Nem sequer sabia por que estava pensando nele, se fora ela quem fugira feito uma louca depois de *ela* tê-lo beijado.

Terminou de escovar os dentes. Enxugou as mãos numa toalhinha. Foi até a cozinha. Apagou a lâmpada que ficava de fora. Voltou ao banheiro. Checou o rosto no espelho. Dirigiu-se ao quarto. Organizou a cama. Deitou-se. Leu um livro até o sono chegar. Dormiu.

E sonhou com um estranho chamado Brian Woods.

CAPÍTULO TREZE

ELA CONVERSOU COM BILLY novamente na segunda-feira, pela manhã. Encontraram-se por casualidade enquanto ela perambulava pela Avenida Madison e ele ia à empresa. E, diferentemente das outras vezes, não se sentiu incômoda ao falar com ele. Achou inclusive que tal encontro ocorrera em uma boa hora, afinal planejava telefoná-lo para desculpar-se por não ter ido ao encontro e explicar tudo - bem, não *tudo* tudo, mas ao menos o suficiente.

Surpreendentemente, Billy foi bastante compreensível.

- Espero que vocês tenham se divertido - ela finalizou.

- Sim, sim, nós nos divertimos muito! Sua amiga é muito engraçada...!

Isso era tudo que Alice queria ouvir.

- Claro que, com você, eu teria me divertido mais... - ele acrescentou.

Isso era tudo que Alice *não* queria ouvir. Billy não achara Sara suficientemente divertida, não a ponto de perder o interesse por Alice - por mais que isso não fosse um problema muito grande, na opinião dela. Ele até que era gentil.

- O que acha de remarcarmos? - Sugeriu. E de fato, não pareceu uma má ideia.

- Seria ótimo! - Alice começou a se distanciar. - Eu... vou dar uma olhada na minha agenda, depois nós marcamos tudo, ok?

- Certo! Até mais!

Ela acenou com um sorriso.
- Até mais.

• • •

BORIS CHEGOU ATRASADO à clínica de Brian, seu novo psiquiatra. Anteriormente, fizera uma visita apenas para marcar a consulta, portanto este era o primeiro encontro.

O motivo primordial por ter buscado um novo psiquiatra era que precisava falar coisas que não podia contar a Harry, pois este conhecia Alice. Não que achasse que Harry quebraria o sigilo, mas simplesmente para sentir-se seguro com suas próprias palavras, sem precisar ter que tomar cuidado para não falar demais.

- Você mora com sua família? - Brian perguntou, observando-o com seus olhos pretos.

- Não, Sr. Wood. - Boris tentava encará-lo, mas falhava a cada minuto. - Eu...

- Pode me chamar de Brian. - Interrompeu-o, sorrindo amigavelmente. Sabia como deixar alguém à vontade. - Desculpe interromper. Prossiga.

Boris reformulou:

- ...Eu só ia dizer que, sim, tenho amigos, mas fico mais feliz em me dedicar à pessoa que amo.

- Ah, então você é casado?

- Não.

- Noivo?

- Não.

- Tem namorada?

- Não.

- Está interessado em alguém?

Boris hesitou. Brian sorriu.

- *Está* interessado em alguém... - Anotou algo na prancheta. - Isso é ótimo, não? - Fez silêncio por um instante. - Mas então qual é o problema?

- Quem disse que há um problema?

- Se não houvesse, não estaria aqui. Posso perceber isso em seu tom de voz.

Boris ficou calado.

- Ela é mais velha? - Brian chutou.
- Não. Quero dizer, *sim*. Mas só por um ano, isso não é o problema.
- Então qual é o problema? Ela é parente sua?
- Não.
- Ela é homossexual?
- Não.
- Ela é ele?
- Não!
- Você é uma pessoa de poucas palavras... Assim fica difícil eu conseguir ajudá-lo.
Boris suspirou.
- O problema é que... nós somos amigos. Grandes amigos de infância. - Olhou para o chão e pôs-se a imaginá-la. Seus longos cabelos escuros... Seu olhar profundo... Seu sorriso arrebatador...
Brian deduziu o resto:
- ...E você tem medo que isso possa acabar com a amizade de vocês.
Boris assentiu, tentando encará-lo outra vez, e ouviu-o dizer:
- Já vi esse tipo de problema antes. Eu mesmo já passei por isso, então imagino que você esteja com sorte. - Entreolhou a prancheta. - Posso resumir suas opções a apenas duas, mas para isso você precisa saber identificar o quanto gosta dessa garota. Primeira: se você perceber que esse sentimento ainda não se fixou em seu coração, apenas está surgindo, dê valor à amizade de vocês. Se o que disse é verdade, então vocês são amigos há anos, o que na minha opinião, é algo valioso demais para jogar fora. *Porém...*, e esta é a segunda opção, se você realmente gosta dela, não pode simplesmente engolir ou ignorar o que sente. Deve expor o problema e enfrentá-lo. Do contrário, isso poderá acabar implodindo dentro de si.
Boris o observou em silêncio. Brian era um ser humano, certo? Tinha uma vida, tinha sentimentos. Tivera amores...
- Posso fazer uma pergunta ao senhor?
- Claro!
- ...O senhor é casado ou comprometido ou algo do tipo...?
Brian pareceu surpreso com a pergunta. Demorou a responder:
- Estou solteiro.
- Interessado em alguém?
Ele pareceu hesitar.

- ...Sim.

- Então - Boris questionou - por que não estão juntos?

- ...Desculpe, mas não estamos aqui para falar de mim. Eu sugiro que...

- Estamos aqui para manter minha saúde mental, não? Se falar de você vai ajudar nisso, eu imagino que seria *muita* gentileza sua responder minhas perguntas. - Por parecer muito audacioso, decidiu acrescentar: - Se quiser...

Brian riu.

- Já que insiste...

- ...O que o senhor faria se estivesse no meu caso?

- Estou em um caso pouco diferente do seu, Boris - disse, rapidamente. - E vou te aconselhar a fazer o que eu mesmo estou pensando em fazer: envie um presente a ela. Mas isso somente se você realmente gosta dessa garota, do contrário, deveria escolher a primeira opção: valorize sua amizade. E isso quer dizer que, antes de tudo, precisa decidir o que sente por ela exatamente.

Boris olhou para ele fixamente, e dessa vez não desviou o olhar. Inclinou-se para frente a fim de chamar mais atenção ao que ia dizer, e afirmou:

- Eu a amo.

CAPÍTULO CATORZE

Era bom que Sara estivesse livre na manhã de terça, assim as duas poderiam dar um passeio. Dobraram na *Cathedral Parkway* e seguiram direto.

- Então é verdade?
- O quê?
- Aquela história, da chuva...
- Claro! - Alice respondeu. - Por que não, o que mais seria?

Sara deu de ombros.

- Não sei... Uma forma de dizer que não quer nada com Billy?
- Eu não precisaria inventar uma história para isso.
- Então você *quer* algo com ele...?

Alice a entreolhou. Sorriu.

- Por que a pergunta?
- Ah, sei lá... - Deu de ombros outra vez. - Só pra saber...
- Ouvi dizer que vocês se divertiram bastante.
- Ah, ele disse isso?
- Ahã.

Sara riu. Não disse nada.

- Então...? - Alice esperou. - O que achou?
- Dele? Bem... É um cara legal. Claro que seria melhor se parasse de falar

em você, ao menos por um segundo. - Ergueu a cabeça, semicerrou os olhos e de repente, pareceu surpresa por algo.

- A esse ponto, já devem ter...

- Psst! - Sara fez, interrompendo-a.

- ...O que foi? - Alice olhou ao redor, procurando o que quer que ela tivesse visto. Viu um vulto vermelho e branco em meio às pessoas. Parou. Focou nele, no vulto que agora revelava-se Billy, vindo em sua direção com um sorriso no rosto e a mão erguida.

Revirou os olhos. Quais seriam as chances? Olhou para Sara, que esboçava um sorriso pouco verdadeiro, de olhos nele.

- Olá! - Ele gritou.

Sara acenou com a mão. Alice voltou a olhar para ele. Sorriu, deu um aceno de cabeça e, quando se aproximou, disse, cumprimentando-o:

- Hey.

- Olá - ele repetiu, voltando-se para Sara e cumprimentando também ela, mas rapidamente voltou o olhar a Alice. - Não esperava encontrá-las aqui.

- É, nem eu - Sara baixou o rosto e virou-o à esquerda, praticamente deixando claro o incômodo em vê-lo, o que Alice não compreendeu inteiramente.

- Estamos apenas dando uma volta... Distraindo a mente.

Ele emitiu um som de interesse, olhando-a nos olhos enquanto Sara cruzava os braços.

- Você... estava indo à empresa? Alice perguntou, vendo-o apressar-se em responder:

- Sim, sim, eu... - ergueu o olhar - *ainda* estou, na verdade.

Os dois riram. Sara sorriu, como se não quisesse fazê-lo mas não pudesse conter-se.

Billy suspirou, passando a mão no cabelo.

- Então, Alice... Sobre o encontro... Já pensou em algum lugar?

- Hã... Na verdade não. Mas não se preocupe com isso, nós poderíamos dar um passeio e... improvisar.

- Hm... Ótimo! - Pareceu alegre com a ideia, até que olhou para Sara e seu sorriso tornou-se uma expressão duvidosa. - Você também vai?

Era óbvio que ele queria que ela dissesse "não", apenas tentara não deixar isso tão explícito assim. E teve sucesso, na opinião de Alice.

Sara abriu a boca, mas não disse nada. Olhou para ele. Depois para Alice.

Depois para ele de novo.

Provavelmente imaginava que Billy não queria que ela fosse ao encontro, já que ele esperava algo mais romântico, mas que Alice queria que ela fosse, já que não gostava muito de Billy. E por um momento Alice se questionou o que Sara realmente queria, independentemente da opinião dos outros dois.

- E-eu... - Sara balbuciou, fechando os olhos por um segundo - não vou poder ir. Tenho que... ficar com Fred. Espero se vocês se divirtam.

Billy exibiu um sorriso, assentindo.

- Bem... - disse - parece que somos só nós dois.

Alice concordou.

- Estará livre este sábado?

- Hm... Não tenho certeza... Por que não amanhã mesmo?

Sara arregalou os olhos, observando os dois.

- Não, não dá - Billy respondeu. - Mas estarei livre na quinta, depois de amanhã.

- Então será na quinta. Tudo bem por você?

- Claro, como quiser - ele riu.

Despediram-se. As duas voltaram a caminhar, aproximando-se da esquina onde dobrariam. Sara não esperou que ele ficasse distante para comentar:

- Viu só a maneira como ele olha para você?

Alice gargalhou.

CAPÍTULO QUINZE

ALÔ - ELA ATENDEU, DEITADA na cama.

A voz masculina tardou em responder, mas fez-se ouvir na outra linha:

- Oi. Srta. Hannigan?

- Sim?

"Srta. Hannigan"? Quem poderia ser?

- ...Desculpe incomodá-la agora. É que... bem, você não deixou claro quando será a próxima reunião, então eu não posso reportar nada ainda, não enquanto a senhora não marcar.

Para chamá-la de "senhora" só poderia ser uma pessoa.

Alice ficou de pé. Pegou uma bola laranja pequena do chão e virou-se para a cama no canto do quarto, encostada na escrivaninha.

- ...Willy?

- Sim, sou eu. Desculpe, é que estou na pressa - ele disse, entre risos.

Alice franziu o cenho. Lançou a bola laranja para cima e depois agarrou-a, repetindo o movimento.

- Na verdade, tenho quase certeza que marquei sim.

Dirigiu-se à escrivaninha. Com a mão direita, abriu a agenda de capa azul com desenhos de flores mais escuras impressos na mesma. Pousou o indicador sobre a página quase completamente em branco. Quarta linha. Reunião em McStorm na sexta.

- Sim. Marquei para sexta.

Houve um breve silêncio. Ela ouviu alguns barulhos na outra linha. Papel sendo amassado. Cadeira sendo movida. E, então, a voz de Willy:

- Hm... Sim, você tinha marcado uma para sexta, mas o Yuri cancelou. Disse que é melhor descansarmos um pouco. - Ele riu. - Como se um dia fosse suficiente para isso... Bem, de qualquer forma, não era desta reunião que eu falava.

- Não?

- Era da outra.

- Hã... Não íamos ter nenhuma outra.

- É verdade, mas agora temos um cliente em outro ramo, então...

Alice assustou-se ao ouvir um som repentino, que logo percebeu ser a campainha, deixando a bola laranja cair com o susto. Dirigiu-se à sala de estar, enquanto a campainha tocava mais duas vezes.

- Willy, que cliente? - Foi em direção à porta.

- É... O cara das fotografias. No momento não consigo lembrar seu nome, mas se não me engano...

- Ah, sim, sei.

- Sabe?

- Gordon Hills.

- Esse mesmo!

- É verdade, eu tinha esquecido. - Abriu a porta. - Bom, então pode ser sábado. - Não viu ninguém. - Eu vou... estar... - pôs a cabeça para fora, ainda segurando o celular à orelha esquerda, estranhando cada vez mais - livre... no... sábado...

Não havia ninguém.

Ela olhou para os lados. Tudo estava completamente normal - o filho do Sr. Peterson procurando encrenca com o garoto mais novo, o marido de Thea entrando em um taxi na esquina...

- Ótimo - Willy disse -, então está marcado. Vou avisar ao resto dos...

Ela baixou a mão, aumentando a distância entre o celular e sua orelha e ouvindo a voz de Willy cada vez mais baixa até tornar-se muda. Olhou para baixo.

Havia uma caixa sobre o cascalho, imóvel e posta em uma posição que sugeria pressa - a pessoa a deixara ali, tocara a campainha e fugira.

Alice voltou o celular à orelha, ouvindo a voz de Willy outra vez:

- ...porque isso seria até esquisito. - Ele riu. - Além do mais...

- Willy - ela o interrompeu -, podemos conversar depois? Eu... preciso resolver algo urgente.

- Hã... Claro! Afinal...

Ela desligou antes que ele pudesse finalizar a frase.

Agachou-se. Pegou a caixa. Ergueu-se. Entrou. Fechou a porta.

A caixa era turquesa, feita de um material macio, e a tampa revestida de desenhos espirais brancos. Em bom estado. Bonita, até.

Chegando ao quarto, Alice pousou-a sobre a escrivaninha. Pôs o celular ao lado. Removeu a tampa, revelando o interior da caixa, uma estrutura revestida por veludo escarlate chamativo, e no centro, uma gardênia, na qual estava amarrado um bilhete em papel pólen e caligrafia exuberantes.

Uma flor. E um bilhete.

O que estava acontecendo, afinal? Ela perdera algum episódio de sua própria vida? Ou havia retornado ao tradicional, do qual tanto fugia, e fora tão longe a ponto de adquirir um *admirador secreto*?

Não iria ler o que estava escrito, mas decidiu fazê-lo para o caso de haver sido um presente de Boris - pobre Boris - que, em tal hipótese, criara coragem para uma declaração. Não o suficiente, é claro, visto que mantinha sua timidez em enviando presentes e sua infantilidade em escrevendo bilhetinhos.

Alice suspirou. Era pra ser algo romântico, não? Essa fora a intenção, quem quer que houvesse enviado a flor, então talvez ela estivesse sendo rígida demais. Sim, talvez devesse pegar leve com o pobre garoto, inclusive com seus próprios pensamentos, isto é, se realmente houvesse sido Boris. Só poderia ter sido ele, afinal, a não ser que... Sara? A sorridente, brincalhona e sarcástica Sara certamente seria a cabeça por trás de uma brincadeira desse tipo. Alice imaginava.

Percebendo que havia mais possibilidades de outros remetentes, pegou o bilhete:

"Me encontre nas asas dos sonhos
Na voz do cantar e na paz do amar".
Para: Alice Hannigan

De: B.W.

Um poema que ela só salvaria se tivesse significado simbólico, do contrário até mesmo lê-lo seria perda de tempo.

E o remetente fora... B.W.

Alice fungou, irritada. Lançou o bilhete com força sobre a escrivaninha, tapou a caixa com brutalidade e dirigiu-se rapidamente ao corredor fora do quarto.

Eram más notícias. Agora ela teria que lidar com ele a respeito de "não estar a fim", com o rapaz sensível e imaturo que a esta altura, provavelmente já acreditava amá-la e "guardara o segredo por tanto tempo que simplesmente não conseguia mais". Podia até ouvi-lo dizer "eu te amo", "eu sempre te amei" e outras coisas sem sentido com sua voz desafinada. Porque fora ele quem enviara a flor, certo? Boris Watson?

Alice se deteve repentinamente sob a moldura da porta, a ponto de sair do quarto. Fechou os olhos. Respirou fundo. Virou-se, vendo a janela aberta, raios de luz solar entrando pela mesma, revelando partículas de poeira suspensas no ar, objetos iluminados sobre a escrivaninha, a coleção de Arthur Conan Doyle organizada no plano de fundo, a caixa em frente e, a seu lado, o bilhete. O bilhete escrito por B.W.

Alice se aproximou lentamente. ...Billy Wallace?

Poderia muito bem ser um presente dado por Billy, o que melhorava um pouco a situação, agora menos complicada. Embora ela se sentisse incômoda por haver se irritado com Boris por razão nenhuma.

Destampou a caixa. Pegou a gardênia. Ergueu-a à luz, uma visão perfeita de um ângulo perfeito. Leu o bilhete outra vez.

Não podia deixar de ficar inquieta por não saber ao certo quem era a pessoa.

Leu de novo.

Observou a caligrafia. Não era a de Boris. Podia ser a de Billy...

Aproximou-se da janela. Pôs suas mãos sobre a base da moldura, inclinou-se sobre a mesma, sentiu o vento confortante passar por ela e leu o bilhete outra vez, dando espaço para um último palpite surgir em sua mente:

...Brian Woods?

CAPÍTULO DEZESSEIS

O ENCONTRO COM BILLY acabou sendo bem melhor do que ela esperava. Usou um vestido evasê com decote redondo em renda branca com flores pretas, com um cinto escuro que ajudou a formar a cintura e batom *matte*, o que ele elogiou mais de uma vez enquanto caminhavam e conversavam a fundo.

Billy parecia saber exatamente que tipo de comportamento não a agradava, e que assuntos a interessavam mais. A noite foi realmente divertida, e um rapaz como ele de repente não pareceu ter tantos defeitos como na primeira vez que se encontraram.

Jantaram em um restaurante que ela ainda não conhecia - mas ao qual gostaria de retornar logo, logo -, depois desceram às proximidades do Central Park, onde ele ofereceu sua jaqueta ao perceber que ela sentia frio - o que não foi muito agradável para ela, oferecer proteção, ainda que fosse em um gesto tão gentil e com a melhor das intenções. Mas aceitou mesmo assim, pois de fato, sentia tanto frio que ela mesma já estava a ponto de pedir a jaqueta, então julgou o gesto como vindo em momento oportuno.

Não mencionou a flor. Imaginou que, se ela contasse, e no fim das contas não houvesse sido ele quem a presenteara, ele poderia ficar com ciúmes e começar a fazer mil perguntas, as quais ela não era nem remotamente obrigada a responder, mas, por mais que seria bastante divertido para ela ver

isso - ele usando seu instinto de querer proteger e brigar pelo que não lhe pertence -, manteve o segredo. Billy agora era um cara legal e não queria rejeitar a possibilidade de que ele viesse a ser alguém especial em sua vida.

Caminharam até a travessa e seguiram rumo à Avenida Arthur, onde ele insistiu em acompanhá-la até sua casa. Ela esperou o momento adequado - ou o mais perto possível disso - e perguntou como ele conseguira seu número. No fim das contas, não era uma história tão complexa - ele não tentara telefonar para cada número usando todas as possíveis combinações de dígitos existentes no universo, como ela supusera.

Chegaram ao destino e ali beijaram-se sob a luz de um poste. Ele comentou que a noite fora incrível e elogiou-a uma terceira vez. Ela sorriu, beijou-o e despediu-se.

Quem sabe ele a convidaria para sair outra vez... Quem sabe ela mesma faria isso...

Quem sabe apaixonar-se não fosse uma ideia tão má assim...

CAPÍTULO DEZESSETE

ELA SAIU DO CARRO. Olhou para o céu nublado, para a imensidão inteiramente coberta por nuvens através de seus óculos escuros. Sorriu para si mesma. Tirou a mochila e alguns envelopes azuis cheios e fechou a porta do carro enquanto punha a mochila às costas. Dirigiu-se à entrada de McStorm.

O fim de semana certamente passara rapidamente. Em um piscar de olhos, já era segunda-feira, e ela se encaminhava à sala 27B, onde haviam se passado as últimas reuniões - desde que a 12A entrara em reformas algumas semanas atrás. Alice subiu os poucos degraus que precediam a entrada da sede, uma subida para cadeirantes à direita, ergueu a mão direita a fim de empurrar a porta de vidro, perdendo de vista a enorme inscrição MCSTORM, acima da entrada. Sentiu o frio congelante do ar-condicionado a envolvê-la por sob a camisa branca e a jaqueta de couro preta. Tirou os óculos, vendo uma mulher alta passar por ela.

- Bom dia, Samantha.

A mulher a viu. Sorriu.

- Olá! Bom dia...

Alice dobrou à direita, ao corredor que tinha duas samambaias em cada lado. Seguiu. Passou por outro corredor, que cruzava com o mesmo. Seguiu. Subiu as escadas em frente, que davam meia-volta em uma espiral bem construída, possibilitando-a a ver algumas ruas de cima por pequenas janelas

instaladas na parede à medida que a escada subia. Dobrou à direita mais uma vez, e após alguns passos adiante, chegou à porta que tinha a inscrição 27B - DISCURSOS. E, mais abaixo, impresso em uma folha de papel A5, "TEMPORARIAMENTE UTILIZADA PARA ENCONTROS DRAMATÚRGICOS".

Abriu a porta.

Dentro estavam apenas Willy, Yuri e outro homem jovem cujo nome ela não sabia. A mesa elíptica tinha espaço para quatro pessoas de cada lado e uma em cada ponta. Yuri, sentado no lado direito, apoiava os pés sobre a mesa, mas baixou-os rapidamente ao vê-la. Willy, no lado esquerdo, endireitou-se e cumprimentou-a com um "oi, bom dia!" animado. E o rapaz cujo nome ela não sabia apenas deu um sorriso gentil, à esquerda de Willy. Ela rodeou metade da mesa e sentou-se ao lado direito de Yuri, que virou o rosto para ela.

- Olá, Alice. - Sorriu, mas quase não se podia dizer ao certo se estava sorrindo ou não.

- Oi - ela respondeu, ouvindo a porta ranger enquanto Samantha entrava segurando dois copos de café, um dos quais entregou a Willy, que agradeceu:

- Obrigado, Sam.

Ela sentou-se a seu lado e os dois se puseram a fazer perguntas simples um ao outro. "Como vai a família?", "Tudo bem com você?"... O rapaz cujo nome ela não sabia pôs alguns documentos sobre a mesa e começou a assiná-los, um a um.

Gordon Hills chegou minutos mais tarde. Cumprimentou cada um, sentou-se à esquerda de Yuri e pôs-se a limpar os óculos de lente.

Alice cutucou Yuri com o indicador.

- Hm?

- ...O que estamos esperando? - Ela sussurrou.

- O cliente.

Alice apontou Gordon com a cabeça.

- Ele já está aqui.

Yuri olhou para Gordon e apressou-se em explicar:

- Oh, não, não. Já estamos quase resolvidos com Gordon Hills, eu mesmo me encarreguei disso ontem à tarde. Hoje ele só veio para discutirmos preços.

- Mas...

- Estamos à espera do psiquiatra, o cara das fotografias. - Pôs o dedo no queixo e franziu as sobrancelhas. - Qual era mesmo o nome dele...?

Sentiu o coração bater mais rápido.

- Brian Wood?

- Não, não... Creio que seja Steve Alguma Coisa...

Ela baixou o olhar. Por que a expectativa, afinal? Ela não queria reencontrá-lo, queria? Enfim, não poderia, mesmo que quisesse. E não definitivamente não queria. ...Certo?

Não demorou muito até ele chegar. *Steve* chegar.

- Desculpe a demora, rapazes - aquela voz única soou. A voz que ela conhecia muito bem, por mais que houvesse ouvido em apenas um dia de sua vida - agora dois.

Alice ergueu o olhar, e se impressionou ao vê-lo.

Era ele. Era Steve.

O "Steve" que nove dias atrás se apresentara a ela como Brian Wood.

• • •

NÃO PODIA ACREDITAR. Era ele. Ou alguém muito parecido com ele. Um irmão gêmeo, na *pior* das hipóteses.

Todos o cumprimentaram alegremente e mostraram-se felizes por recebê-lo. Ou talvez de fato estivessem. Ela não estava. Só podia concentrar-se em todas as possibilidades do que realmente estava acontecendo ali, a fim de escolher a menos absurda.

Ele só poderia ter mentido à equipe de McStorm a respeito de seu nome, é claro. Ou a ela, o que parecia mais provável. Dera um nome falso. Mas com quais intenções?

Steve, ou Brian, sentou-se à esquerda de Willy, exatamente de frente para Alice. Sorriu, olhando-a.

Definitivamente era ele.

- Então você é Alice Hannigan?

Hm... Ele pronunciara seu sobrenome. Um fato tão pequeno seria suficiente para confirmar que poderia ser *ele* a mesma pessoa com quem ela dançara sob a chuva naquela noite? Mas nesse caso, o que queria dizer com "então você é Alice Hannigan"? Não a conhecia?

Ela apenas o observava, calada. Yuri a entreolhou e tomou iniciativa, percebendo que ela não iria responder:

- Sim, a própria. Alice Hannigan, atriz profissional de...

Não prestou atenção às palavras de Yuri, mas percebeu que ele omitia determinadas informações para fazer que o cliente - Brian - se interessasse em contratá-la - quem sabe o que iria omitir a respeito de Willy...

Mas não era necessário que ele fizesse isso. Não era necessário porque Brian já se interessara em contratá-la havia muito tempo, desde o momento em que sentara a seu lado no banco no ponto de ônibus e deduzira que ela era atriz em McStorm. Porque era ele, só poderia ser.

- ...por isso é um prazer tê-la aqui, trabalhando conosco. - Yuri sorria, olhando para Brian. E Brian não tirava os olhos dela. E ela não tirava os olhos do reflexo embaçado da lâmpada na superfície polida da mesa, inerte, mergulhada em seus pensamentos.

Estaria fingindo que não a conhecia?

- Claro que ainda temos Willy - Yuri continuou -, um dos melhores atores que eu já vi. Performou em cinco peças, quatro longas-metragens e oito curtas. - Abriu a boca para continuar, mas Brian o interrompeu:

- Sim, conheço Willy. Já o vi atuar algumas vezes. - Alterou o olhar para a mesa. Tentando descobrir o que ela tanto olhava, talvez? Prosseguiu: - Eu adoraria tê-lo como modelo, mas a verdade é que preciso de uma mulher para o projeto que estou fazendo.

Alice ergueu o olhar. Ainda calada, tentando encontrar uma explicação.

Yuri engoliu em seco. Pareceu hesitar.

- Você... já viu Alice atuar?

- Não. Só a vi uma vez, em um anúncio.

Definitivamente não havia motivos para ele mentir assim, de maneira tão aberta. Deveriam ser gêmeos, mas quais eram as chances?

Falhando em encontrar uma explicação plausível, decidiu não se preocupar mais com isso. Também fingiria que não o conhecia, simplesmente.

Percebeu que ele estava dizendo sua proposta e seu preço. Queria assinar dois contratos, um como modelo e outro como atriz. Ambas as ações seriam realizadas semanalmente, no sábado pela manhã, e o local seria decidido mais tarde, entre os dois. Até ali ele fora bem, passara por McStorm. Os outros ajustes eram de mínima importância e poderiam ser discutidos entre os dois.

Provavelmente era isso que ele queria - e conseguira. Passo um: encontrá-la, o que com certeza não era nenhum desafio, visto que poderia contatá-la a partir de qualquer informação concedida por McStorm nos anúncios. Passo dois: fazer o contrato, de maneira que desta vez ela não poderia simplesmente

dizer "não posso" e sair, pois o contrato fora feito com a empresa, e não com ela. Passo três: esperar que cheguem aos ajustes que eles dois decidiriam sós para conversar com ela e tentar mudar sua mente a respeito de toda aquela história.

Felizmente, ela já mudara de opinião a respeito disso. Mas não para ele. Não para o estranho Brian Wood. Estranho? Estava mais para maluco, se o que ela pensava fosse verdade, porque ou ele era um maníaco em fazer tudo isso, ou ela era muito esquisita em pensar que alguém poderia ter a mente e audácia para fazer tais coisas.

Brian se inclinou para frente, para ela, cuidadosamente.

- Sábado pela manhã está bom para você?

Ela o olhou.

E sorriu para ele.

• • •

MAS VOCÊ TEM certeza? Isso deve ter sido esquisito...

- Tenho. E sim, Sara, foi muito esquisito.

- Mas como ele é?

- Eu já disse.

- Não. Eu quis dizer... Como é a personalidade dele? É legal? É gentil? É de seu interesse?

- ...Está me perguntando se eu gosto dele?

- Que esperta! ...Sim, estou.

Alice lançou-se sobre a cama, segurando o celular à orelha. Hesitou.

- ...Não, não gosto.

- Certeza?

- Sim.

- Cer-te-za?

- ...O que quer dizer?

- Bom, considerando que você não falou nada que não soasse como se estivesse completamente na dele...

- Sara, pelo amor de Deus! No melhor dos casos, o Brian é...

- ...um cara perdidamente apaixonado! - Sara a interrompeu.

- Apaixonado?!

- Claro! E não me leve a mal, mas eu acho que você também gosta dele.

- Nós só nos encontramos uma vez. Bem, duas, mas na segunda o cara fingiu que não me conhecia. O que acha que ele quer com esse jogo?

- Acho que você acertou com sua teoria, aquela de que ele fez isso tudo para poder fazê-la mudar de ideia e sair com ele.

- Ele não quer sair comigo. Ou não queria, na primeira vez que nos encontramos. Mas... de onde você tirou essa ideia de que eu também...?

- Ah, não é só uma ideia. Eu acho. Brian fez você se divertir como ninguém mais fez, e não te pediu nada em troca. Quero dizer... Ele não chamou você para sair, não demonstrou nenhum segundo interesse, pelo que você me contou. *Você* o beijou, mas se arrependeu, e só veio me contar isso hoje. Eu diria que, se manteve segredo, é porque ele tem algo diferente.

- Ninguém é diferente.

- Para você ele é. - Sara fez silêncio por alguns segundos. Então continuou: - Mas se as coisas estiverem indo bem entre você e Billy, eu aconselharia que dispensasse logo esse Brian. Ou passe para uma de suas amigas. Ele parece gostar de ruivas?

Alice riu. Sentiu o celular vibrar. Havia outra chamada em andamento.

- Sara, tenho que ir. Alguém está ligando.

- Ah, deve ser ele. Melhor eu ir. - Desligou.

"Não seja tola, Sara", Alice pensou. Riu sozinha no quarto. Atendeu a ligação.

- Olá, Billy! Tudo bem?

- Oi! Tudo ótimo...

- É quase meia-noite.

- Sim, desculpe, eu só... queria te convidar para... tomar um café. No fim de semana... Se você estiver livre.

Alice ficou parada por dois segundos.

- É.

- ...É?

Ela passou a mão no rosto, rindo.

- Sim, sim. Estarei livre. Eu.. adoraria.

- Ótimo! Eu te pego às oito. Até mais!

- Não precisa, eu mesma po... - ouviu três bipes. Ele já finalizara a ligação.

Não sabia se ouvira o que ela dissera ou se buzinaria à sua porta na manhã de sábado.

Talvez ela mesma fosse buscá-lo, para variar.

• • •

ERA MEIA-NOITE.

Boris não sentia sono. Sua mente não queria descansar. Passara - e passaria outra vez - todo o dia em casa pensando em uma só coisa. Em uma só pessoa.

Ele não imaginara que ainda a amasse, depois de tanto tempo que passaram em cidades diferentes, distantes um do outro, muito menos que este sentimento fosse crescer tão incontrolavelmente quando ela chegasse em Nova Iorque.

Mas ela chegou.

E o sentimento cresceu.

Boris devia haver previsto.

Ele sabia que, se tentasse, conseguiria manter segredo por mais algum tempo - não muito -, mas então talvez fosse tarde demais. Talvez, se esperasse, Alice já teria conhecido outra pessoa. Alguém que a merecesse de verdade. Porque, sendo sincero consigo mesmo, sabia que não a merecia. Alice sempre fora tão fofa, tão bonita... Claro que ela o via apenas como um amigo, talvez até já tivesse percebido que ele a amava. Mas valia a pena tentar.

Estava decidido. Boris iria confessar seus sentimentos a ela. Com flores, embora soubesse que ela não gostava de flores, mas até que seria uma boa ideia seguir o conselho de Brian. Presenteá-la com algo, mesmo que ela dissesse que não o amava. Seria bom vê-la feliz, de qualquer forma.

Mas não diria nada durante a semana. Esperaria o sábado, então, logo de manhã, iria visitá-la e declararia tudo. Que deviam estar juntos, que formavam um belo par... Que poderiam tentar e ver se dava certo. E que a amava...

...Sempre amara.

CAPÍTULO DEZOITO

A SEMANA SEGUINTE PASSOU rapidamente para ela. Não saiu muitas vezes, especialmente porque Yuri parecia não querer sobrecarregá-la com um número excessivo de tarefas.

Visitou Billy na empresa mais de uma vez durante a semana. Os dois saíram terça à noite para um passeio e ficaram.

Fez compras em um novo local para variar - *Hobbes' Ikea*. Conheceu uma amiga de Sara quando as três foram a um evento em *Smart and Ready*, a loja onde Sara e sua amiga trabalhavam.

Ficou em casa na quinta. Terminou a leitura de dois livros, um dos quais ela começara a ler havia apenas alguns dias. À noite, tentou jogar *Fat Princess: Fistful of Cake*. Boris ligou duas vezes enquanto ela jogava. Atendeu na segunda, mas conversaram pouco tempo - até ela dizer que estava ocupada e ele compreender, desejando-lhe boa noite. Ligou para Brian e marcou para se encontrarem em uma lanchonete sábado mais cedo, onde decidiriam o local para leitura de roteiro e produção de fotografias. Os estúdios de McStorm estavam sempre disponíveis, mas ele não queria usá-los.

Pôs uma música e organizou todos os compartimentos da casa antes de dormir. Tomou um copo de sorvete assistindo a *Les Misérables*.

Também não saiu de casa na sexta, exceto quando teve que devolver a bola

do filho do Sr. Peterson - que ele acidentalmente lançara por sobre a cerca enquanto brincava - e aproveitou para dar uma volta pelo quarteirão. Mas praticamente não fez nada durante o dia.

Dormiu cedo, especialmente porque no dia seguinte precisaria estar de pé o quanto antes. Precisava marcar o local com Brian, tirar algumas fotos, fazer a leitura do roteiro e ainda encontrar-se com Billy para um café.

CAPÍTULO DEZENOVE

ALICE ABRIU OS OLHOS.

Pássaros cantavam. O ambiente estava calmo.

Ela esfregou os olhos. Olhou o relógio. 6:00.

Levantou-se da cama. Espreguiçou-se. Abriu a janela.

Endireitou a colcha.

Pôs uma música para tocar na caixa de som. *Friends*. E foi tomar banho.

• • •

BILLY ACORDOU AO som do despertador, exatamente às 7:00. E, por mais que quisesse continuar dormindo, sabia que tinha um longo dia pela frente.

Levantou-se, tomou café e foi se arrumar para ir ao trabalho.

• • •

BORIS TERMINOU DE tomar café por volta das 8:00. Ainda tinha que organizar a casa, pois não terminara a arrumação na sexta, mas deixou para depois. À tarde, talvez?

Waiting for the moment you are mine"

Trocou de roupa, imaginando se seria uma boa ideia colocar um pôster na

parede da direita. Pôs sua roupa de caminhada. E saiu para caminhar.

• • •

BRIAN MOVEU OS ombros, encaixando o blazer. Não abotoou.

Virou-se, dando as costas ao espelho. Pegou o controle. Ergueu a mão, apontando-a para a caixa de som sobre a estante retilínea. Desligou-a, interrompendo o som da música *Friends*, que estava ouvindo.

Fechou as cortinas de voal, escurecendo o quarto em segundos.

Caminhou até a mesinha no canto do compartimento, de onde pegou as chaves do carro.

Caminhou até a entrada com poucos passos.

Saiu, fechando a porta atrás de si.

• • •

ALICE ESTACIONOU EM frente à sua casa. Engatou a marcha.

Talvez fosse melhor levar o carro à garagem, afinal ela decidira que iria encontrar-se com Brian a pés, mas poderia ser que o mudasse de opinião, então simplesmente desligou o carro. Saiu carregando um pacote de frutas, tendo problemas para retirar o controle alarme pósitron que pendurara na argola da calça e ativar o alarme, mas conseguiu fazê-lo sem precisar largar o pacote.

Ainda eram 8:35, então, enquanto colocava o pacote de frutas sobre a mesa de mármore da cozinha, ela resolveu tomar um banho antes de ir. Provavelmente acabaria se atrasando, como sempre fazia ao pensar "ainda está cedo" e relaxar demais.

Vestiu uma calça jeans azul simples, camisa feminina ampla e por cima, um moletom. Pôs sapatos *All Star* e saiu, fechando a porta em seguida. Enquanto caminhava sobre a grama de um verde meio desgastado, considerou se deveria ir de carro (ou guardá-lo na garagem, caso não fosse usá-lo). Ignorou os pensamentos ao ver que já estava pisando na estrada, e seguiu, dobrando à esquerda, caminhando pela calçada. Ainda era cedo, certamente não teria problemas ir a pés.

Havia pássaros cantando, o que reforçou seu pensamento. E mais ainda quando um grupo de andorinhas voou de um horizonte ao outro por sobre a

fileira de árvores rodeadas por tijolos pintados de branco que embelezavam o caminho até o fim da avenida. Alice olhou para a frente, com as mãos nos bolsos do moletom.

Havia outra possibilidade. Várias outras.

Mas em todas elas, ele era ele. Steve era Brian. E, por um momento, isso pareceu óbvio para ela, fazendo-a sentir vergonha de si mesma e deixando-a grata por ser a única que sabia o que estava pensando.

Só precisava entender por quê. Por que alguém - ele, especificamente - faria isso.

Saiu da estrada e viu a lanchonete ao longe. Havia um carro estacionado na outra via, próximo ao meio-fio da praça verde. E, sentado em um banco perto do carro, ele.

Alice não tinha certeza, mas foi em sua direção mesmo assim, e, aproximando-se, confirmou sua hipótese. Ele estava vestido com uma camisa safari branca e jeans preto. O carro era um *station wagon* cinza, e, quando chegou perto o suficiente, ela pôde ver seu próprio reflexo aproximar-se do dele na superfície da janela do veículo.

Ele se levantou ao vê-la. Sorriu e abriu os braços.

- Olá, Alice Hannigan!

Embora não tivesse muito tempo para recusar, ela aceitou o abraço, e pôde sentir o corpo dele; aquecedor, especialmente naquela manhã fria. Fechou os olhos.

- Olá, Brian.

Pensou em citar o sobrenome, como ele sempre fazia com ela, mas deixou para depois; afinal, precisava ver se ele iria corrigi-la e dizer que seu nome era Steve.

Não o fez.

- Você está linda! - Comentou.

- Obrigada. Você... você também.

Brian pegou uma jaqueta quadriculada vermelha e marrom, que até então ela não vira, de sobre o banco.

- Vamos lá.

Alice direcionou-se à lanchonete, mas dera apenas um passo quando percebeu que ele estava indo ao carro.

- ... Ô Brian.

- Hm?

- ...Aonde vai?
Ele a olhou. Abriu a porta do carro.
- Já tenho um lugar.
- Como disse?
- Isso mesmo que ouviu. Eu escolhi na sexta passada. - Ergueu a mão para a porta aberta, mostrando o caminho. - Vamos lá?
Ela se aproximou devagar.
- Que lugar?
- Você verá.
Definitivamente o sujeito não batia bem.
Alice entrou. Fechou a porta. Viu-o dar a volta pelo capô e entrar. Olhou para a frente.
Não havia muitas pessoas na praça, dezenove no máximo. Dois grupos adolescentes se divertindo enquanto o terceiro tentava atrapalhar, pelo que percebera.
Ele girou a chave. Deu marcha à ré. Girou o volante à esquerda. Pisou no acelerador, olhando para trás enquanto saíam da vaga imaginária onde estacionara. Freou suavemente. Alterou a marcha outra vez. Girou o volante à direita. Aumentou a força sobre o acelerador. Puseram-se em movimento.
Ela viu a praça ficar para trás. Seguiram direto por cinco quadras, passaram pela *Smart and Ready*, depois dobraram à esquerda, em uma curva sutil. Pararam no semáforo.
Havia cinco carros na rua perpendicular à direita e dois à esquerda, os quais aproveitaram que Brian e Alice pararam para seguir em frente.
- Brian.
Ele a olhou, de mãos no volante.
- Hm?
Ela o encarou. Hesitou.
- ...É esse o seu nome?
- Qual?
- "Brian"!
Ele riu.
- Mas é claro! Por que a pergunta? - Checou o semáforo, ainda sorrindo.
- "Por que a pergunta"? Você assinou e me contratou como... Steve.
- Se eu tivesse me apresentado como Brian Wood, você poderia te recusado o contrato, então...

- ...Então - interrompeu-o - você mentiu para uma agência inteira, assinou um nome falso e... - Ela mesma não ouviu o que disse a seguir. Fingia que estava zangada, mas na verdade sentia-se aliviada em saber não somente que ele não mentira para ela (embora isso implicasse ter mentido a toda uma empresa), mas também que ele esperara que este fosse um segredo dos dois, pois imaginava que ela deduziria por conta própria. O que ela fez, certo? Só não sabia como inventara um cadastro de pessoa física, pois para isso ele precisaria de toda uma identidade falsa e... Quem era esse cara, afinal?!

- Uhum - ele respondeu.

Alice demorou alguns segundos para lembrar... O que Brian estava confirmando mesmo? A resposta dele fora tão simples que a fez questionar-se se não era ela a errada, embora tal pergunta fosse estúpida. Ou ela esperava que fosse. Mas qualquer outra garota não acharia isso um ato... romântico? O mocinho quebrando as regras para poder estar com ela, ainda que, nesse caso, Alice não queria que ele o fizesse?

Seguiram.

Nos próximos minutos, passou tanto tempo calada e mergulhada em seus próprios pensamentos, que Brian já não sabia do que ela falava quando perguntou:

- Por quê?

Houve silêncio. Alice percebeu que ele diminuiu a velocidade ao preparar-se para dizer:

- O quê?

- Por que fez isso? Tudo isso.

Ele riu, e voltou a olhar para a frente. A julgar pela maneira como fitava a estrada e diminuía a velocidade bem devagar, já estavam chegando.

- Não é óbvio?

Ela fechou os olhos, irritada:

- Não sei se seu cérebro masculino não consegue entender ou se simplesmente quer me confundir, mas não, isso *não* é óbvio.

Ele riu mais.

- E por que qualquer homem faz qualquer coisa por qualquer mulher, Alice Hannigan? - Entreolhou-a. - Porque estou apaixonado.

Apaixonado? E falava isso com tanta naturalidade? Espera... Apaixonado?! Só se conheciam haviam semanas, só se viram três vezes na vida, em uma das quais ele fingia ser outra pessoa - e tecnicamente, ainda fingia.

Alice não pôde esconder sua expressão assustada, impressionada, mas mal teve tempo para focar nisso. O que agora invadia sua mente eram milhões de possíveis respostas rodeando uma única pergunta: o que diabos eles estavam fazendo na Avenida Arthur?

A princípio ela não notara, mas logo percebeu a semelhança nos tijolos pintados que separavam as vias. E as árvores de folhas alaranjadas. E, para piorar, o Sr. Peterson entrando na picape preta com seu filho cujo nome ela nunca descobrira. Definitivamente era a Avenida Arthur.

Ela virou para ele. Continuava calmo, relaxado, com as mãos no volante, olhando fixamente para a estrada.

- Onde exatamente é esse lugar?

- Estamos chegando.

Ela viu seu carro parado em frente à sua casa, ambos aproximando-se em uma velocidade considerável à medida que Brian desacelerava.

- Sim, mas onde fica?

- Estamos chegando.

- Sim, mas on...

- Chegamos.

Não poderia ser.

...Poderia?

- O que... - Ela não continuou.

Brian saiu do carro. Abriu a porta para ela, brincando:

- Não quer passar o dia todo aí dentro, quer?

- Mas o que... - Alice saiu.

- Hm?

- O que estamos fazendo aqui?

Ele pôs a mão sobre o teto do carro.

- Este é o lugar.

- Minha casa?

- Sua garagem.

- Mas que tipo de cara estranho é você? E *como* sabe meu endereço?

- Não foi difícil. Um cliente me contou.

- Cliente?! Cliente como psiquiatra? Ou como fotógrafo? Ou como cinegrafista? Ou como alguma outra identidade falsa que você possa ter criado?!

- Não sou fotógrafo - ele corrigiu, simplesmente. Começou a caminhar em

direção à casa. - Eu só... tiro fotografias. Sabe, por diversão. - Deteve-se ao chegar perto do carro dela. Fez uma expressão de dúvida. - Por que você vive andando a pés, se tem um carro?

Alice respirou fundo. Decidiu responder. Caminhou até ele.

- Eu gosto... - Mordeu o lábio. - Me ajuda a pensar...

- Parece que temos algo em comum.

- Você disse que um cliente seu te deu meu endereço... Quem é?

- Deixa pra lá, provavelmente não o conheceria.

- Da mesma maneira como não conheço você?

- Ué, você me conhece, Alice Hannigan.

- Não conheço, não. Nós... somos estranhos um para o outro. - Pôs as mãos nos bolsos do capuz. - E você é mais estranho para mim do que eu sou para você, pelo que percebi. - Apontou a casa com um aceno. E franziu as sobrancelhas.

Claro que queria conhecê-lo melhor, mas, quanto mais o conhecia, mais estranho ele se tornava. Precisava de uma pergunta simples, que pudesse perguntar sem irritar-se:

- Por que fazer a sessão de fotos aqui?

- Quer a verdade?

- Sim.

- Eu... realmente não encontrei nenhum lugar melhor. A agência está uma bagunça tremenda. - Começou a caminhar em direção à casa.

Ela o seguia.

- E o que o faz pensar que minha garagem não está bagunçada ou... ocupada?

- Porque, um: você é uma garota solteira, independente, nova na cidade, ainda não teve tempo para encher a garagem ou o porão, e dois (essa foi sorte): seu carro está aqui fora, então...

Ela agachou-se para abrir o portão da garagem, comentando:

- Não tenho porão.

Ele também se agachou, para ajudá-la.

- Não? Então onde vai gravar os filmes de terror? - Sorriu sozinho.

O portão subiu com um rangido, revelando objetos levemente empoeirados e desorganizados, uma bandeja com parafusos e roscas encima de uma mesinha no canto à direita.

- Uau - Brian exclamou. - Você realmente fez um belo trabalho em tão

pouco tempo, hein.
Alice riu.
- Eu avisei. Nesse caso, vamos ter que...
- É - interrompeu-a -, você tem razão. Vamos ter que fazer uma limpeza primeiro. - Suspirou. – Provavelmente nós nos atrasaremos um pouco, mas não há problema.
Ela soltou um som de decepção.
- Não era isso que eu estava sugerindo, mas...
- Bah, que seja! Vamos.
Puseram-se a trabalhar.
Era realmente bom que não houvesse muitos objetos, o que facilitou a ambos. Simplesmente organizaram o que ali havia, e dentro de cerca de meia hora, a garagem estava disponível.

• • •

BRIAN VOLTOU COM a caixa que tirara do porta-malas de seu carro. Pousou-a sobre a mesinha, agora no centro da garagem. Abriu-a.
- Este - disse.
Dentro havia um vestido godê branco, dobrado com cuidado por cima do material da caixa.
Alice chegou mais perto para ver. Pôs a mão sobre o vestido, acariciando levemente. Sentiu a maciez.
- É bonito.
Brian olhou para ela.
- Eu... espero que sim. - Sorriu, fitando-a. - Vamos, vá se trocar enquanto eu preparo tudo para a sessão.
Alice pegou o vestido e saiu por uma porta no fundo da garagem, que dava a um corredor bonito, até onde ele podia ver. Brian desdobrou o rebatedor circular e o ajustou sobre a braçadeira. Posicionou o *beauty dish* opostamente à entrada. Não demorou até que tudo estivesse em seu lugar, a iluminação natural vinda da entrada da garagem facilitando seu trabalho - ajudaria bastante com o fundo infinito. Talvez precisasse diminuir o comprimento focal, a tela branca no plano de fundo poderia necessitar alguns... A porta no fundo rangeu, interrompendo todos os pensamentos de Brian, que a viu entrar usando o vestido.

Era como se houvesse sido feito para ela.

Observou-a de cima a baixo, percebendo que o quão bela ela era, como se fosse a primeira vez que a via. Tinha um rosto tão lindo, pequenas olheiras imperceptíveis sob os olhos atentos, sobrancelhas perfeitas erguidas sobre um olhar inteligente, os lábios postos em um meio-sorriso confidente e chamativo, as pupilas castanho-claro tão profundas quanto a própria escuridão que ocultavam, as quais de repente, voltaram-se para ele.

- Tem algo no meu rosto? - Ela perguntou. Parecia nervosa. - O que você...

- Hã... Não, não... É só que você... Bem, está linda.

- Ah - ela disse, simplesmente. Respirou fundo. Virou a cabeça e sorriu, aproximando-se. - Você já acabou com... - Ergueu a mão, apontando os equipamentos.

Ele entreolhou os objetos.

- Sim, sim. Já podemos começar, se quiser.

Ela respirou fundo outra vez.

• • •

FLASH.

Alice semicerrou os olhos.

- Me responda uma coisa, Brian. - Pôs a mão na cintura. Afastou uma mecha de cabelo da frente do olho esquerdo.

- Pergunte o que quiser, Alice Hannigan. - Ele estava inclinado, com as mãos na câmera fotográfica, olhando para o visor.

Flash.

Ela virou o corpo para a entrada da garagem e o rosto para a lente da câmera. Suspirou.

- Quando você disse que estava... apaixonado... - flash - ..., o que exatamente quis dizer?

Ele riu sarcasticamente.

- O que mais poderia ser?

Ela alterou a pose.

Flash.

- Então era verdade?

- Claro!

- Mas...

- Acho que já tiramos o suficiente... - Com um movimento com a mão, ele uniu as três pernas do tripé e forçou-as abaixo, após desvincular as travas de segurança. - O que dizia?

Alice abriu a boca, mas não disse nada, depois balançou a cabeça como se dissesse "deixa pra lá".

- O que vem agora?

Brian retirou um envelope de uma mochila, e do envelope retirou alguns papéis separados em dois grupos.

- Leitura... - ela mesma respondeu.

O roteiro era uma apenas de uma cena simples, curta, que Brian escolhera baseado ela não sabia em quê. Na estória, um homem chamado Felix discutia sua relação com uma mulher chamada Sabrina, e - como Alice leu rapidamente antes que começassem - um beijo finalizava a cena.

• • •

BILLY OLHOU O relógio de parede pendurado atrás do bartender. A hora que exibia parecia estar adiantada, talvez até demais.

Checou seu relógio de pulso para ver se coincidiam. E sim.

Estava atrasada. Ou será que ele se adiantara? Em qualquer caso, havia pouca diferença, especialmente considerando sua pontualidade.

Uma garçonete com uma camisa azul de mangas curtas e um avental preto se aproximou e perguntou:

- Olá, em que posso ajudar?

Não reconhecia seu rosto, provavelmente era nova ali.

- Um café, por favor.

A garçonete assentiu e afastou-se com um sorriso. Billy olhou para fora através do vidro.

Ainda era cedo.

Ela chegaria em breve, com certeza ele não devia se preocupar com nada.

• • •

BORIS OLHOU SEU reflexo no espelho. Sorriu. Passou a mão no cabelo. Estava pronto.

Foi até a sala de estar, saiu e fechou a porta atrás de si. Virou-se e

caminhou pela estrada, dirigindo-se à floricultura e retirando a carteira do bolso.

• • •

ELA SE PERGUNTOU em que projeto ele utilizaria as imagens, se iria vendê-las ou se simplesmente queria ter fotos dela. Ou talvez fizesse isso com várias garotas, o que o tornaria um obsessivo - se realmente fosse isso o que ele fazia. Talvez esta fosse sua intenção desde o princípio, conseguir outro beijo dela sem que pudesse negar. Ou talvez *ela* estivesse apenas pensando demais nisso.

- Posso começar? - Brian perguntou.

Alice assentiu.

"Felix termina o cigarro. Sabrina entra na sala e se aproxima dele."

Alice se aproximou de Brian.

"Felix dá um passo em sua direção e passa a mão no rosto dela."

Brian avançou um passo e passou a mão no rosto de Alice.

- "Eu nunca vou esquecê-la."

"Sabrina tira a mão dele de seu rosto."

Alice afastou a mão dele com um movimento lento.

- "Não consigo mais acreditar em você, Félix. Não depois do que eu vi."

- "Foi tudo um engano, um mal-entendido!"

"Sabrina se vira e tenta ir embora, mas Félix segura seu pulso, impedindo-a de dar um passo a mais."

Alice deu as costas, já deixando a mão para trás para Brian pegar. Ele o fez. Mas não com tanta força quanto ela esperava.

- "Sabrina, não vá!"

- "Solte-me!"

- "Tudo que te contaram é uma grande mentira, e eu *preciso* que você acredite em mim!"
- "Eu falei para me soltar!"
- "Estou apaixonado por você como nunca estive por ninguém, e eu sei que é esquisito, mas..."

"Sabrina puxa sua mão com força e caminha até a entrada, mas Félix a detém, chamando seu nome."

Alice puxou a mão com força, mas percebeu que ele já a estava soltando - provavelmente porque já esperava que ela fosse puxá-la -, e caminhou até estar a um metro da entrada da garagem, esperando que ele a chamasse. E chamou:
- "Sabrina, espere!"

"Félix vai até ela..."

Brian foi até ela.

"...E acaricia sua bochecha suavemente."

Brian acariciou a bochecha dela suavemente.

"Félix a beija, mas Sabrina o empurra e o estapeia."

Brian a beijou. Alice não resistiu. Ele envolveu sua cintura com seus braços.

"Sabrina sai da sala e fecha a porta bruscamente, enquanto Felix a observa".

Alice pôs os braços ao redor do pescoço de Brian, à medida que se afastavam da entrada. Suspirou. Ele a sentou sobre a mesinha no centro e beijou-a outra vez, e assim continuaram enquanto ela se deitava cada vez mais, ele avançava para ficar por cima. Ouviram um estalido e olharam rapidamente para a entrada.

Algumas pétalas das flores foram arrancadas ao impactar com o chão diante dos sapatos desgastados do jovem impressionado a encará-los.

- Boris? - Os dois exclamaram.

• • •

BILLY SE LEVANTOU, retirando a carteira do bolso de trás. Deixou a quantia pelo café sobre a mesa e dirigiu-se à saída, olhando o relógio mais uma vez.

A garçonete falou com ele na metade do percurso:

- Você já está indo?

- Sim.

Ela sorriu.

- Volte sempre.

- Sim, claro - disse, indiferente, e retirou-se, fazendo soar o barulho dos sininhos pendurados na moldura da porta.

Talvez Alice até precisasse dele, talvez acontecera algo, talvez um imprevisto em McStorm ocorrera.

Talvez devesse fazê-la uma visita.

• • •

BRIAN DEMOROU PARA chegar a uma conclusão que fizesse sentido, que explicasse por que seu cliente estava à porta da garagem de Alice Hannigan, com flores na mão - pelo menos até o momento em que as deixara cair.

Seria ela a garota de quem ele falara, por quem dissera que estava apaixonado e a quem Brian aconselhara que presenteasse? Seriam as flores o presente? Estaria seu cliente apaixonado pela mesma garota que ele?

O rapaz ficou calado por um longo instante, o rosto desenhando uma expressão que revelava incompreensão.

- ...Alice?

Brian olhou para ela. Estava atônita, dura como uma pedra, como se uma tragédia estivesse acontecendo. Por sua feição, ele pôde deduzir que sim, ela era a "grande amiga" da qual Boris falara, e provavelmente sabia que ele a admirava, mas não queria machucá-lo. Agora o fizera de maneira inevitável.

Ele a viu suspirar, como se esperasse que alguém - Boris ou ele próprio -

fizesse algo. E foi Boris quem quebrou o silêncio, olhando-o:

- ...Senhor Wood?

• • •

ALICE OLHOU PARA Brian, sem compreender. Questionando-se como ele e Boris poderiam conhecer um ao outro. Então lembrou-se de que mais cedo perguntara como Brian descobrira seu endereço. E que ele dissera que um cliente lhe havia informado. E que, bem antes, o próprio Boris dissera que estava vendo um novo psiquiatra. E que Brian era psiquiatra.

E tudo se encaixou.

- Vocês estão... juntos? - Boris perguntou, parecendo estar a ponto de romper em lágrimas.

Alice hesitou. Bastante. Brian adiantou-se:

- Não, eu sou apenas...

- ...Ele é meu namorado - Alice interrompeu.

Brian arregalou os olhos.

Era melhor que dissesse isso, que estavam juntos. E se quisesse dizer que não, diria, ainda que ele fosse julgá-la. Afinal, um garoto qualquer não a impediria de fazer suas escolhas.

De repente sentiu-se culpada. Boris não era um garoto qualquer. E ela o ferira.

Ele a observou, depois a Brian, então apenas virou-se e se retirou. Alice foi atrás dele, saindo de sob o teto da garagem, apressando-se para alcançá-lo. Percebeu que Brian não se moveu - o que era bom, poderia ser que deixasse as coisas piores do que já estavam, se houvesse ido com ela.

- Boris, espere!

Ele se deteve a meio caminho entre a casa e a estrada.

- Aonde vai? - ela perguntou, e também parou, quando chegou perto o suficiente.

- A qualquer lugar que não seja este - Boris respondeu, ainda de costas.

Alice suspirou.

- Boris, me desculpe.

Ele se virou de uma vez.

- Por que está se desculpando? Você não fez nada de errado, Alice. Nós dois sabemos que fui eu que errei em gostar de você. Sabemos disso há muito

tempo. - Suas palavras mostravam calma, mas seu tom de voz revelava desconforto e indignação.

- Eu... não queria estragar nossa amizade assim. Você está chateado?

- É claro que estou chateado! - Fechou os olhos e suspirou. - Eu só... vou precisar de um tempo.

Um Chevrolet surgiu na esquina.

- Me desculpe - ela insistiu.

- Não peça desculpas.

- Me desculpe!

- Você o ama?

Ela engoliu em seco.

- Não.

- ...Você *me* ama?

Ela respirou fundo. Não respondeu. O Chevrolet na esquina se aproximava.

Boris ia virar-se para ir embora outra vez, mas ela puxou sua mão bruscamente, detendo-o.

- *Sim!* Eu te amo.

Ele a encarou, ofegante. Ela continuou:

- ...Eu não quero te perder. Por favor, não vá embora.

O Chevrolet parou a alguns metros do meio-fio da casa vizinha.

- ...Tudo bem, Alice...

A porta do Chevrolet se abriu.

- ...Eu sei que você não me ama da mesma maneira que eu te amo. Mas o fato de você me amar já é suficiente...

Billy saiu do Chevrolet, fazendo a atenção de Alice esvair-se completamente das palavras de Boris. Como se aquela manhã pudesse ficar pior.

- Mas eu não posso aguentar isso tudo ainda.

Billy se aproximou, já dizendo:

- Olá, Alice! Eu esperei você, mas vi que não aparecia, então... - Ele parou de falar ao ver Boris. Chegou perto, estanhando, como se o conhecesse. E, de fato, perguntou: - ...Boris?

- ...Billy?

Alice olhou para um, depois para o outro, e em um só instante os três disseram - cada um aos outros dois, ao mesmo tempo:

- Vocês se conhecem?

- Alice! - A voz grave chamou. A voz de Brian, que saía da garagem e vinha na direção dos três - como puderam confirmar ao olhar rapidamente para o lugar de onde a voz viera.

Billy franziu as sobrancelhas.

- Quem é você?

- Sou o namorado dela - Brian respondeu, a envolver Alice com seu braço esquerdo.

Ela arregalou os olhos. Ele realmente dissera isso?

- ...Namorado? - Billy repetiu, sorrindo. - Desculpe, isto é alguma brincadeira? Alice?

- É verdade - Boris confirmou, como se não quisesse acreditar. - Eles estão juntos.

- Não, não estão - Billy insistiu. - Alice...?

Ela se moveu de Brian, afastando seu braço.

- Não! Não estamos juntos!

- Então você mentiu para mim? - Perguntou Boris, ofendido.

- Não menti. Nós apenas...

- Apenas se beijaram e estavam a ponto de...

- Amor - Billy interrompeu Boris -, você poderia me explicar isso tudo melhor? Porque eu não estou entendo nada. - Billy entreolhava Brian a cada instante. - Isto é verdade?

Alice olhou para o chão. Fechou os olhos. Suspirou. Assentiu.

- Não posso acreditar.

- Também foi um choque para mim - Boris confirmou.

Billy o olhou.

- Para você? Por quê? Por acaso vocês também estavam juntos?

- Não. Mas... bem, ela é o amor da minha vida.

- O *amor da sua vida*?! "O amor da sua vida" estava saindo comigo enquanto conhecia um cara melhor, mas não teve coragem para me encarar e dizer a verdade! - Olhou para Alice. - Como pôde fazer isso comigo? Eu acreditei que a gente tivesse um futuro, que você também estava interessada de mim como eu estava em você, acho que já devia ter suspeitado que desde o começo você não passa de uma... - deteve-se.

- De uma o quê...? - Ela perguntou, rangendo os dentes.

Billy suspirou, antes de prosseguir, determinado:

- De uma *vadia* que... - Sua voz foi interrompida pelo tapa que Alice deu

em seu rosto com toda sua força.

Brian puxou o braço dela rapidamente, depois largou-o, apenas encostando a mão levemente como um sinal de que a seguraria caso tentasse estapear Billy outra vez.

- Diga isso de novo! - Alice ameaçou, dessa vez de punhos cerrados.

- Vá embora, rapaz - Brian ordenou, com voz grave e autoritária.

- E quem é você para me dar ordens?! Acha que é o rei do mundo só porque esta va...! - Desta vez foi Brian quem lhe feriu com um soco.

Billy caiu no chão sem poder se equilibrar, ouvindo as repreensões de Brian, que lhe apontava com o indicador enquanto falava:

- Você pode dizer e maldizer quem quiser, mas não *ouse* abrir sua boca para falar mal da Alice. *Me ouviu*?!

Billy passou a mão na bochecha, encarando-o de baixo sem dizer uma palavra. Brian prosseguiu.

- Sim, ela cometeu um erro, mas nada disso foi culpa dela. - Olhou para o rapaz no chão, depois para Boris. Suspirou. - Foi culpa minha. Fui eu que a beijei. Ela... ela não queria.

- O quê?! - Disse Boris.

Alice rangeu os dentes outra vez.

- Mas que infernos você está dizendo?! - exclamou, então virou-se para Billy: - Eu o beijei porque eu quis, ouviu?! Porque nós nos damos bem, porque somos perfeitos um para o outro e porque eu não dependo de sua maldita permissão para escolher o momento certo para nada! - Calou-se.

Os três a observaram enquanto ela suspirava, ofegante e em silêncio.

- ...Desculpe por não ter contado - continuou. - Você tem razão. Não tive coragem, eu só tive... medo, de que você fosse ficar chateado. - Ela se virou para Boris. - Desculpe por não corresponder e ferir seus sentimentos. Mas a verdade é que eu aprecio muito nossa amizade, e jamais quero perder seu amor. - Virou-se para Brian. - Talvez eu também esteja apaixonada por você, Estranho.

Ele sorriu.

Ela deu um tapinha leve no rosto dele.

- Isso é por ter sido estúpido.

Os dois riram.

PARTE III

CAPÍTULO VINTE

ELA AVISTOU O EDIFÍCIO ao longe, quase no fim da rua, e diminuiu a força exercida sobre o acelerador. Repetira "B-17" consigo mesma o número suficiente de vezes para que não esquecesse, agora que saía do carro.

Tentaria ser breve, embora ela mesma preferisse não ser, pois tinha que ir a McStorm logo em seguida para um encontro rápido - não tão rápido, é claro, do contrário ela iria ao encontro primeiro. Entrou no hall espaçoso, em cujo canto direito havia um recepcionista sentado detrás de um balcão com o nome do edifício em letras prateadas reluzentes. Tinha um bigode curto e cavanhaque, e parecia bem-humorado - até demais, considerando que passaria maior parte do dia ali.

Ela pensou em perguntar-lhe se o residente do apartamento B-17 se chamava Brian Woods, mas deixou a ideia passar, especialmente porque se dera conta de que já estava ao pé da escada.

Subiu. Dobrou. Seguiu.

Os números aumentavam a cada porta. Alice parou na indicada, jogando o cabelo para trás com leves movimentos.

Suspirou. Bateu. Esperou.

Viu a maçaneta girar, afastar-se alguns centímetros, girar no sentido contrário e então mover-se velozmente enquanto a porta saía da frente e ele se revelava segurando-a. Fez cara de surpreso. Alice riu.

- Oi - disse ela, animadamente.
- ...Uau. - Brian ergueu o pulso e olhou as horas. Sorriu. - O que faz aqui tão cedo?
- É bom te ver também.
Ele gargalhou. Puxou-a para si e beijaram-se, em seguida fechando a porta enquanto se afastavam.
O ambiente interior certamente era agradável, e não tão estreito quanto ela esperava - não comparado com sua sala de estar. Dois sofás brancos alinhados em retas perpendiculares meio que rodeavam uma mesinha de vidro sobre a qual jazia um vaso com uma planta e alguns livros - quase todos poéticos, pelo que pôde perceber nos poucos segundos depois de ter entrado e antes de vê-lo virar-se a ela para dizer com um sorriso:
- Conheça meu apartamento. - Abriu os braços. - Sei que não é dos melhores, mas...
- Cômodo - ela disse, simplesmente, aproximando-se e tirando a caixinha do bolso. Ergueu-a com as duas mãos.
- Isso - ele prosseguiu, olhando ao redor. - Acho que essa é a palavra. Cômodo. - Riu baixinho, voltando a olhá-la, então viu a caixinha embrulhada em papel azul com um laço escuro sobre suas mãos. E o sorriso em seu rosto.
- Feliz aniversário - ela cantarolou.
Brian a observava, boquiaberto, mas sorrindo.
- Sabe que não precisava fazer isso. - Aproximou-se e pegou a caixinha. Balançou-a, segurando-a entre o polegar e o indicador. - Serão anéis? - Brincou.
Ela riu.
- Não é nada demais, eu só... queria um motivo para vir e dar um oi.
- ...Oi.
- Oi - gargalhou.
- Agora tchau.
Ela riu mais.
- ...Posso tentar adivinhar o que é? - Perguntou.
- Claro - disse Alice.
Brian esperou meio-segundo para seu primeiro palpite:
- ...Gravata?
- Gravata.
Riram. Brian a abraçou quando ela ia dizer que tinha que ir.

- Obrigado - disse, e afastou-se o suficiente para beijá-la, ainda a envolvê-la.
- Não foi nada - ela sussurrou. - Eu... tenho que ir.
- Não vá.
- Vou ter uma reunião em McStorm. Não posso faltar, muito menos agora que Yuri espera que eu contribua no relatório.
- Bem... Boa sorte, então. - Finalizou o abraço. - E tenha um bom dia - adicionou, sorrindo.
Ela se afastou um pouco, ainda a observá-lo.
- Bom dia, Estranho. Não se atrase amanhã, tudo bem? - Abriu a porta enquanto ele a olhava com um sorriso.
- Certo - disse.

CAPÍTULO VINTE E UM

DESCULPE, QUAL É SEU nome mesmo?

- Toni.

- Ah... - Brian ergueu as sobrancelhas, voltando a sentar-se ao lado de Alice. - Não conheço muitos “Tonis” - comentou, enquanto punha mais vinho na taça.

- Bom, o único que *eu* conheço sou eu mesmo.

Sara levou uma fatia de melão à boca. *Satellite Heart* tocava ao fundo.

- Eu tinha um primo com esse nome - disse. - Faleceu há três anos.

- Sinto muito - Brian falou.

- Não precisa. - Sara engoliu. - Era um desgraçado. - Bebeu um gole de vinho.

- Não acho que isso anule seu direito de ser feliz, mas... tudo bem.

Toni pousou a mão esquerda nas costas dela.

- Perdoe minha namorada. Ela não é completamente humana - brincou.

- Sou mais do que você. Pode apostar.

Os dois riram. Ela beijou sua bochecha. Brian e Alice se entreolharam.

- Então - Alice interveio -, vejo que as coisas vão bem entre vocês. Pensei que estivessem apenas saindo.

- Oh, nós estamos - disse Toni.

- Vocês não me parecem muito normais - Brian falou baixinho, de maneira

que somente Alice ouviu, em seguida olhando-o com olhar de repreensão, depois ela mesma explodiu em risadas.

- Tem certeza que não quer tomar vinho? - Toni perguntou para Alice.

- Sim, estou bem - respondeu.

Fred miou ao pé de Sara. Ela o pegou em seus braços e o levou à cozinha, fazendo-lhe carícias e dizendo coisas em voz aguda, como se *ele* as estivesse dizendo.

Brian olhou as horas.

Alice viu-o fazer isso e ficou de pé.

- Temos que ir.

- Tão cedo? Fiquem um pouco mais.

- Temos um compromisso amanhã e não podemos nos atrasar.

Toni olhou para o relógio de parede marcando meia-noite.

- Nossa! Como passou rápido. Bem, então... Boa noite aos dois. Foi um prazer conhecê-los.

- Igualmente. Deveríamos fazer isso mais vezes - disse Brian, quando deram as mãos em um cumprimento.

- Com certeza deveríamos.

Toni e Alice se abraçaram, e Sara voltou à sala de estar, onde estavam.

- O que eu perdi?

• • •

CAMINHARAM ATÉ A casa dele, que não ficava muito distante da de Sara, e aproveitaram o percurso para fazer um jogo de perguntas pouco divertido.

Podiam perceber que o céu ameaçava chover, através da escuridão noturna e do frio que os circundava. Chegaram a seu destino cerca de dez minutos mais tarde. Ela aceitou uma bebida para ajustar-se ao ambiente. Sentaram-se no sofá. Reflexionaram a respeito da vida. Ouviram *You Are Invisible*. Conversaram sobre relações.

Alice observou ao redor com mais atenção enquanto ele buscava vinho. Havia belos quadros pendurados nas paredes, acima de estantes bem providas de livros de todos os tamanhos e com as mais chamativas capas, uma cópia de certificado em psiquiatria em um quadro sobre a mesa ao lado. Alguns papéis sobressaindo de gavetas mal fechadas.

Ouviu passos. Virou-se. Ele vinha com uma garrafa na mão.

- Vamos lá?

• • •

ELA NÃO HAVIA bebido muito, mas sentia-se estranha. O que achava comum, pelo menos em seu caso.

Haviam deligado a música, portanto tomaram maior parte do vinho em silêncio, apenas aos tilintares de seus próprios brindes e aos sons de suas próprias conversas, aquecidos perante o frio da madrugada.

- Juro que é verdade - Alice sorria extrovertidamente, enquanto ele gargalhava sem parar, como se não acreditasse. Repetiu: - Juro que é verdade. E depois disso, eu nunca mais o vi.

- Se você era criança, não pode simplesmente dizer que realmente aconteceu. Sua mente poderia ter inventado isso sem que você soubesse.

- Mas aconteceu, eu sei disso.

De repente, ela mesma não sabia do que estava falando. Ou porque estava rindo. Fechou os olhos e encostou a cabeça no ombro dele. Sentiu-se confortável.

Suspirou.

Sentiu o braço dele a envolvê-la.

- Por que me chamou para dançar naquela noite? - Perguntou, quase em um sussurro, ainda de olhos fechados.

Ele tardou em responder:

- Queria vê-la. Ver sua beleza em movimento.

- Viu o suficiente? - Engoliu em seco.

- ...Por que a pergunta?

Alice se levantou, sem olhar para ele. Soltou o cabelo. Pegou o controle de sobre a mesinha e ligou a caixa de som acima da estante. O ritmo contagiante de *You Are Invisible* voltou a tocar, enquanto Brian a observava sem compreender completamente sua intenção.

Ela ficou de pé à sua frente, olhando fixamente em seus olhos. Entrou no ritmo. Mexeu a cintura. Moveu os braços devagar. Movimentou os ombros. Virou-se. Ergueu a barra da camisa enquanto se punha de lado e erguia a cabeça, sempre a fitá-lo. Seguiu a música. Ergueu os braços e fechou os olhos enquanto mexia a cintura, mais fluidamente agora.

Definitivamente estava bêbada.

Inclinou-se e pegou as mãos dele.

- Seja livre, Brian Woods.

Ele riu. Deixou que ela o guiasse enquanto se punha de pé e a envolvia com seus braços.

Alice olhou para cima, quase a lançar-se para trás, como se quisesse escapar de seus braços - não queria, apenas tentava ver a textura do teto, ela mesma não sabia porquê. Apenas queria.

Brian gargalhou, ela sentindo seu peito indo e vindo com a risada.

- Você bebeu demais, Alice Hannigan.

Ela pôs o indicador em frente à boca.

- *Psst*... - E sussurrou: - Nunca é demais no amor -, fazendo-o rir.

Resolveram dançar uma música lenta. E assim fizeram, ele a envolvê-la com sua mão direita e segurando a dela com a esquerda, enquanto giravam muito lentamente pela sala de estar; até que ela mencionou, com a cabeça encostada em seu ombro:

- São duas horas da manhã. - Sua voz saiu baixa, talvez pelo cansaço, talvez pelo sono, talvez porque ela própria pensasse que estava falando alto. - É melhor eu ir embora...

Brian aproveitou para checar o relógio na parede quando este entrou em seu campo de visão.

- ...Ou você poderia passar a noite. Tenho um quarto extra.

Ela suspirou. Moveu as mãos para detrás do pescoço dele e uniu-as entrelaçando os dedos, a envolvê-lo. Ele fez o mesmo com sua cintura.

Alice o beijou. E de novo.

- Não precisamos de um quarto extra - disse.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A RESPIRAÇÃO DE BRIAN estava ofegante, como se lhe faltasse ar. Tentava tanto buscar algo para respirar que chegava a emitir sons com a boca.

Suas mãos tremiam claramente. Não sabia se era pelo nervosismo ou pelo frio da noite, pelo tão arrepiante frio da noite.

Fechou os olhos sem saber o que fazer. Sem ter nem uma mínima ideia do que fazer.

Aquilo não o largaria tão facilmente, não mesmo. Iria segui-lo pelo resto de sua vida, ou algo bem próximo a isso.

Não podia acreditar. Não conseguia acreditar. Não poderia ser real.

Sentiu uma onda de medo e susto aproximar-se rapidamente, crescendo cada vez mais.

Brian acordou, com um susto. Tentando inspirar o máximo de ar possível, como se estivesse com a respiração ofegante na realidade. Mas fora um sonho. *Apenas* um sonho, ele esperava.

Sentia calor.

Continuou a suspirar devagar para acalmar o coração. Afastou-se e ficou sentado, com as costas encostadas no espelho da cama. E viu-a.

Ela ainda dormia, a seu lado.

Era difícil acreditar que pudesse ser tão bela mesmo dormindo. Podia vê-la

respirar, sua clavícula subindo e descendo em uma velocidade tão lenta que lhe trouxe paz e o fez acalmar-se.

Era estranho. Não tivera sonhos ruins em nenhum momento desde que a conhecera. Exceto agora. Talvez por medo. Medo de perdê-la.

Tirou uma mecha de cabelo da frente dos olhos dela e acariciou seu rosto macio o mais suave que pôde, para não a acordar.

- Durma bem, Alice - sussurrou, mesmo sabendo que ela não ouviria.

Afastou-se devagar e levantou-se sem fazer barulho. Abriu o guarda-roupas, desdobrou uma toalha e saiu do quarto.

Enquanto Alice esboçava um sorriso.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

À MEDIDA QUE AS semanas se passavam, Alice sentia-se em casa mais do que nunca. Primeiro porque nascera em ali, portanto aquela cidade era sua casa. Segundo porque sentia-se bem. Claro que tinha seus momentos estressantes, às vezes passava maior parte do dia em McStorm, ouvindo Yuri e Willy e o homem cujo nome ela não sabia falarem sobre finanças enquanto ela e Samantha quase não expressavam suas opiniões - não porque não quisessem. Nem sequer entendia o que o departamento de Willy tinha a ver com aquilo, mas se estava ali, era por algum motivo.

Algumas vezes ia até o apartamento de Brian antes de ir aos encontros em McStorm, e por algum motivo as reuniões eram bem levadas por seus companheiros de trabalho.

Saíram na quarta-feira à noite, mas voltaram cedo à casa dela, onde tomaram sozinhos algumas taças de vinho entre conversas e risos.

Sentia-se bem. Sentia-se como queria estar sentindo. E imaginava que de fato, pudessem seguir adiante, muito adiante. Até onde o amor os permitisse.

Esperava que ele pensasse o mesmo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

POR QUE TINHA TANTA relutância em entrar em uma relação quando nos conhecemos?

Alice olhou para o chão, enquanto os dois passeavam por uma área verde urbana.

- Por que acha isso?

- Você disse que não podia fazer aquilo e saiu correndo.

Ah, claro. Ele deduzira tudo. Embora o fato de que ela não queria relacionamentos já estivesse suficientemente óbvio quando se conheceram.

Por agora ele provavelmente já teria várias teorias a respeito disso. E as chances de que acertasse eram imensas, ela imaginava.

- O que deduziu até agora?

Brian ergueu a cabeça. Fitou o horizonte.

- Você é uma garota decidida.

- Garota?

- Eu disse "mulher".

Ela riu.

- Prossiga.

- ...Você é uma pessoa decidida, determinada a seguir suas decisões. Definitivamente uma decepção amorosa não a impediria de ser feliz, de privar-se de relações por tanto tempo. Claro que não deixa de ser uma pessoa

competente e responsável, que se dedica à sua carreira de maneira natural, mas ainda assim era como se houvesse uma peça faltando em sua vida. Uma peça que, eu imagino, você perdeu. Que foi tirada de você. Veio para Nova Iorque começar uma vida nova. Ficar sozinha não foi apenas uma decisão, mas também uma homenagem. À pessoa que você perdeu. Para mostrar a si mesma, e a ela, onde quer que esteja, o amor que sente.

Ela ouviu atentamente sua teoria. Não confirmou, nem negou. Seguiu o caminho em silêncio.

- Desculpe - ele disse, sem olhar para ela. - Por ter mencionado. Deve ter sido muito difícil para você.

Alice não respondeu.

Brian se virou para ela, ainda a caminhar.

- Se me permite perguntar... Qual era o nome dele? - Esperou uma resposta. Não obteve. - Falar sobre o acontecimento irá ajudá-la bastante, Alice. Especialmente se for algo recente, o que é o caso... Eu acho, considerando a data que você veio para... Nova Iorque. - Parou de falar. Engoliu em seco. Repetiu: - Desculpe.

Alice não tirou os olhos do fim da estrada, que, na verdade, era apenas o fim do alcance de seus olhos à medida que a estrada subia e descia. Respondeu:

- O nome dela era Martha.

Brian franziu as sobrancelhas e piscou os olhos duas vezes.

- ...Martha?

- Martha Hannigan. - Só então ela olhou para ele, no fundo de seus olhos. - Minha mãe.

• • •

EU ESTAVA COM ELA quando aconteceu - Alice continuou. - Quando *o acidente* aconteceu. Foi tudo tão de repente que eu não vi quase nada, mas *não consigo* tirar essa lembrança da minha cabeça. Nem dos meus sonhos.

Brian hesitou em dizer qualquer coisa por um instante.

- ...Mas você disse que ela estava vi...

- Não - ela o interrompeu. - Você me perguntou qual era a pessoa que eu mais amava e eu disse que era ela. Porque é. - Suspirou. - Não falei que

estava viva, mas se tivesse dito, não retiraria. Porque para mim ela não está morta.

Brian viu seus olhos tornarem-se mais especulares, como se uma camada de lágrima os envolvesse. Uma camada que não queria dar espaço para formar uma gota.

Alice fechou os olhos, provavelmente para hidratá-los com suas próprias lágrimas, detendo-as e prevenindo-se assim de chorar. Prosseguiu:

- E isso não é algo tão recente quanto você pensa. Ocorreu há três anos, ainda em Baltimore. Eu... não podia mais aguentar, mesmo depois de anos. - Passou a mão na testa, afastando uma mecha de cabelo. - Talvez não seja por tê-la perdido, talvez seja simplesmente pela maneira como ela partiu. Estávamos no carro, só nós duas. Chegamos a uma rua que se dividia em duas. Eu aconselhei que ela dobrasse à esquerda porque estava havendo uma manifestação na rua à direita.

- A Manifestação pelos Direitos da Mulher, de 2017.

- Exato. - Ela ergueu as mãos em questionamento. - O que eu quero dizer é: e se tivéssemos ido pela direita, o que teria acontecido? Ela estaria viva agora? É assim que o universo funciona? E se nem sequer tivéssemos saído naquela noite? Onde estaríamos agora? - Uniu os dedos em um só ponto e tocou-os à cabeça, em sinal de dúvida. - O que não consigo entender é como alguém pode estar a meu lado em um instante, e de repente estar... - os olhos encheram de lágrimas. Ela espremeu os lábios, como se resistisse à tentação de explodir em lágrimas.

- Não resista - Brian aconselhou.

- Não adianta - Alice relutou.

De fato, não serviria de muita coisa. A cicatriz já estava feita. A marca de suas lágrimas já perfurara sua alma. Seu coração.

Ela se atirou em seus braços. Deixou as lágrimas caírem.

- Eu devia ter ido com ela - disse, entre soluços.

- Não diga isso.

- Não foi justo. - Fungou, os olhos fechados, o rosto enterrado no tecido grosso da camisa dele.

- Acredite em mim, Alice. Eu sei exatamente o que está sentindo. - Ele a envolveu com mais força. - Não há mudança. É o que é. E não podemos mudar. Mas quero que saiba que, não importa o que aconteça, estarei aqui por você.

- Sei que estará - ela disse, soluçando. Os olhos molhados. Permitindo a si mesma ter um fio de esperança. - Sei que estará...

CAPÍTULO VINTE E CINCO

SARA A CONVIDOU PARA um evento no sábado, com a condição de que convidasse outras duas pessoas - o evento fora criado por Sara, e se houvesse sucesso, seria aprovado e ela ficaria mais bem vista na *Smart and Ready*. Portanto queria ter presente o máximo de pessoas possível.

Alice ligou para Boris, desejando profundamente que ele houvesse esquecido o incidente do domingo, e o convidou. Ele pareceu suficientemente maduro em relação a isso. Foi gentil e disse que estaria lá.

Dedicou um momento da sexta-feira para atualizar sua agenda e rever os próximos encontros de McStorm. Checou a caixa de entrada do e-mail.

Apresentou Sara a Boris no sábado à noite. Toni não presenciara o evento, tivera outro compromisso, portanto ela e Brian deixaram que os dois se conhecessem mais na maior parte do tempo. E ambos pareceram se divertir bastante.

Após saírem, Alice e Brian foram ao apartamento dele, tomaram alguns drinques.

E tiveram uma grande noite.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

MARTHA DEU UM SORRISO. O mais belo sorriso que Alice vira em toda sua vida. Mas o que ela estava fazendo ali?

O carro se movia rápido demais. Em uma velocidade sobrenatural. Tanto que não Alice não podia ver nada além de pequenos ruídos de casas e árvores desfocadas passando pela janela.

Ela sabia o que estava a ponto de acontecer.

- Mãe. Nós temos que ir.

Martha não se moveu. Dirigia calmamente, com um sorriso no rosto. Como se não estivessem em movimento. Mas ainda assim, Alice via luzes passando por elas. Luzes desfocadas horizontalmente, de tão velozes que estavam.

O silêncio era surreal.

- Mãe. Temos que parar. Acredite em mim, eu sei o que vai acontecer daqui a alguns segundos. - Sua própria voz estava abafada, de maneira que ela mesma mal podia escutar. Pôs o cinto, e espremeu as mãos com o teto e a janela do carro, segurando firme.

Martha virou o rosto para ela.

- Não tenha medo, querida. Não vou sentir nada. Eu não estou mais aqui.

Uma luz iluminou tudo repentinamente. Alice fechou os olhos.

Alice abriu os olhos, levantando de uma vez, com a respiração ofegante. Pôs a mão no peito. Coração a mil.

Respirou devagar, fechando os olhos.

Estava no apartamento de Brian. Podia ouvir o som da água caindo no banheiro. Pegou o celular dele e olhou as horas. Ainda era cedo. Em breve teria que ir a McStorm.

Pôs o cabelo para trás e levantou, seu reflexo no espelho entrando em sua visão. Tirou a camiseta dele, que estava usando. Procurou seus jeans e sua camisa. Encontrou-os dobrados sobre a escrivaninha. Vestiu-os. Pôs os sapatos. Sentiu a cabeça doer quando se ergueu abruptamente.

Foi até a cozinha tomar água. Encheu um copo. Tomou um gole. Voltou, ainda com o copo à mão. Pousou-o sobre a escrivaninha enquanto tirava uma caneta transparente de tinta azul dentre outras em um recipiente à sua frente.

Viu sua agenda de capa azul. Estava aberta sobre a escrivaninha dele, em uma página em branco. Sem dúvida, ele a retirara de sua mochila e dera uma olhada.

Riu consigo mesma. Teria ele pensado que encontraria um diário pessoal? Se sim, queria ter visto sua cara quando percebeu que apenas horários, números, reuniões e encontros estavam escritos ali.

Ela arrancou uma folha em branco e devolveu a agenda à mochila. Apertou o botão de cima da caneta - clique - e escreveu:

Tenho que ir :)
Te vejo mais tarde.

Pôs a mochila às costas e devolveu a caneta ao recipiente. Talvez deixando o bilhete sobre a escrivaninha, ele cairia ou seria levado pelo vento que emanava dos tubos de ventilação na parede e no teto. Olhou ao redor.

Metade do casaco de Brian estava sobre uma mesinha, a outra metade pairava no ar, como se tivesse sido posto ali às pressas. E, por um momento, o efeito a fez lembrar de *A Persistência da Memória*.

Alice foi até a mesinha, enfiou o bilhete no bolso do casaco. Mas, quando tirou sua mão, outros papéis e alguns documentos que estavam no mesmo bolsos caíram sobre o chão.

- Droga... - Ela se agachou para recolhê-los e os devolveu ao bolso do

casaco um a um: comprovante de compras, passaporte, folhinha com rabiscos, boleto bancário vencido dobrado várias vezes e... carteira de identidade?

Por que deixar coisas tão importantes junto com outras tão sem importância? Isso poderia causar problemas no futuro, em alguma situação. Ela não imaginava em qual, mas provavelmente estava certa.

Alice virou a carteira, viu a imagem dele e sorriu de leve. Estava fofo, embora não tão jovem quanto ela esperava - o que era estranho, imaginar que ele renovara a carteira recentemente. Daria uns dois anos, no máximo. Mas estava fofo mesmo assim.

A imagem o mostrava sob uma iluminação que ele mesmo não aprovaria atualmente, e, ao lado, a inscrição de seu nome, impresso na tinta escura:

STEVE HOLLAND

CAPÍTULO VINTE E SETE

NÃO PODIA ACREDITAR. Não queria. Não iria.

Mas desta vez, não era algo em que ela pudesse *escolher* acreditar. Ou que pudesse ignorar, de qualquer forma. Ele mentira, e não somente com palavras. Mentira em seus gestos, em suas ações, em suas promessas. Mas, por algum motivo, Alice ainda não se dera conta do real peso da situação. Era como se isso fosse algo previsível para ela, ainda que extremamente grave.

Era óbvio. Tão óbvio que ela mesma já pensara nisso. Brian não mentira para a empresa, mentira para *ela*. Mas qual seria sua intenção? Ele não esperava levar isso a fundo, esperava? E se as coisas ficassem mais sérias entre eles, seria capaz - e *teria a coragem* - de esconder esse segredo por tanto tempo?

Tinha que haver uma explicação. Mas não havia nenhuma. E ela sabia disso.

Por um momento, ficou a questionar-se por que não fora a fundo na possibilidade de ele haver mentido para ela em vez de para McStorm, naquela manhã.

Sentia-se usada. Não sabia para que, mas ainda que Brian lhe desse uma explicação, em sua mente nada justificaria aquilo. Jamais.

Não ouviu o que Yuri e Willy e Samantha disseram em nenhum momento do encontro. E não disse uma palavra. Sua mente estava voltada apenas para

uma coisa.

De repente, sentiu a extrema necessidade de não faze nada absurdo. Como se fosse ela quem tivesse que ter cuidado com isso. Mas... por quê?

Não queria perdê-lo, era certo. Só que...

Tudo estava indo tão bem. Ele tinha que ser tão estupidamente... o que quer que ele fosse?

Não conseguia pensar em um atributo desprezível no qual colocá-lo, em sua mente.

Ela não o amava, pelo menos disso podia ter certeza. Definitivamente não o amava.

...Certo?

• • •

ELE NÃO FALAVA quase nada, por pouco a respondia, enquanto caminhavam pelo parque na tarde de terça. Ele, Brian. Ou ele, Steve.

Alice também não estava muito a fim de conversar, mas tentava manter o assunto aceso ali ou aqui, sempre tentando influenciá-lo a falar sobre seu nome. Ou sobre seu passado. Ou sobre qualquer *porcaria* que a tirasse da situação em que estava, em dúvida, com mil e setecentas perguntas na mente, mal podendo concentrar-se em algo mais.

- Como vai aquela garota de quem você falou? Sua cliente, que está com problemas com a família. Não lembro como se chama... Cindy?

- Sim - ele disse, apenas.

- Acho que é um de seus casos mais interessantes. Por mais que seja bem simples. Está correto chamar assim? "Casos"?

- Não há problema.

Era como se ele soubesse que Alice havia descoberto. Ou como se não soubesse, mas suspeitasse, ou apenas pensasse que ela o faria em breve.

"Dane-se", pensou. Iria perguntar. Iria encará-lo e perguntar de uma vez por que fora tão covarde, o que quer que tenha feito.

Engoliu em seco. Puxou ar, formulou a frase, abriu a boca e preparou-se para falar...

- Tenho que ir.

Alice parou de caminhar, e ele também o fez e prosseguiu:

- Desculpe, é que eu... esqueci que... tenho um encontro com um cliente

daqui a dez minutos. Com esta mesma garota, Cindy... Sinto muito.

Ele não esperou que Alice dissesse nada. Apenas virou-se, com as mãos no bolso do casaco, e se afastou.

Ela o viu ir embora. Sem compreender exatamente o que havia acontecido.

• • •

O NÚMERO AO qual você ligou não está disponível no momento. Deixe seu recado ou tente novamente mais tarde - a voz que parecia mais robótica que humana informou. Alice desligou a ligação e respirou fundo, de olhos fechados.

Tentou outra vez. Não houve resposta. Pulsou 2, para deixar o recado:

- Brian, sou eu. O que houve hoje à tarde? Me ligue.

Ela olhou para fora, pela janela do quarto. Mordeu o lábio.

Desligou.

CAPÍTULO VINTE E OITO

"OI. SOU EU OUTRA vez. Escute, nós... precisamos conversar. Sei que há algo não resolvido. Estará livre esta tarde? Me ligue."

Alice pegou uma caixa de sabão em pó, mas repensou e devolveu-a à prateleira, entre as demais.

Seguiu.

Pegou uma garrafa vinho. Adicionou-a ao carrinho.

Seguiu.

Pegou um pacote de batatas.

"Brian, o que há de errado? Olhe, eu descobri algo sobre você. Mas... está tudo bem. Precisamos nos encontrar e conversar. Vou esperar sua ligação".

À noite, Alice jogou *Fat Princess - Fistful of Cake* outra vez. Perdeu. Largou o controle. Deitou-se. Suspirou.

Foi até a cozinha tomar um suco.

Preparou-se para ensaiar o próximo roteiro.

"Brian, sou eu outra vez. Escute, nós não podemos continuar assim. Me ligue, hoje ou quando puder.

Espero sua ligação."

CAPÍTULO VINTE E NOVE

ESTAVA CHUVENDO.

O céu se tornara uma imensidão cinza, completamente coberta por nuvens. Alice, inexpressível, encostava-se na janela, vendo as gotas caírem sobre a estrada molhada. Ninguém na rua.

De dentro do quarto, ouvia o barulho da chuva abafado, mas, ali à janela, podia ouvir o mesmo barulho de maneira nítida.

Ele entraria em contato em breve. O único problema era que ela já não queria isso, pois sabia o que ele iria dizer quando a telefonasse.

Diria que não a ama.

E ela também não o amava, mas... "Mas o quê?", pensou, sozinha no quarto.

Havia esquecido como era a sensação de sentir-se bem. De estar com alguém que a amasse. Exceto que, agora, esse alguém não a amava. Não mais. Ou talvez nunca a tivesse amado.

Sentiu as lágrimas brotarem. Espremeu os lábios. Fechou os olhos. Baixou o rosto, tentando esconder-se de si mesma. Soluçou.

Havia muitas coisas que ela não conseguia entender, muitas coisas sobre as quais gostaria de falar com ele. Mas naquele momento apenas uma preocupava sua mente, a implodir como uma partícula sobrecarregada. Em que ponto de sua história ela se tornara uma pessoa tão dependente?

• • •

ÀS 7:30 DA noite, abriu a garrafa de vinho. Colocou uma música para tocar, *Snowflake*. E dançou na escuridão do quarto, seguindo seus próprios passos, abrindo e fechando e semicerrando os olhos à medida que se movia lentamente ao ritmo da música.

Bebia a taça de vinho e voltava a preenchê-la, e assim fez até que percebeu que a garrafa estava vazia e deitou na cama, pensando na vida. E nas possibilidades. E em Brian.

Até que dormiu.

• • •

QUANDO ACORDOU, AINDA era noite. Tarde da noite.

Demorou um minuto para lembrar onde estava exatamente, então afastou-se o suficiente para erguer a mão, pegar o celular e olhar as horas, ainda deitada. 2:35.

- Caramba... - sussurrou.

Foi até a cozinha, aproveitando para levar a garrafa vazia e a taça de volta e deixá-las na prateleira. Quando voltou, percebeu que havia um papel no chão, pouco distante da porta - o qual ela não lembrava de ter deixado cair. Mas poderia muito bem tê-lo feito, não sabia, não importava. Pegou-o.

QRF-4487

Nele, havia apenas números e letras (e hifens?), mas não podia ter certeza. Não conseguia ver direito. Talvez por que o ambiente estava quase completamente na escuridão? ...Talvez o quê?

Esqueceu o que estava pensando. Foi para a cama. E voltou a dormir.

CAPÍTULO TRINTA

O REFLEXO NO ESPELHO NÃO se movia. *Ela* não se movia. Nem piscava os olhos. Nem expressava nada. Sentia dor de cabeça.

Percebeu que tinha olheiras, um tom suavemente escuro sob seus olhos.

Lembrou do papel. Quem sabe faria algum sentido, agora que estava sóbria. Tardou alguns segundos para encontrá-lo no meio da bagunça que fizera na noite passada, mas enfim viu-o, dobrado por baixo de outros papéis amassados sobre a escrivaninha. Checou outra vez.

QRF-4487

A combinação incomum escrita no papel coincidiu com alguma lembrança em seu cérebro, simplesmente não lhe era estranha. Assim como a caligrafia.

Quem passara o papel por sob a porta? Ele? Brian?

Tudo se tornou mais estranho, tanto que ela decidiu não se importar mais. O celular emitiu um som de notificação. Tinha uma nova mensagem. De Yuri McStorm.

Ignorou.

Alice não fez praticamente nada pelo resto do dia, passou a maior parte de sua manhã deitada no sofá, pensando, e pensando. E pensando...

• • •

COMEÇOU A CHOVER por volta das 20:45, no momento exato em que ela tomou sua decisão.

Iria até o apartamento dele. Iria e perguntaria que *raios* ele estava tentando jogar. Devia ter feito isso muito antes, era uma pena que não tivera coragem. E nem ele, pelo que agora notava.

Mas a chuva não tornaria isso mais fácil. Pelo contrário.

Ou talvez fosse um sinal. Se esse tipo de coisa existia. Um sinal de que ela... tivesse que esperar, talvez?

Sabia muito bem que estava com medo de perde-lo, e não importa o que dissesse a si mesma, isso não mudaria. Mas o que mais a feria era imaginar que já o havia perdido. Com um suspiro, decidiu esperar. Não o visitaria até o dia seguinte, especialmente porque voltara a ansiar por sua ligação, por ouvir sua voz nem que fosse uma só vez mais. E, como agora percebia, valia a pena esperar por isso.

Se Brian não ligasse até o dia seguinte - e ela não esperava que ele fosse, infelizmente -, iria até ele.

• • •

22:45.

Ela não se sentia bem. Desta vez, nem mesmo fisicamente.

Sentiu os olhos arderem e deixou que as lágrimas saíssem, mas não sabia mais por que estava chorando. Se por ele, se por ela mesma, se pela vida em si. Tudo que sabia era que seu peito doía, como se sentisse seu próprio coração parar de bater.

Chorou mais ainda, soluçando sozinha na escuridão do quarto.

...Ou talvez ela fosse o problema.

Ficou de pé.

...Talvez ela fosse a culpada por ele ter se afastado, como fora culpada pela morte de Martha.

Caminhou até a escrivaninha.

...Talvez ela pudesse alterar a fonte de defeitos?

Abriu a gaveta.

Pegou a tesoura fio navalha. Ergueu-a à altura do pescoço. Espremeu os

dedos contra o material enquanto sentia as lágrimas saírem como água de uma fonte.

As mechas de cabelo caíam ao chão, fios soltos e tufos sem emitir som. Mudos, mas gritantes. Leves, mas pesados. Carregados de toda a dor de um alguém que tentava ser feliz.

Ela parou, soluçou mais, vendo seu reflexo no espelho. O cabelo agora curto, na altura do pescoço. Lançou-se sobre a cama.

E ouviu o celular tocar.

CAPÍTULO TRINTA E UM

ALICE RECEBEU A CHAMADA exatamente à meia-noite.

Seus pés descalços apalpavam o chão enquanto ela, com os olhos cansados de tanto chorar, nada expressava, na escuridão do quarto. Sentada na cama, olhava para sua própria silhueta refletida no espelho à frente, causada pela luz da lua a entrar pela janela. O cabelo cortado rigidamente na altura do pescoço. O rosto silencioso. Pequenas olheiras embaixo dos olhos.

Triste, porém inexpressiva. Apenas ouvindo o som abafado da chuva pesada cair sobre a cidade às 23:59.

Olhou para o chão. Para as mechas de seu cabelo negro cortadas, incompletas, jazendo sobre o cascalho frio que ela podia sentir com a planta dos pés. Olhou para a tesoura em sua mão. Largou-a, ouvindo em seguida o tilintar do metal batendo contra a laje obscura de onde se desenhavam figuras geométricas tão melancólicas quanto a própria escuridão.

Jogou-se de costas, sem olhar ou se importar onde cairia, e sentiu a maciez da colcha sob suas costas. Os pés deixaram de tocar o chão.

Ela já sabia. Sabia o que estava a ponto de acontecer. Mas não tinha medo de simplesmente deixar acontecer.

Viu um clarão que iluminou o quarto por uma fração de segundo. Ouviu um trovão. E, de maneira tão súbita que em outro momento lhe daria um breve susto, o celular vibrou. Três vezes.

Ela já sabia. Sabia quem a estava chamando. E sabia o que ele queria. E

ainda não estava com medo de deixar acontecer.

Hesitou por um instante, depois ergueu-se rapidamente até alcançar o dispositivo e o agarrou de sobre a escrivaninha.

Atendeu.

Houve um longo silêncio, com o barulho da chuva a soar baixinho no fundo.

- Alice? - A voz saía com ruído, provavelmente por causa da chuva. Ou não.

Mais uma vez, ele chamou:

- *Alice?*

Ela apenas ouvia sua voz, doce e simples. Em um tom que só podia oferecer paz e proteção, como sempre fora. Jamais ouvira aquela voz representar algo ruim, jamais.

De repente, ela viu todas as lembranças que tivera com ele passar por seus olhos, os tempos felizes onde os problemas eram enfrentados em vez de ignorados, onde seus sonhos, agora substituídos por alucinações, a lembravam de um futuro feliz. Ou normal. Ou de qualquer outro futuro que não fosse o que ela agora contemplava.

E, de repente, sentiu medo. O medo que devia estar sentindo horas trás, dias atrás. De deixar acontecer o que ela sabia que ia acontecer naquele momento.

Ela decidiu não responder, a fim de poder ouvir a voz dele uma vez mais, chamando seu nome. Mas suas esperanças não tiveram efeito. Em vez disso, ele começou a dizer o que a destroçou por dentro ainda mais, o que ela sabia que ele iria dizer, mas que agora a apavorava:

- Alice. Me desculpe por ter desaparecido de sua vida. Eu fui um covarde, não tive coragem de dizer que... não podemos mais ficar juntos

Ela se levantou. Coração acelerado.

Sim. Era exatamente isso que ela pensava que ia ouvir naquela chamada, e, por mais que já soubesse disso, agora que ele havia dito, a dor pareceu cem vezes mais forte. Tudo desabou. Podia sentir a escuridão se aproximando mais e mais, envolvendo-a com suas asas gélidas e sombrias enquanto ela só queria chorar. Tudo era muito melhor enquanto ainda estava na hipótese. Alguém enfiara uma adaga em seu coração com toda a força e o mais profundo que podia, só para vê-la sangrar. E esse alguém era ele.

Sentiu as lágrimas ardentes lutarem para se libertar, mas espremeu os olhos

por um segundo e as conteve.

Tristeza.

- ...Alice?

Ela finalizou a chamada, olhando fixamente para o vazio - se é que isso é possível. O vazio que acabara de surgir dentro dela.

Tinha que pensar mais rápido do que podia, então se contentou em precipitar-se sobre a primeira coisa que lhe veio à mente. Em uma velocidade que nem ela mesma podia imaginar, ajoelhou-se para pegar o casaco que jazia no chão ao lado de um par de sapatos *All Star*, vestiu o casaco, pôs os sapatos, foi até a porta, saiu do compartimento, levando o celular, atravessou o corredor sombrio de cuja parede branca à direita pendia uma cópia de *Guernica* no papel umedecido e desgastado.

Dirigiu-se à porta principal e abriu-a, sendo repentinamente atacada pela fria rajada de vento e gotículas de chuva com seu ruído depressivo. Seus cabelos – agora curtos - voando ao vento frio. Fechou os olhos e ergueu a mão aberta em uma tentativa fracassada de proteger-se do vento.

Subiu o capuz. Correu até o carro, atravessando o clarão de uma lâmpada focal amarelada de um poste sob a chuva, sentindo as gotas volumosas molharem o casaco às suas costas e o frio de congelar os dedos.

Entrou no carro, e só então sentiu a vibração do celular.

Atendeu.

- Alice, antes de tudo eu preciso te pedir que você não tente me impedir de fazer o que vou fazer. Sei que, para você, isso pode ser algo precipitado, mas acredite: não há outra saída. Você não sabe o que eu fiz. Eu... eu sou um monstro.

Surpreendentemente, Alice compreendeu o que ele quis dizer. O que ele estava a ponto de fazer.

- Mas... do que você está falando? *Não!* Você... você *não pode* fazer isso! Nunca!

Estacionou lentamente, sentindo pouca força que sobrara esvair-se dela.

O nervosismo a engolia enquanto abria a porta rapidamente, desejando que seus pés ficassem logo de fora para poder correr livremente até chegar onde queria.

Pequenos fragmentos de lágrimas já se acumulavam no canto dos olhos, misturados às gotas de chuva, tornando-se maiores. Um relâmpago brilhou no céu escuro, onde poucas estrelas podiam ser vistas, a maioria coberta por

nuvens noturnas que impediam a visão da imensidão.

Alice saiu do carro e entrou no edifício correndo. O pouco tempo que passara exposta à chuva fora suficiente para ficar encharcada, as roupas e o cabelo molhados. O vazio em todo o edifício permitia mais rapidez.

Chegando ao quarto, viu-o. Gotas surgindo e escorregando pelo rosto. Só agora desligou o celular, observando-o calada. Um longo silêncio surgiu, com intervalos nos soluços da jovem.

- Você não pode fazer isso... - Uma mecha se soltou e escorregou para a testa, cobrindo parte do olhar.

Correu bruscamente até alcançá-lo, no outro lado do amplo compartimento. Abraçaram-se.

Ela fechava os olhos com força, o rosto molhado, agarrada àquele corpo. Pressionava-o fortemente.

- Não pode fazer isso! - Sua voz estava abafada pelo casaco grosso de quem apertava, do jovem. - Não pode me deixar aqui! Nunca!

Um momento de silêncio antes de Alice levantar o olhar muito lentamente, para vê-lo imóvel.

- Não pode... - repetiu, apertando-lhe ainda mais.

Sentiu o toque no queixo. A mão dele, que o erguia devagar.

- Você ficará bem.

- Não! Sabe que nunca vou ficar bem! – Os braços envoltos nele davam-lhe mais vontade de apertar. – Não faça isso! Eu nunca esqueceria. – Procurou acalmar-se, embora fosse difícil.

O impossível acontecera. Ou estava prestes a acontecer. Um futuro negro parecia envolver a garota, triste, que poderia levar a dias sem sono, dias de choro, de dor, sofrimento.

- Por favor... – respirando profundamente, levantou o rosto molhado para o observar.

Ele estava imóvel, inexpressivo, vazio, sem compaixão, sem medo, sem ódio, sem amor por ela, sem demonstrar nem sequer um único ponto de qualquer sentimento existente em todo o universo. Seus olhos pretos a observar a chuva lá fora.

Pela primeira vez no grande espaço de tempo que ficaram juntos, desde que se conheceram, não podia impedi-lo. Perdera todo o seu poder sobre o jovem, e, ouvindo o ruído da chuva lá fora, sentia isso ainda mais.

Podia lembrar:

- ...Posso tentar adivinhar o que é? - ele perguntou.
- Claro - disse.
Ele esperou meio-segundo para seu primeiro palpite:
- ...Gravata?
- Gravata.
Riram. Ele a abraçou.
- Obrigado - disse, e afastou-se o suficiente para beijá-la, ainda a envolvê-la.

E agora ambos estavam ali, sozinhos. Alice chorando, ele inexpressivo.
- Já pensou em como ficarei se você fizer isso?
- Sim. Mas a alegria deve estar na maioria. Todos ficarão felizes, e apenas uma pessoa triste.
Já não se abraçavam.
- Uma pessoa que devia ter o mesmo valor de todos os outros juntos.
- Nenhum monstro deve ficar vivo. Ou perto de alguém. Eu preferia ter morrido, Alice.
- Do que está falando?
Viu aquele sorriso sem felicidade.
- Você ficará bem. – Virou-se para a janela, vendo a chuva grossa. – Mas, eu? Eu sou um monstro.
Alice suspirou.
Monstro? Pelo que ele se sentia tão culpado? Culpado a ponto de afastar-se de todos - não somente dela -, ignorar todas as suas ligações e de repente telefoná-la dizendo apenas que...
Por um instante, duvidou que isso tivesse qualquer coisa a ver com o fato de ele se chamar Steve. Ou com o papel passado sob a porta.
- Brian, eu... não entendo.
- Me diga uma coisa, Alice. Você me ama?
Ela engoliu em seco. Hesitou.
- E-eu...
- Ama?!
- Não posso saber se te amo. Porque não sei quem é você.
Ele ficou calado. Ela prosseguiu:
- Eu sei que seu verdadeiro nome é Steve Holland. Sei que você mentiu

para mim todo esse tempo.

- Alice, eu...

- Escute. - Interrompeu-o. Ergueu as mãos um pouco, em sinal de que queria deixar bem claro o que diria a seguir: - Eu não sei por que você mentiu. Não sei o que eu fiz para merecer isso. Não sei o que aconteceu em seu passado, ou o que está tentando esconder. Mas não faça o que está pensando em fazer. Não me deixe aqui, por favor.

Brian olhou para a ampla janela, para a chuva caindo sobre a cidade do lado de fora, para o frio noturno.

- Eu não menti a respeito de quem sou. Meu nome é Brian Woods, e sempre tem sido, desde três anos atrás. Desde a noite de 13 de junho em que eu dirigia mas não pude seguir porque a estrada estava fechada. Havia pessoas fazendo protestos. Tive que voltar e dobrar à esquerda.

Alice ouvia atentamente. Sentiu os olhos encherem de lágrimas, em silêncio.

- Tudo aconteceu tão depressa. Quando me dei conta, eu havia batido em outro carro. Minha cabeça estava ferida, eu sangrava. Não sei como não morri naquela noite, mas, se pudesse ter dado minha vida para salvar a da mulher naquele carro...

Alice começou a chorar.

- Havia uma garota no banco traseiro - Brian prosseguiu -, uma jovem. Eu pensei que as duas estivessem mortas. Não pude fazer nada, meu corpo tremia. Tudo que podia pensar era em fugir. Peguei o celular para chamar serviço médico, mas tive medo. Fiquei apavorado de que pudessem me acusar de algo. Desde aquela noite, quase todos os meus sonhos têm sido a respeito disso. E ainda hoje eu sinto o peso de tudo que aconteceu. Três anos depois, conheci a garota mais legal do universo. E começamos a nos dar bem, mas um dia ela dormiu em meu apartamento. Eu encontrei sua agenda. E vi que, nas páginas mais antigas, entre vários outros rabiscos, estava escrita a inscrição...

Alice completou as palavras dele, em um sussurro tão baixo que ele quase não escutou:

- Q-R-F-quatro-quatro-oito-sete...

Então de fato fora ele quem passara o papel naquela madrugada. Estivera ali, tão perto dela, mas sem que ela soubesse.

- Demorei para juntar as peças - prosseguiu -, por mais que estivesse óbvio.

A inocente garota havia anotado a placa do homem que assassinou sua mãe. E três anos depois, apaixonou-se por ele.

Alice caiu sentada na cama, não tendo forças para ficar de pé. Brian prosseguiu:

- Por três anos venho sofrendo de ansiedade sem que ninguém possa me ajudar, mas isso porque eu sou um assassino, Alice. E quem sabe, se eu houvesse morrido... - Deu um largo e profundo suspiro. - Sou psiquiatra - declarou. - Mas sou eu quem mais precisa de ajuda.

Alice sentiu a respiração faltar. Pôs a mão no peito. Seu coração batia acelerado. Deveria contar?

- E é por isso - adicionou ele - que eu *preciso* seguir em frente com isso.

- Ela estava bêbada.

Brian permaneceu calado por um instante, sem entender.

- O que disse?

- Minha mãe era uma alcoólatra, e tinha sido desde a morte de meu pai. Ela estava bêbada na noite do acidente. E eu... Bem, eu já não me importava se morreria ou não. A vida não fazia sentido para mim, porque meu pai, Mike Hannigan, havia falecido por ataque cardíaco. E eu me pergunto: de quem foi a culpa? De quem é a culpa por todas as mortes que acontecem no mundo?

- Alice...

- De ninguém. Ou de todos. Nós nos atormentamos com os fantasmas que criamos para nós mesmos. Eu passei estes anos me sentindo culpada. Ela estava frágil, precisava de mim. E você... pensando em tirar sua própria vida porque *pensou* que houvesse tirado a de Martha.

Não sabia o que pensar, ou o que dizer. Não compreendia o significado de suas próprias palavras. Tudo que sabia era que estava destroçada por dentro. Mas agora detivera-se para analisar melhor o que de fato acontecera três anos atrás, utilizando apenas os pequenos relances que Martha e Mike deixavam escapar de vez em quando. E percebeu que tudo começara muito antes daquela noite.

Seus pais estavam em processo de divórcio. Lembrava que Mike não aprovava a ideia, mas era como se não houvesse outra saída. Como se ainda amasse, mas ela houvesse feito algo que não poderia perdoar. De repente, Alice se pôs nos cenários de sua própria infância, vendo a si mesma e a eles. E a escapadas na madrugada, e discussões que acabavam em lágrimas, à vezes de um, às vezes do outro.

Ele a amava. Ou talvez amasse apenas o que haviam conquistado juntos. Uma família, uma casa, uma vida, uma garotinha de doze anos que dormia enquanto seu pequeno universo desmoronava a seu redor sem que ela se desse conta. Mas continuaram por mais um ano, ao final do qual se divorciaram definitivamente. Mike entregara-se à boemia, motivo que, um ano depois, levou à sua morte, que agora Alice suspeitava que não houvesse sido causada por ataque cardíaco.

Ele se entregara à própria morte. Esta fora a razão pela qual Martha se tornara alcoólatra. Sentia-se culpada.

Alice viu-a trancar a porta do quarto e chorar no chão, encostada na cama, com uma garrafa a seus pés e copo na mão. Inúmeras vezes. Mesmo depois de um ano desde a morte de Mike, nada mudara.

Sentiu vontade de abraçá-la. Mas não podia. Não podia abraçar o fantasma de sua mãe, a recordação daquele mesmo dia. Quando anoiteceu, Martha havia decidido pôr um fim a tudo.

Não fora um acidente. Sua intenção era reencontrá-lo, onde quer que ele estivesse. Em outra vida, ou em outra morte, ou no céu, ou no inferno. Onde fosse. E Alice não poderia dizer ao certo se estava fora de si. Não sabia o que havia além ou se de fato o reencontrara. Mas duvidava. Só lhe restava lamentar.

Continuou a ver. Viu a si mesma, mais jovem, sentada no mesmo lugar, em frente à mesma janela, olhando para a mesma rua, todos os dias. Estava sozinha. Não negava que eles merecessem ser felizes, como todos merecem, mas não deviam tê-la deixado.

Crescia. Sentada no mesmo lugar, em frente à mesma janela. Com as mesmas dúvidas em mente.

Viu quando ela própria decidiu regressar a Nova Iorque. Quando a chuva a prendeu no ponto de ônibus. Quando Brian apareceu e a convidou a entrar na chuva. Quando dançaram e se beijaram ali. Quando ele surgiu com o nome Steve, e em seguida afirmou que se chamava Brian. Viu os momentos que passaram juntos. Viu quando ele a pediu em casamento no verão seguinte. E quando mudaram para sua nova casa. E tiveram uma filha que era a cópia idêntica dela mesma. Viu-os rindo dos possíveis desencontros. Viu quando um dos dois passou do ponto. Viu todas as possibilidades de falharem, de criarem monstros para si mesmos e para seus filhos. Viu-os se divorciarem. E tudo voltar a acontecer.

Talvez ele estivesse certo.

Talvez não devessem estar juntos.

Alice foi até Brian e o abraçou. Fechou os olhos, esperando que estivessem tomando a decisão certa. ...Decisão certa? Será que havia alguma?

Brian a envolveu.

Não era culpa dele. Nem dela. Nem de Martha, nem de Mike, nem de quem quer que houvesse começado tudo.

Não era culpa de ninguém.

• • •

AO ROMPER A relação, decidiram deixar o universo escolher se voltariam a ficar juntos ou não. Se se reencontrassem, ao acaso, em algum momento, este seria o sinal.

No estado em que estava, Alice não poderia achar a ideia melhor. Após tomarem a decisão, ela simplesmente deixou de abraçá-lo e foi lentamente até a entrada do quarto.

Ainda não era hora de acabar. Ela ainda tinha uma coisa para dizer a ele.

Virou-se devagar, hesitando se realmente deveria dizer ou não, e adicionou:

- Obrigada pela gardênia.

PARTE IV

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

SARA INFORMOU QUE ELA e Toni não estavam mais juntos, na manhã que Alice decidiu visitá-la. Após passar cerca de quatro meses se distanciando de maneira considerável, focando em sua carreira mais que em qualquer outra coisa - o que acabou dando mais resultados do que esperava -, Alice foi vê-la. Sara estava bem, como sempre estivera, sorridente e disposta a aceitar o que a vida lhe desse. As duas marcaram de se encontrar novamente em breve.

Encontrou Billy por casualidade no domingo, enquanto fazia caminhada perto de *Hudson River Greenway*. Ele parecia feliz, se bem que um tanto cansado. Provavelmente também estava correndo, mas ela não sabia dizer ao certo se era isso mesmo apenas por olhar a roupa que ele usava. Billy lhe apresentou sua namorada, Cindy, cujo nome Alice recordava de algum lugar, e contou a história de como se conheceram. Ela trabalhava como garçonete na lanchonete em que ele e Alice haviam marcado de se encontrar meses antes. Não puderam conversar por muito tempo, portanto convidaram-na para um jantar na sexta.

Boris a visitou dois dias depois, perguntou como ia, disse que estava bem e informou que estava pensando em chamar Sara para sair. Alice aprovou a ideia, embora não soubesse por quê; afinal, Sara não demonstrava nenhuma necessidade de estar com alguém. Sorria não importava o que acontecesse.

Alice se sentiu incomodada em jantar com Cindy e Billy, especialmente por ser *Billy* quem a convidara. Quem sabe ela se sentiria mais à vontade com outro casal? Ou se *ela* estivesse acompanhada? Conversaram sobre empregos e fotografias, e Cindy lhe deu um ingresso para uma exposição de fotos que haveria em algumas semanas, host seria seu psiquiatra. Caso ela se interessasse.

Conheceu uma garota chamada Julia na *Hobbes' Ikea*, de longos cabelos cacheados a quase alcançar sua cintura. Parecia ser o tipo de pessoa com quem ela se daria bem, se fosse ficar mais tempo em Nova Iorque. Se não houvesse decidido voltar para Baltimore dentro de uma semana.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

SUAS ÚLTIMAS SEMANAS EM Nova Iorque passaram como uma só. Não havia muito que fazer em casa, até porque, dentro de alguns dias, não estaria mais ali.

Ajustou o necessário com Yuri, tudo que fosse relacionado a McStorm e aos contratos, o que não foi tão complexo quanto esperava. Despediu-se de Samantha e de Willy, e perguntou como se chamava o homem cujo nome ela não sabia. Teve uma pequena conversa com Yuri no terraço de McStorm, ao pôr do sol, o que a fez imaginar que sentiria falta de seus companheiros de trabalho, Sam e Willy com as mesmas conversas de sempre, fazendo perguntas um ao outro como se houvessem se reencontrado após um longo tempo separados - o que não acontecera, a propósito. Sentiria falta até mesmo do homem cujo nome ela agora sabia.

Despediu-se de Sara, que esperou vê-la em breve em alguma ocasião e contou-lhe que Boris a chamara para sair. Alice fingiu que ainda não sabia.

Visitou Boris pela primeira vez em vários anos. Ele contou como convidara Sara e, mais uma vez, Alice fingiu que ainda não sabia.

Tomara a decisão certa.

Não sabia o que esperar da vida, mas estava disposta a viver o que viesse.

Fez as malas.

Enquanto dobrava uma calça, enfiou a mão no bolso e retirou um pequeno

papel. Um ingresso. Para uma exposição de fotos.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

ALICE VESTIU O VESTIDO vermelho.

Pôs saltos stilettos.

Passou o batom vermelho.

Pegou a bolsinha vermelha.

Chamou um táxi.

Percorreu todo o caminho mergulhada em seus pensamentos. Sentia que não podia mais sair deles, não podia mais viver a realidade. Talvez ir ao evento ajudasse.

Seria bom fazer uma última coisa antes de deixar a cidade.

• • •

BRIAN LEMBROU DE piscar os olhos. Passara meia hora deitado na cama, apenas olhando para o teto e pensando no que viesse em mente.

Mudara de ideia mais de três vezes a respeito de ir ou ficar. Ele era o host do evento, seria esquisito se não estivesse presente. Talvez se a houvesse convidado, como pensara em fazer mais de dez vezes, estaria mais disposto a ir. Mas não a via havia meses. E ele não poderia quebrar o acordo, ou forçar o destino. Eles haviam decido deixar o futuro de sua relação nas mãos do universo. Haviam terminado, mas concordaram que, se o destino os trouxesse

a um mesmo lugar novamente, voltariam a ficar juntos.

Mas ele não se importava mais com isso. ...Destino? Será que isso existia?

Levantou-se. Era óbvio que não ficaria em casa apenas a refletir. Iria até a casa dela.

Esperava que não fosse muito estranho visitá-la a essa hora.

• • •

O LOCAL ERA uma enorme construção com três entradas e cinco colunas precedidas por cerca de vinte degraus. Havia algumas pessoas conversando de fora, pouquíssimas. Alice podia ouvir uma canção que vinha de dentro. *Dust It Off*.

Saiu do táxi. Disse ao taxista que voltasse em aproximadamente uma hora, pois não ficaria muito tempo. Subiu os degraus.

A canção pareceu subir de volume subitamente quando ela entrou. Um homem servia bebidas detrás de um balcão no canto da direita. Várias imagens eram iluminadas enquanto pendiam das paredes, artes e fotografias que possuíam mais histórias do que ela mesma. Uma escada subia à esquerda, na parede oposta à saída, e perto havia mais pessoas conversando. Homens e mulheres. Era como se anos de história e vida se encontrassem em um só ambiente, cada imagem sem receber a quantidade de apreciação merecida.

Alice foi até a escada e subiu.

Viu mais imagens, detendo-se em cada uma para tentar reviver o momento eternizado apenas com o olhar. Até que viu a si mesma.

Em uma das imagens estava ela. Sorrindo. Com um vestido branco. Segurando os longos cabelos com uma única mão, como se estivessem amarrados em coque. Uma das fotos que Brian tirara dela naquela manhã.

Então lembrou-se porque estava ali. Porque Cindy lhe convidara. E lembrou-se porque reconhecera o nome dela. E que ela dissera que seu psiquiatra seria o host da exposição. E deduziu quem seria o psiquiatra de quem falava.

Alice olhou ao redor. Viu pessoas paradas, observando as imagens.

...Estaria ele ali?

• • •

ELE ABRIU O guarda-roupa.
Separou o blazer.
Foi até o espelho.
Vestiu-o.
Pôs a gravata que ela lhe presenteara em seu aniversário.
Dobrou as bordas das mangas compridas.
Endireitou o colarinho.
Puxou o blazer para baixo duas vezes para que ficasse mais confortável.
Saiu do quarto. Passou pelo corredor. Desceu as escadas. Foi até o carro.

• • •

ELA FICOU PARADA, segurando a bolsinha vermelha nas mãos unidas em frente a seu corpo. Observando a imagem na tela diante de seus olhos, diante de suas lembranças. Como se pudesse ver a si mesma olhando para ele, naquela manhã. Como se estivesse ali, em um momento passado, a tentar reviver uma recordação não vivida.

Olhou ao redor, como se procurasse algo.

Foi dar uma volta pela galeria.

• • •

O FRIO ESTAVA mais forte que nas outras noites. Ele saiu do carro e se aproximou da casa. Apertou a campainha. Esperou. Não houve resposta.

Apertou outra vez. Esperou. Bateu na porta. Ninguém respondeu.

Tentou ver algo através do vidro da janela, mas tudo estava escuro lá dentro.

Ela não estava em casa. Para onde fora?

Olhou ao redor. Quem sabe era um sinal, de que não deviam se encontrar, por mais que ele quisesse, e ela... ela quisesse?

Voltou ao carro. Não tinha planos pelo resto da noite, portanto só lhe restava ir à galeria. Chegaria atrasado, pois a esta hora já teriam começado as exibições, mas não via muito problema nisso.

Já estava vestido, afinal.

• • •

ALICE DECIDIU IR para casa. Sabia que havia várias chances de encontrá-lo ali, mas não tinha certeza de que queria isso. Desceu as escadas, carregando a bolsinha na mão. Já se passara uma hora desde que chegara? Direcionou-se à saída. Cria que estivera lá dentro por tempo suficiente, portanto esperava que o taxista já houvesse chegado para levá-la à casa.

Saiu.

Não havia ninguém, nem mesmo as pessoas que antes se encontravam ali conversando. Ela desceu os degraus, chegando à estrada, e olhou para a esquina à direita e à esquerda a fim de ver se via o táxi vindo ao longe. Mas o único veículo em toda a rua era um *station wagon* cinza vindo ao longe. Alice deu um suspiro, depois virou-se e voltou a subir os degraus, enquanto o carro, agora já às suas costas, diminuía a velocidade e estacionava.

• • •

HAVIA APENAS UMA mulher de cabelo curto com um vestido vermelho quando ele chegou, e também esta se encaminhava para dentro.

Brian saiu do carro, passando a ouvir o som da música agitada que vinha do prédio. A mulher de vermelho não estava mais ali, provavelmente já havia entrado. Ele ativou o alarme, guardou o controle alarme pósitron e caminhou em direção à entrada, subindo os primeiros degraus.

Havia muitas pessoas dentro, e quase todas o cumprimentaram, sorridentes. Brian não tinha certeza de que conhecia nem a metade delas, mas sorriu e os cumprimentou, um a um. Ergueu o olhar, focando atrás de todos, onde a mulher de vermelho outra vez, apenas por um segundo. Tempo suficiente para que percebesse que ela se parecia muito com...

Um homem entrou em sua frente com um sorriso, e o cumprimentou. Tapando sua passagem e roubando sua atenção.

• • •

ALICE DEU MAIS um passo, saindo da estreita escada que levava ao terraço, e, como um passe de mágica, encontrou-se em um lugar mais calmo. A música agitada agora era abafada, tão baixa que Alice mal podia ouvi-la.

Viu o céu. As estrelas. Sentiu o vento frio bater em seu rosto.

Deu vinte passos contados, até chegar ao parapeito, de onde avistou a cidade. Pequenas luzes distantes traçando o horizonte de leste a oeste, e outra, vermelha, a mover-se no céu, piscando. Um Boeing 727.

Pousou a bolsinha sobre o parapeito e ali a deixou, para que pudesse debruçar-se sobre o mesmo. E pensar. E sentir o vento. E o sabor da noite.

Havia veículos de todos os tipos estacionados lá embaixo, como ela pôde perceber mesmo através da névoa que se revelava quando observada de onde ela estava. Outro carro chegou, um táxi, e estacionou ao lado da rua oposto ao prédio em que Alice estava. Ela viu um homem sair, de camiseta azul. Era o taxista, ele a estava esperando.

Alice voltou à porta que dava à escada estreita. Pediria que ele parasse em sua casa para que pegasse as malas, e então que fossem direto ao aeroporto.

Abriu a porta. Desceu.

• • •

BRIAN A PERDERA de vista por mais de cinco minutos. Observava as telas, de vez em quando entreolhando as escadas e olhando ao redor do segundo andar, onde estava.

Poderia não ser ela, é claro. Na última vez que a vira, estava com o cabelo curto, até o pescoço. Mas não imaginava que ela o tivesse mantido assim por seis meses, e, mesmo que tivesse, parecia... diferente. Isto é, se realmente fosse ela.

Foi até a imagem no lado esquerdo do amplo compartimento de paredes brancas, a imagem que ele escolhera para a exposição, a que achava mais bela.

Lembrou daquela manhã. E no mesmo momento, viu de relance alguém se mover de uma escada a outra, descendo ao piso inferior. Uma mulher de vermelho.

Brian demorou poucos segundos enquanto escolhia a qual de seus pensamentos dava atenção, até que decidiu segui-la apressadamente. Já a perdera de vista, mas talvez se descesse as escadas... Ele a viu ao longe.

Ela já atravessara metade da reta imaginária entre a escada e a saída e já percorrera todo o piso térreo. Caminhara rápido. Para onde estava indo? Para casa?

Brian se apressou, desviando-se das pessoas ao longo do percurso,

emitindo desculpas e "com-licenças" sempre que empurrava alguém sem querer, correu para alcançá-la antes que ela chegasse à saída. Esticou o braço em sua direção.

- Alice!

Ela parou, ainda de costas. Seu vestido vermelho combinando com todo o local. Virou-se.

- O senhor falou comigo?

Brian suspirou, ofegante. Percebendo que aquela mulher não era Alice. Mas tinha as mesmas características.

- Desculpe - disse Brian. - Pensei que fosse outra pessoa.

A mulher sorriu.

- Você é Brian Wood, não é? Eu... estou indo ao balcão. - Ela apontou para trás com o polegar. - Quer uma bebida?

Brian, agora com a respiração mais calma, endireitou-se. Olhou para o balcão atrás dela, a alguns metros dos dois.

Não entendia.

A pessoa que vira se parecia tanto com Alice! Seria possível que ela estivesse ali? Que houvesse seguido a pessoa errada?

- Não, obrigado - ele respondeu, a dois metros da saída. - Preciso tomar um pouco de ar.

• • •

DO LADO DE fora, Alice ergueu a mão para o taxista, a dez metros da entrada.

Frank O'Hara começou a tocar lá dentro.

Ela desceu os degraus enquanto ele ligava o carro. Entrou.

- Pode parar na Avenida Arthur antes de irmos ao aeroporto?

- Claro - disse o taxista.

Puseram-se em movimento. Ela repetiu a letra da canção em sua mente, antes de subir o vidro da janela.

E viu o prédio afastar-se, cada vez mais distante, enquanto a melodia desaparecia de seus ouvidos e passava a tocar apenas em sua mente.

• • •

ELE SUBIU OS primeiros degraus da escada estreita que dava ao terraço.

Não fazia muito sentido subir para poder respirar melhor, se antes teria que passar por um caminho tão estreito.

Não sabia por que queria vê-la tanto. Mas sabia que, o que quer que fosse, não a veria. Não naquela noite.

Abriu a porta.

• • •

TALVEZ NÃO FOSSE a melhor ideia deixar a cidade sem antes despedir-se dele. Ou talvez fosse. Ela não sabia, como raramente sabia qual a decisão certa. Precisava arriscar.

De qualquer forma, já estava a caminho. Apenas queria ter certeza de que não se arrependeria de sua escolha. Quem sabe fora ao evento apenas como uma desculpa para si mesma. Quem sabe sua real intenção era reencontrá-lo.

Alice tinha algo para dizer a ele, isto era certo. Algo que não dissera em nenhum momento. E, não importa quando se veriam novamente - *se* se vessem novamente -, esta seria a primeira coisa que lhe diria.

Não o amava. Ou pelo menos esperava que não o amasse. Apenas não queria sair assim, de mãos vazias. De mãos... vazias?!

Alice tocou o banco do carro, olhando ao redor. Onde estava sua bolsinha? Seria possível que...? Não... Não teria esquecido sobre o parapeito, teria?

...Teria?

- Pare o carro!

• • •

HAVIA UMA BOLSINHA vermelha sobre o parapeito, tendo o céu estrelado como plano de fundo a dar-lhe exuberância.

Brian se aproximou. Olhou ao redor, girando lentamente, para ver se havia mais alguém ali. Pousou as mãos no parapeito, fitando o horizonte escuro e sentiu o frio noturno.

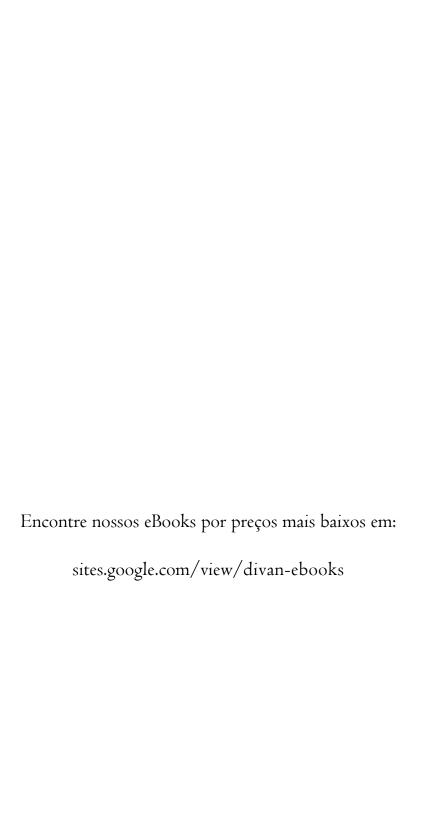
Ouviu passos fechados de saltos stilettos vindos detrás de si, da escada estreita. Começaram frequentes e distantes, então, à medida que se aproximavam, diminuíram. Como se, quem quer que fosse aquela pessoa, estivesse surpresa por ver outro alguém ali encima. Provavelmente viera pela

bolsinha, o mais provável era que alguém a houvesse esquecido ali.

Ouviu um riso baixinho. E um suspiro profundo, de alívio e gratidão, ainda sem entender ao certo.

- Imaginei que poderia encontrá-lo por aqui, Estranho - a voz disse. *Ela* disse.

Brian fechou os olhos. Suspirou.

E virou-se.

Também de Divan Braga:

A Revolução do Poeta
Categorias: Poesia, Crítica, Romance

Sinopse:
Série de poemas que seguem seu caminho enquanto se libertam da estrutura tradicional da poesia, até atingirem um estado completamente livre dos termos padrões.